

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO**

ANDRÉIA MARIA CARDOSO BORGES

**COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: FEMINISMOS NAS NARRATIVAS DAS
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.**

PONTA GROSSA

2024

ANDRÉIA MARIA CARDOSO BORGES

**COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: FEMINISMOS NAS NARRATIVAS DAS
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.**

Dissertação apresentada à banca examinadora,
como requisito parcial para obtenção do Título
de Mestre em Educação, do Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Estadual de Ponta Grossa - UEPG.

Orientadora: Professora Doutora Bettina
Heerd

PONTA GROSSA

2024

B732 Borges, Andréia Maria Cardoso
 Comunidade de aprendizagem: feminismos nas narrativas das estudantes
do Ensino Médio / Andréia Maria Cardoso Borges. Ponta Grossa, 2024.
 135 f.

 Dissertação (Mestrado em Educação - Área de Concentração: Educação),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientadora: Profa. Dra. Bettina Heerdt.

 1. Estudantes - Ensino Médio. 2. Feminismos. 3. Comunidades -
aprendizagem. 4. Estudos feministas. 5. bell hooks. I. Heerdt, Bettina. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educação. III.T.

CDD: 370.115



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

ANDREIA MARIA CARDOSO BORGES

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: FEMINISMOS NAS NARRATIVAS DAS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador (a): Profª. Dra Bettina Heerdt - UEPG - (Presidente)

Profª. Dra Fernanda Antunes Gomes da Costa - UFRJ

Profª. Dra Marcela Teixeira Godoy - UEPG



Documento assinado eletronicamente por **Bettina Heerdt, Professor(a)**, em 11/03/2024, às 12:07, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Marcela Teixeira Godoy, Professor(a)**, em 11/03/2024, às 14:14, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Antunes Gomes da Costa, Usuário Externo**, em 22/04/2024, às 15:42, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1886852** e o código CRC **9FDD0A16**.

23.000078836-2

1886852v3

Dedico esse trabalho as gerações
passadas de mulheres feministas,
principalmente as que perderam suas vidas,
para que hoje eu e tantas outras mulheres
sejamos livres.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora, que por meio da minha Fé, me fortalecem para vencer os dias nublados da minha existência. Ao meu anjo da guarda, o qual eu sinto a presença diariamente e a minha Maria do mar Iemanjá Odoyá.

A minha amada família, meu pai Carmélio, exemplo de responsabilidade com o trabalho. A minha mãe Dirce Maria, que mesmo com tantas dificuldades como esposa cuidou de todos nós. A minha irmã Denise, a quem eu chamo carinhosamente pelo apelido de Tia, a quem eu devo ser a mulher que sou hoje, obrigada por ser uma das maiores referências de amor e cuidado para mim. Aos meus irmãos, Julio e Reginaldo pelo apoio de sempre, por lutarem por mim tantas vezes mais que eu mesma.

Assim como à minha família estendida, aos meus sobrinhos, meus afilhados, cunhadas Laura e Andressa e cunhado Matheus, primos e primas, principalmente Laury e Lilian, em memória, à minha avó Donaria e minha tia Maria Anita, com quem eu aprendi a ser uma tia maravilhosa e que me ensinou a força de uma tarde de café. Como dói as saudades. Obrigada tia por tantas risadas e lembranças boas na minha infância e adolescência, você foi a única, para sempre.

A minha irmã de alma Leriane, meu anjo terrestre, obrigada por dividir seus filhos comigo e permitir que eu seja um pouquinho mãe da Helo e do Lucas meus amores. A minha comadre Tati com que divido tantos momentos da minha vida. Obrigada por me permitir ser Didi dos seus filhos a quem eu amo Luan e Julia.

Agradeço ao grupo de estudos e pesquisa em ensino de ciências (GEPEC – gênero) o qual faço parte. Agradeço a todos os integrantes do grupo pelas leituras e sugestões de todas as etapas desta pesquisa. Ao meu amigo Igor Ruan, quem me apresentou o Programa de Pós-graduação e me auxiliou em todas as dúvidas até a vitória de passar na seleção. A quem conheci durante o mestrado, em especial à Alexia, com quem dividi as angústias e alegrias dessa caminhada. A Dani pelas conversas, caronas e risadas. E a doutoranda Bruna que me auxiliou nos encontros dessa pesquisa.

A UEPG instituição que forneceu meu diploma em Licenciatura em Ciências Biológicas e com ele minha profissão qual eu amo tanto e me permite conquistar tantas coisas. Ao Programa de Pós-graduação em Educação-UEPG pela realização de um sonho: ser Mestre em Educação.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Bettina, que com sua gentileza, generosidade e paciência, guiou-me pelos caminhos até aqui percorridos. Quando entrei no mestrado, orei a Deus para contar com uma orientadora boa e humana. Você é isso e muito mais. Sorte das orientandas e orientandos que cruzem seus caminhos. Gratidão.

À Profa. Dra. Marcela e à Profa. Dra. Fernanda, agradeço gentilmente pelas contribuições tão valiosas na banca de qualificação, que edificaram a conclusão desta pesquisa. Agradeço as estudantes participantes, por suas confissões que permitirão que a nossa comunidade acontecesse.

Agradeço aos revisores e revisoras desse trabalho e a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente, a distância ou presencialmente para a conclusão dessa pesquisa. Por fim, agradeço à bell hooks que me ensinou que sem amor nossas vidas são sem significado, que o Feminismo é para todo mundo e sobre a importância de ouvir minhas alunas e alunos e com eles esperar.

ESPERANÇAR

(Targelia de Souza Albuquerque)

A esperança é um bichinho danado
que entra no nosso corpo,
chega à mente e alcança a nossa alma.

Faz cócegas, desestabiliza,
Acorda e denuncia.

Quando tendemos a paralisar,

Ele não para
de atçar até a gente acordar para a vida
e voltar a acreditar.

A esperança é um bichinho
esperto, que não nos deixa sucumbir.

A esperança junta pedaços e deixa o país inteiro,
quando, os tiranos só tentam fragmentar e despedaçar.

Esse bichinho danado nos anima a reunir e anunciar.

Esperança junta gente que luta pela vida.

Nelas, faz moradia.

A esperança gera anticorpos e está sempre lá para ativar energia.

A esperança é um bichinho danado
como a saudade que se instala na nossa vida
e não quer se mudar.

A esperança denuncia, anuncia e transforma.

Isso é esperançar.

A esperança não é ele nem ela.

É Pan-universal. É plural!

Esperança do verbo esperançar,
que junta fios do viver e
se tece em uma profunda fé nos sujeitos humanos.

Eita bichinho danado que penetra no corpo e na alma,
Revelando um intenso amor ao mundo,
à natureza, aos povos e às nações.

Esperança que toca sinos nas igrejinhas e catedrais,
para anunciar que a justiça não morreu.

Esperança

é um bichinho esperançoso que
não deixa a gente sossegar,
pois ninguém espera sozinho.

Esperamos em comunhão.

Seja em um breve instante ou durante cem anos.

Com Paulo Freire e bell hooks vamos esperar.

Lutar em favor da vida,

E combater essa terrível pandemia
do coronavírus.

Esperança é um bichinho
impertinente, presente, decente, instigante.

Esse bichinho danado que não é fé
mínimo nem masculino.

É um arco-íris multicolor que anuncia a
passagem da opressão para a liberdade.

É verbo, é palavra, é diálogo, é práxis,

É tempo de anúncio,
de solidariedade, libertação.

Vamos esperar!

Dizer não à tirania.

Lutar pela democracia.

ESPERANÇAR!

RESUMO

A presente dissertação visou criar uma Comunidade de Aprendizagem segura e acolhedora, baseada no pensamento de bell hooks. Visto que os discursos feministas nos últimos anos circulam com maior frequência, formou-se uma nova geração de mulheres que se reconhecem naquele movimento social, político e filosófico. No entanto, o feminismo não pode ser pensado como único, mas como um movimento complexo, que provém de diferentes lugares e epistemologias. A problemática proposta é: como circulam as narrativas das estudantes do Ensino Médio em relação aos feminismos e seus desdobramentos num diálogo em uma comunidade de aprendizagem? Ao problematizar o tema feminismos nas narrativas das estudantes, ressaltamos que estamos comprometidas com um feminismo de direito à vida, com o bem-viver e com a liberdade. Nesta pesquisa, o objetivo geral foi compreender as narrativas feministas das estudantes do Ensino Médio e seus desdobramentos no decorrer de uma comunidade de aprendizagem. Aspirando alcançar este objetivo, trazemos como objetivos específicos: (res)significar as narrativas das estudantes a partir de diferentes referências teóricas e feministas; evidenciar diferentes opressões narradas pelas estudantes e esperar, a partir das narrativas das estudantes, outras e possíveis existências. Nosso caminho teórico e metodológico baseiam-se nos estudos feministas e nas teorizações de bell hooks. As narrativas foram produzidas por meio de comunidade de aprendizagem que é o ponto central da prática educativa da educadora. Os encontros da comunidade abordaram temas como as narrativas autobiográficas, feminismos, opressões e solidariedade feminina e participaram da comunidade dez meninas em contraturno escolar. Durante a análise foram identificadas narrativas que questionam a desigualdade de gênero na profissão, na política e no lar; narrativas do feminismo “bom” ou “ruim”; as narrativas que persistem como a mulher e o cuidado; narrativas que denunciam opressões, violência, e controle sobre o corpo; narrativas que não reconhecem violências e opressões e narrativas dos direitos das mulheres. A comunidade também foi um espaço de esperar: a consciência racial; o acolhimento das mulheres e a imaginação. A comunidade de aprendizagem, fortaleceu os laços entre as participantes, promoveu reflexão ao compartilhar histórias e é uma forma valiosa de ensinar pensamento crítico e desafiar suposições.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes do Ensino Médio. Feminismos. Comunidades de aprendizagem. Estudos feministas. bell hooks.

ABSTRACT

This research sought to create a safe and welcoming learning community, based on bell hooks thinking. Feminist speeches have circulated more frequently in recent years, and with these speeches a new generation of women recognize this social, political and philosophical movement. However, feminism cannot be thought of as unique, but as a complex movement, which comes from different places and epistemologies. The proposed research question is how do high school students' narratives circulate in relation to feminism and its developments in a dialogue in a learning community? When problematizing the theme of feminism in the students' narratives, we emphasize that we are committed to a feminism of the right to life, good living and freedom. In this research, the general objective was to understand the feminist narratives of high school students and their developments throughout a learning community. Aspiring to achieve this objective, we have the following specific objectives: (Re)signify the students' narratives based on different feminist theoretical references; highlight different oppressions narrated by the students and hope from the students' narratives for other possible existences. Our theoretical and methodological path is based on feminist studies and bell hooks' theorizations. The narratives were produced through a learning community that is the central point of bell hooks' educational practice. The community meetings addressed topics such as autobiographical narratives, feminism, oppression and female solidarity. 10 girls participated in the community after school. During the analysis, narratives were identified that question gender inequality in the profession, in politics and at home; narratives of “good” or “bad” feminism; narratives that persist about women and care; Narratives that denounce oppression, violence, and control over the body; narratives that do not recognize violence and oppression; and women’s rights narratives. The learning community strengthened bonds between participants, promoted reflection by sharing stories and is a valuable way to teach critical thinking and challenge assumptions.

KEYWORDS: High school students; Feminisms; Learning communities; feminist studies, bell hooks.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Apresentação de charge	45
FIGURA 2 - Nuvem de frases que as Deusas da nossa comunidade de aprendizagem disseram a elas mesmas, e a outras mulheres	82

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Total de artigos selecionados relevantes para nossa pesquisa encontrados.....30

TABELA 2 - Total de dissertações e teses encontrados nos repositórios..... 33

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CGU	Controladoria Geral da União
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IPSON	Instituto de Pesquisas de Mercado e Opinião Pública
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Assexuais +
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexos +.
REPEM	Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina
RS	Rio Grande do Sul
RPC	Rede Paranaense de Comunicação
SEED	Secretária da Educação do Paraná

SUMÁRIO

MINHAS NARRATIVAS CONFESSIONAIS	15
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1: CAMINHOS TEÓRICO METODOLÓGICOS	29
1.1 REVISÃO DE LITERATURA	29
1.4 COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: CADERNO DE ARTISTA E AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	42
1.4.1 Comunidade de Aprendizagem: “Feminismos: significados e conceitos”	46
1.4.2 Comunidade de Aprendizagem: “Esperançar”	48
1.4.3 Comunidade de Aprendizagem: “Solidariedade feminina”	50
1.5 AUTOBIOGRAFIA DAS ESTUDANTES.....	51
CAPÍTULO 2: “NARRATIVAS CONSTRUÍDAS EM NOSSA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM”	55
2.1 ANÁLISES DAS NARRATIVAS DAS ESTUDANTES DA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM.....	55
2.2 NARRATIVAS QUE QUESTIONAM AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NA PROFISSÃO, NA POLÍTICA E NO LAR.	57
2.3 NARRATIVAS DO FEMINISMO: “BOM OU RUIM”	60
2.4 NARRATIVAS QUE PERSISTEM: MULHERES E O CUIDADO	61
2.5 NARRATIVAS QUE DENUNCIAM DE OPRESSÕES, VIOLÊNCIAS E CONTROLE SOBRE O CORPO	62
2.6 NARRATIVAS QUE NÃO RECONHECEM VIOLÊNCIAS E OPRESSÕES	70
2.7 NARRATIVAS DOS DIREITOS DAS MULHERES.....	71
CAPÍTULO 3: ESPERANÇAR JUNTAS	73
3.1 ESPERANÇA NÃO É ESPERA, É CAMINHO	73
3.2 ESPERANÇAR: A CONSCIÊNCIA RACIAL	74
3.3 ESPERANÇAR: O ACOLHIMENTO DAS MULHERES	76
3.4 ESPERANÇAR: A IMAGINAÇÃO	80
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	85
REFERÊNCIAS	88
ANEXO A - PARECER DO CÔMITE DE ÉTICA	94
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E ASSENTIMENTO DO MENOR.	95
ANEXO C - TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO LIVRO INTELECTUAL DIFERENTONA EM VERSO E PROSA DA AUTORA BÁRBARA CARINE	97

ANEXO D - CONTOS LIVRO EVARISTO, CONCEIÇÃO OLHOS D'AGUA	
INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES	101
ANEXO E - COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM	118
ANEXO F -TEXTOS DOS ESTUDOS DE CASO.....	134

MINHAS NARRATIVAS CONFSSIONAIS

Na educação libertadora, as alunas¹ não são as únicas chamadas a partilhar e a confessar, afinal, as professoras também podem e devem compartilhar suas narrativas confessionais (hooks, 2017, 2020, 2021). Assim começo minha confissão. Nasci com o privilégio de ser mulher. Eu, Andréia Maria, como gosto de ser chamada, acreditava ter esse privilégio, pois sempre gostei do que se diz ser feminino, dos adornos, das maquiagens, das roupas coloridas, com flores e borboletas e os cabelos compridos.

Acreditei nesse privilégio até os 12 anos, quando comecei a entender o fardo e a cobrança de ser mulher. Eu estava sempre fora do peso “ideal”; na adolescência, ficaram mais fortes as cobranças e o olhar da sociedade, por estar fora do “padrão de beleza”. Como mulher negra, meu cabelo afro incomodou até a minha mãe, mulher branca, de modo que, por ser muito volumoso, não sabíamos arrumar e o resultado era sempre retornar dos salões chorando, com os cabelos curtos por vontade da minha mãe. Mas eu amava meus cabelos compridos.

Não quero e nem pretendo aqui julgar a minha mãe, mulher que eu amo muito, pois ela é mais uma vítima da sociedade patriarcal em que vivemos. Nasceu no interior em uma família muito humilde e com minha tia, foram preparadas para serem boas esposas e cuidar dos filhos. Na sua região, uma vizinha era a professora e estudou até a 2^o série do Ensino Fundamental I. Assim como várias outras mulheres, minha mãe não teve acesso a outras culturas para ampliar sua visão de mundo. Hoje, percebo que ela, além de vítima, foi também reproduziu comportamento que atualmente compreendo como atitudes sexistas². Somos quatro filhos, dois meninos, eu e minha irmã. Em nossa casa, eu e minha irmã éramos responsáveis por ajudar com as tarefas de casa, enquanto meus irmãos e pai jogavam bola ou andavam de moto pelo bairro.

¹ Essa pesquisa é escrita em linguagem feminina visando combater o sexismo existente na língua portuguesa. Diversos manuais têm sido lançados com a intenção de combater o sexismo do idioma brasileiro. Um dos exemplos é o Manual para o uso não sexista da linguagem (2006), publicado com o apoio da REPEM (Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina), para ser distribuído pela internet para o Brasil e países africanos de Língua Portuguesa. A Língua Portuguesa apresenta os gêneros masculino e feminino, porque não os usamos quando falamos, escrevemos ou lemos? Por sua origem, não se caracteriza como uma ferramenta de comunicação sexista, mas sim como a utilizamos faz com que haja discriminação entre mulheres e homens. Da mesma forma que contribui para a discriminação de gênero, a linguagem pode ser utilizada para reforçar estereótipos impostos culturalmente. (Governo do estado do Rio Grande do Sul, 2014, p.13).

² Para hooks (2020) o sexismo é a violência e objetificação sexual fundamentada na organização patriarcalista da sociedade, que força as mulheres a trabalhos domésticos e reprodutivos. É um resquício da cultura patriarcal um instrumento utilizado pelo homem para garantir as diferenças de gênero, que normaliza o poder do homem na sociedade, uma demonstração política de seu poder e dominação).

Sou cisgênera, heterossexual, mas segundo minhas amigas LGBTQIA+, tenho a alma gay, por ser sensível, companheira, gostar de moda, sempre ofertar um ombro amigo e incentivá-las a lutar pelos seus espaços, ou seja, identificar-me com elas. Formada em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná. Desde 2013, leciono como professora colaboradora na rede básica de ensino, para todas as séries do Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e na Educação Especial, na Secretaria da Educação do Paraná – SEED.

Encontrei-me e me realizo todos os dias no ofício de ser professora. Em meu ambiente de trabalho, observo que a construção da professora(o) é uma jornada infinita, que a qualidade profissional interfere na dedicação, no empenho, nas práticas desenvolvidas em sala de aula, porque as alunas e alunos nos dão esse retorno. Essa jornada é conquistada por meio de formação continuada. Com os anos de experiências, observo como nossas opiniões e atitudes, tanto pessoais como profissionais, influenciam como nossas alunas e alunos pensam. Por esse motivo, acredito que a busca pela autoatualização³ é um caminho que prezo. Acredito também, como bell hooks (2017), na educação como prática da liberdade em que ensinar é sempre partir do pressuposto que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para professoras que creem que sua vocação tem um aspecto sagrado, que o nosso trabalho não é somente o de partilhar informação, mas de participar intelectualmente e espiritual da vida das nossas alunas.

Minha única irmã mulher, durante seu período escolar, sob a influência das suas professoras, começou a entender a importância dos estudos, principalmente as mulheres como forma de libertação. Em casa, foi ela que me provocou e sempre dizia: “você tem que fazer faculdade, ter uma profissão”. Com esse pensamento, cresci e conforme comecei a trabalhar, já sentia a potência de uma mulher livre. Nessa fase da minha vida, achava-me “a feminista”, mas não sabia o que era realmente pertencer e ser formada por esse movimento político, tampouco conhecia as causas pelas quais as feministas lutavam.

Porém, o tema surgiu com mais frequência e incômodo quando comecei a lecionar. Durante minhas aulas para o EJA, conversávamos muito da importância e vantagens de as mulheres estarem conquistando seus espaços. Como era mais difícil para as meninas que ali

³ hooks desenvolve o conceito de autoatualização para nomear um processo de reflexão de si e dos outros que permite a nossa insatisfação com o *status quo*, faz com que abandonemos o desejo de dominar ao criar um ambiente educacional realmente emancipador, de modo que “os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente.” (hooks, 2023, pag.36). Autoatualizar-se significa ensinar ao aprender e aprender ao ensinar, como sugere Freire.

estavam, do que para os meninos que não haviam concluído seus estudos, conseguir uma vaga de trabalho. Em um determinado momento, montamos cartazes para expor na sala de aula a respeito de uma reportagem que trazia dados da relação entre as condições objetivas das mulheres, como os estudos e formações críticas, interferiram na qualidade de vida daquelas, como no aumento de salário, quantidade de filhos, lazer e saúde. Até que um dia, uma aluna me questionou:

– Professora, você é feminista?

E eu respondi de imediato que sim. Ela rebateu:

– Até você se casar, né?

O comentário me incomodou, entristeceu-me. Para ser sincera, não consegui argumentar, pois não tinha base teórica do que era o feminismo naquele momento. Mas até hoje me questiono, por que aquela adolescente tinha aquela visão/concepção sobre ser feminista e a relação com o casamento ou vida amorosa?

Desde então, outras situações me incomodaram, como publicações de minhas alunas e alunos nas redes sociais com teor sexista, degradando os movimentos feministas, as mulheres em si, e outros movimentos sociais. Isso me enfurecia. Contudo, no mestrado, encontrei a oportunidade de promover uma pesquisa sobre o tema, de explorá-lo e entender, como é visto e como são julgadas, as narrativas de feminismos circulam entre as alunas e alunos do Ensino Médio. Nasceu aqui uma pesquisadora afoita, porque escrevi meu pré-projeto de pesquisa já acreditando que só receberia das adolescentes as experiências e narrativas negativas do tema. Eu tive a sorte de ser ofertada, em meu Programa de Pós-graduação, à disciplina Estudos Feministas na Educação. Por meio das leituras, percebi o quanto estava autoconfiante com minhas conclusões, mas ainda faltava encarar a realidade.

Nos escritos da norte-americana, filósofa, e professora bell hooks, encontrei o viés para argumentar e buscar, por meio do seu olhar e perspectiva, caminhos para construir com minhas participantes de pesquisa uma comunidade pedagógica. O exercício que hooks nos convida constantemente em suas obras é refletir sobre como a teoria pode ser um lugar de cura e como as nossas confissões e narrativas se articulam com a prática das nossas experiências e vivências.

Um meio de transgressão para hooks (2017) é a autoatualização. Esta, trata-se do compromisso com a busca de conhecimento, uma potência que nos incentiva e tira-nos de uma zona de conformismo. A educadora sempre acreditou que o sucesso pessoal estava ligado a autoatualização. As alunas e alunos possuem liberdade de escolha, uma educação que cure

seu espírito, querem conhecimento significativo, afinal: “os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente” (hooks, 2017, p. 36). Neste sentido, a autoatualização, na produção desta pesquisa, para mim, é um ato de transgressão, primeiro porque a autoatualização é luta e não é permitida a todas; segundo que, ao promover conhecimento e aprender ferramentas para combater os sistemas de dominação posso transformar coletivamente a sociedade com minhas alunas e alunos.

A partir da introdução, assumo a escrita desta pesquisa na primeira pessoa do plural. Não farei uso da voz passiva e nem da primeira pessoa do singular, pois entendo que escrevo em parceria e, ao utilizarmos o “nós”, todas as vozes presentes nessa pesquisa são incluídas, eu, minha orientadora, as estudantes, os referenciais teóricos e metodológicos escolhidos.

INTRODUÇÃO

O presente estudo adota uma perspectiva profundamente democrática, cujo princípio foi ouvir as narrativas feministas que circulam entre adolescentes⁴ estudantes do Ensino Médio. Entendemos que os discursos feministas nos últimos anos circulam com mais frequência em diferentes meios de comunicação. Na reportagem publicada na Datafolha (2019), por exemplo, aproximadamente 38% das mulheres com 16 anos ou mais se considera feminista no Brasil e 56% rejeitam se associar ao feminismo. Porém, a compreensão dos jovens sobre os feminismos é controversa em nossa sociedade. A empresa IPSO⁵ (2022) realizou uma pesquisa em razão ao Dia Internacional da Mulher (8 de março), e mostrou que 51% das brasileiras adultas consideram-se feministas, ou seja, defendem a igualdade de gênero e lutam por pautas como o fim da violência contra mulher e de outras opressões causadas pelo machismo. Por outro lado, ao serem questionadas se o "feminismo faz mais mal do que bem à sociedade", para as entrevistadas, 23% delas consideram que o movimento traz mais prejuízos que benefícios.

O movimento feminista não é homogêneo e não há condições objetivas ou subjetivas para tanto. Afinal, as mulheres não são constituídas monoliticamente. Existe uma diversidade de organizações e lutas contrárias à desigualdade entre as mulheres que compõem esse movimento. Além disso, as classes sociais são distintas e são diferentes raças e etnias que historicamente foram transformadas em desigualdades; são mulheres negras, indígenas e rurais; trabalhadoras domésticas; “mulheres lésbicas, que [se] radicalizam contra as heranças do padrão heterossexual dominante; portadoras de necessidades especiais; mulheres de várias gerações, que trazem os conflitos inerentes entre transmissão e reinvenção” (Ávila, 2007, p.7) e mulheres transsexuais, transgêneras e travestis.

Existem inúmeras formas de compreender o feminismo e as relações de gênero no decorrer dos tempos. A sua amplitude e complexidade são parte importante de um percurso histórico permeado por rupturas e permanências. Ainda que muitas das lutas tenham sido ampliadas e diversificadas, existem questões problemáticas que precisam ser consideradas, assim como subcategorias para serem analisadas, tais como o feminismo anticapitalista,

⁴ A idade específica sobre quem são os adolescentes variam de cultura para cultura, de geração a geração. No Brasil o documento estatuto da criança e adolescente ECA, considera adolescência o período que engloba dos 12 aos 19 anos de idade.

⁵ IPSO ou Instituto Ipsos é a terceira maior empresa de pesquisa e de inteligência de mercado do mundo. Fundada na França em 1975, a Ipsos conta hoje com 16.000 funcionários e está presente em 87 países, incluindo o Brasil.

antirracista, neoliberal, dentre outros (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019). Por esse motivo, Diniz (2012) afirma que o feminismo deveria ser tratado no plural, ou seja, feminismos.

Nesta pesquisa, concordamos com a concepção proposta na obra “Feminismo para os 99% um manifesto”, organizada por Arruzza, Bhattacharya e Fraser e conta participação de diversas mulheres inseridas nos movimentos sociais em geral. Como um manifesto potente, o que o livro propõe é que o feminismo é uma urgência dos nossos tempos. Contudo, precisamos estar atentas, pois nem todo feminismo liberta, emancipa e acolhe. Assim, o feminismo que aqui defendemos é antirracista, anticapitalista, antiLGBTfóbico e articula raça, etnia, gênero e classe.

Muitas mulheres não acreditam no movimento feminista, pois a grande mídia continua a equiparar os muitos feminismos, com uma única corrente: a liberal. O feminismo liberal centrado no Norte global está voltado para a “imposição” e a “quebra do telhado de vidro”. Dedicado a permitir que apenas um pequeno número de mulheres privilegiadas escale a hierarquia, esse feminismo propõe uma visão de igualdade baseada no mercado que se harmoniza com o entusiasmo corporativo vigente pela “diversidade”. Embora condene a “discriminação” e defenda a “liberdade de escolha”, o feminismo liberal recusa-se firmemente a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para uma ampla maioria de mulheres. Seu verdadeiro objetivo não é, portanto, a igualdade, mas o reforço a meritocracia.

Ao invés de buscar conquistas que visem abolir a hierarquia social, o feminismo liberal visa a “diversificar” a ordem, “empoderando” mulheres “talentosas” para ascender ao topo (ou seja, ao lado dos homens). Ao tratar as mulheres como “grupo sub-representado”, as proponentes dessa corrente buscam garantir que algumas “almas privilegiadas” alcancem cargos e salários iguais aos dos homens de sua própria classe. Em síntese, podemos afirmar que “as principais beneficiárias [do feminismo liberal] são aquelas que já contam com consideráveis vantagens sociais, culturais e econômicas. Todas as demais permanecem presas nos porões, na senzala, na cozinha, nas esquinas. Completamente compatível com a crescente desigualdade, o feminismo liberal terceiriza a opressão” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 28).

Em uma pluralidade de feminismos, consideramos demarcar que a presente dissertação apoia-se nas lutas feministas que estão associadas a uma postura **antirracista**. Para Luana Tolentino (2021), antes mesmo de refletir a respeito do feminismo negro e do feminismo antirracista – diferentes em essência –, é importante considerar a própria dimensão

do racismo estrutural na sociedade brasileira, uma vez que o passado colonial ainda é desconhecido por parte da população. Para Mirla Cisne (2010), compreender que o racismo é estrutural traz elementos para se pensar a supremacia branca na mídia, nas instituições, nas práticas e no cotidiano. Nesse sentido, entende-se que toda luta por transformação social exige o enfrentamento ao racismo estrutural.

Segundo Beth Ferreira (2019, p. 9), há uma diferença elementar entre feminismo negro e feminismo antirracista: o sujeito. No feminismo negro, o sujeito político é constituído pelas mulheres negras; já “no feminismo antirracista, tanto podem ser mulheres negras como não negras”. Nesse caso, o feminismo antirracista, embora seja feito também por mulheres não-negras, rejeita a suposta igualdade entre nós mulheres, valorizando e reconhecendo a experiência própria de ser negra como elemento essencial tanto para a organização das mulheres negras, como também para o pensamento e a ação feminista de enfrentamento do racismo.

Essas diferenciações são importantes, pois as estruturas de opressão não impactam a todas de forma igual. A invisibilidade das mulheres é ainda mais agravada quando se trata da mulher africana e afro-brasileira pobre, vivendo em condições de marginalização e afastamento do espaço urbano, com demandas específicas e discursos estruturados para legitimar uma versão patriarcal de sociedade. Ainda, o feminismo antirracista leva em consideração os aspectos relacionados ao etnocentrismo e as condições sócio-históricas que onde cada organização feminista se levanta. A característica mais saliente que pode se atribuir ao feminismo antirracista, é, portanto, sua essência crítica e contrária movimento neoliberal (Tolentino, 2021).

Assim, para Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), é fundamental que o movimento antirracista não esteja descolado do anticapitalista. As lutas travadas no interior deste devem ser percebidas em um sentido amplo e com uma inclusão edificada. As autoras salientam também que políticas educacionais como as ações afirmativas foram importantes para trazer maior quantidade de pessoas negras para as discussões acadêmicas – ainda que o espaço universitário seja igualmente excludente, já que privilegia apenas uma parte dessa população. A educação tornou-se um espaço primordial para que a conscientização aconteça de forma mais fruída, com maior qualidade e direcionamento. Nesta perspectiva, para pensar em um ativismo transacional, torna-se importante compreender a relevância da discussão em torno dos conceitos de etnia, gênero e sexualidade, além das dimensões de trabalho, saúde e educação, por vias de acesso ou mesmo na qualidade dos serviços.

Para Nathália Lima e Rosineide Cordeiro (2020), a questão feminista antirracista precisa ser pensada a partir de movimentos reflexivos entre a margem e o centro, considerando dimensões periféricas específicas. As autoras consideram que todas as pessoas são racializadas, o que significa considerar a mestiçagem como fator de formação da sociedade brasileira. No entanto, os padrões de visibilidade e afirmação dessa racialidade são distintos, divergentes e contraditórios. Deste modo, o movimento feminista visa combater uma tripla opressão, em que aspectos outrora relacionados ao sexismo (desigualdade entre os sexos biológicos) também passam a ter complementos de questões étnicas e de classe social. Entender a amplitude dessas demandas é indispensável para se afirmar o feminismo antirracista como um processo contribuinte na luta anticapitalista e com viés revolucionário (Lima; Cordeiro, 2020).

Apesar das diversas correntes feministas, compreendemos que é possível encontrar certa “unidade política”. Não à toa, como supracitado, também apoiamos as lutas feministas que estão associadas a uma postura **anticapitalista**, pois o sistema em que vivemos sobrevive a partir da exploração de mulheres trabalhadoras, negras, indígenas, imigrantes, entre outras categorias subalternizadas. O feminismo anticapitalista compreende que existem questões profundas a serem desenvolvidas, principalmente ao nível estatal, para que a equidade seja estabelecida em aspectos concretos, como no pleno emprego, no tratamento produtivo igualitário, nas relações sociais, no consumismo, dentre outros (Mattos, 2022). Trata-se, portanto, de ir à raiz do problema: não é sobre apenas analisar os problemas dentro do sistema produtivo, mas refletir o próprio sistema produtivo, suas mazelas, dificuldades, exigências, potencialidades, assim como outros desdobramentos que permitam um exercício de questionar a realidade imposta com maior profundidade.

Se o capitalismo é global, isolar as lutas feministas em determinados lugares e promover pautas meramente locais, sem questionar o sistema, não trará resultados promissores às nossas causas. Assim, o feminismo anticapitalista deve promover a internacionalização das lutas, exigir do Estado a austeridade no tratamento das questões relativas às mulheres mediante políticas públicas mais profundas, que alcancem um questionamento específico e viável para as pessoas impactadas, “do mesmo modo, é preciso reconhecer que muitas das formulações anticapitalistas não partem de uma classe trabalhadora concreta: mulher, negra, indígena, vivendo em territórios militarizados e com seus povos perseguidos” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 12).

Neste sentido, o feminismo anticapitalista possui um caráter amplo, diverso e coerente. Seu discurso e prática são voltados para temáticas de enfrentamento das desigualdades, apontando para transformação em larga escala, mas sem deixar de lado a luta pela democracia. Isso está em alinhamento com uma postura de decisão da maioria e viés educacional pautado na multiplicidade (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019). O capitalismo como opressor mais radical, que produz sub-estruturas de pensamentos relacionados ao gênero, também é pauta do posicionamento de Julia Expósito e Gabriela Mitidieri (2022). Estas, consideram o feminismo não apenas uma questão de gênero, pois o capital impõe duras lutas, afinal, as desigualdades já existiam em outros sistemas, como no feudalismo e o modo de produção asiático. Mesmo assim, o capitalismo trouxe novas formas de assédio e violência contra a mulher, reconfigurando as relações de opressão mediante dimensões de um trabalho ligado ao capital. Por isso, o feminismo anticapitalista pauta-se que o conceito de liberdade e de felicidade não são alheios na lógica capitalista de atuação (Droguett, 2018).

Apoiamo-nos também nas lutas feministas que estão associadas a uma postura antiLGBTfóbica. Para Bruna Benevides e Sayonara Nogueira (2020), pessoas que não se identificam com a cisgeneridade e a heterossexualidade compulsórias historicamente são alvo de violência simbólica, psicológica, sexual, institucional, física, dentre outras. Esses ataques são marcados pelo cissexismo e heterossexismo como práticas políticas e sociais que subalternizam e hierarquizam pessoas. A LGBTIfobia é o termo utilizado para compreender as violências cometidas contra a população LGBTI+ e se apresenta como uma série de atitudes ou sentimentos negativos em relação a essas, motivadas pela orientação sexual e/ou sua identidade de gênero. Normalmente, a violência é motivada por desconhecimento, alienação, valores morais baseados em argumentos do senso comum, com cunho religioso, pela invisibilidade, ignorância e preconceito.

Para combater a LGBTfobia, na academia e fora dela, é preciso primeiramente reconhecê-la. Na esfera da linguagem, é preciso perder o medo de usar palavras como “homofóbico”, “lgbtfobia”, “homofobia”, “transfobia”, “lesbofobia”, “gayfobia”, “misoginia”, como se isso fosse “militante demais” para um ambiente que pode estar pouco educado e letrado para temas relacionados a gênero e sexualidade. É preciso também reconhecer que as desigualdades originadas na normalização das sexualidades se interseccionam com as questões de gênero, raça, capacitismo, etarismo e demais opressões, “assim, é preciso reconhecer que a luta por igualdade é de todos nós, visto que de alguma forma ou outra somos vítimas desse sistema” (Lima, 2020, p.16).

Para Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), o feminismo não opera isolado de outros movimentos de resistência e rebelião. Não nos isolamos de batalhas contra a mudança climática ou a exploração no local de trabalho; não somos indiferentes às lutas contra o racismo institucional e a expropriação. Essas lutas são nossas lutas, parte integrante do desmantelamento do capitalismo, sem as quais não pode haver o fim da opressão sexual e de gênero. O feminismo deve unir forças com outros movimentos.

A luta é tanto uma oportunidade como uma escolha. Pode transformar aquelas pessoas que dela participam, desafiando nossos entendimentos anteriores sobre nós mesmas e reformulando nossas visões de mundo. A luta pode aprofundar nossa compreensão de nossa própria opressão – o que a causa, quem se beneficia dela e o que pode ser feito para superá-la. Além disso, pode nos encorajar a reinterpretar nossos interesses, redefinir nossas esperanças e expandir nossa aceção do que é possível. Por fim, a experiência de luta pode nos induzir a repensar quem deve ser considerado aliado e inimigo. Pode ampliar o círculo de solidariedade entre as pessoas oprimidas e aguçar nosso antagonismo com nossos opressores (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p.65).

O conhecimento do feminismo contemporâneo permite as mulheres desenvolverem consciência de si e das injustiças vividas, que podem, inclusive, ser causadas por elas. Isto porque muitas mulheres perpetuam a dominação patriarcal por desconhecerem os aparatos culturais que as fazem ser invisibilizadas. Segundo Tiburi (2018), há a necessidade das mulheres assumirem sua “cegueira” perante o espaço público e do patriarcado institucionalizado nas mais diversas autoridades, visto que esses lugares cerceiam o exercício do “ser mulher” em suas infinitas possibilidades. Sem a conscientização coletiva, seremos participantes da invisibilidade coletiva à qual fomos condenadas. É preciso que superemos a visão de mundo feminina já limitada – pelas crenças, pela cultura, pela classe – se não, nem sempre conseguimos identificar que o feminismo é movimento que nos ajuda a ver mais longe (Tiburi, 2018).

Ainda de acordo com Tiburi (2018), refletir, analisar e pensar o feminismo é uma necessidade para potencializar o que já temos praticado. Do contrário, corremos o risco de não chegar onde se poderia. Com a simples indignação moral, não temos garantia de que o feminismo possa se transformar em ação ético-política responsável. Mas é justamente isso que queremos. Não há nada mais importante na vida do que aprendermos a pensar. Contudo, não se aprende a pensar sem aprender a perguntar acerca das condições e os contextos nos quais estão situados os nossos objetos de interesse. Onde o feminismo nos levará? Onde pretendemos chegar? Talvez possamos encontrar uma resposta ou pelo menos uma orientação

para pensar melhor nas questões teóricas do feminismo e nesses temas que todos os dias nos convocam (Tiburi, 2018).

Com um olhar atento às diversas narrativas feministas e pela nossa posição sobre *qual mundo queremos*, produzimos a seguinte questão de pesquisa: como circulam as narrativas feministas de estudantes do Ensino Médio e seus desdobramentos num diálogo em uma comunidade de aprendizagem? Ao problematizar o tema “feminismos nas narrativas das estudantes”, reforçamos que estamos comprometidas com um feminismo de direito da vida, com o bem viver e com a liberdade (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019).

Nesta pesquisa, o objetivo geral foi compreender as narrativas feministas das estudantes do Ensino Médio e seus desdobramentos no decorrer de uma comunidade de aprendizagem. Ao usarmos o verbo “compreender”, destacamos que não se trata do conceito em seu sentido totalizante, mas a partir dos nossos referenciais teóricos, da fala das estudantes e da nossa localização enquanto pesquisadoras, portanto, a partir de uma compreensão parcial (Haraway, 1995). Dentre os objetivos específicos produzidos: visou-se: (res)significar as narrativas feministas das estudantes a partir de diferentes referências teóricas feministas; evidenciar diferentes opressões narradas pelas estudantes e esperar a partir das narrativas das estudantes outras e possíveis existências.

Nosso caminho teórico e metodológico para a produção das narrativas foi a construção uma comunidade de aprendizagem, que reúne pessoas por um determinado período para existir trocas de expectativas, conhecimentos, reflexões e vivências sobre um ou mais tópicos sociais. As pessoas envolvidas nessa comunidade tiveram a oportunidade de questionar, refletir e se explicar, observando as vivências e conversas, e promovendo empatia entre o grupo.

Para basear a pesquisa, debruçamo-nos nas produções de bell hooks⁶, mulher, negra, educadora, filósofa, escritora feminista e ativista social. Consideramos que a grandeza da

⁶ Nessa pesquisa seguiremos os princípios da autora Gloria Watkins que passou a adotar em seus escritos o nome “bell hooks” em homenagem à sua bisavó que tem o mesmo nome. Mas também acrescentou uma atitude política: o registro de seu nome grafado em letras minúsculas, a autora sempre defendeu que é muito mais importante o que eu digo, o que está expresso em conteúdo das minhas obras, do que eu quanto pessoa, quero ser ouvida por meio dos meus escritos. Naquele tempo, quando tínhamos pequenas mercearias nas esquinas, eu estava caminhando para a mercearia tagarelando e a pessoa atrás do balcão disse: "Você deve ser a neta da bell hooks". E eu fui para casa e queria saber da minha mãe "Quem é bell hooks?" porque, é claro, a bell hooks já estava há muito tempo morta e ela era conhecida por ser uma pessoa de discurso inflamado. E assim, quando mais tarde, em minha vida como escritora, decidi por um pseudônimo, pensei, vou pegar o nome bell hooks e quando escrevi um ensaio sobre isso que diz "quando o nome bell hooks é chamado, a minha bisavó se levanta cheia de energia" (St. Norbet College, 2014)

autora estudada reside no entendimento de que poucas escritoras em que as obras acabam precedendo o seu nome e se fundindo com a sua própria história. Ainda, hooks publicou várias obras traduzidas em diversos países. Seus livros mostram o desejo de pluralização e visibilidade a respeito dos problemas das minorias e reivindicou a “teoria no ativismo”, pois acreditou que a teorização crítica é o caminho da reflexão e da prática. A educadora ainda explicita a importância da prática pedagógica como um dos centros de luta antirracista e anticapitalista. Desde jovem, hooks mostrou-se astuciosa, pois traduzia nas escritas as palavras de opressão que vivia nos mais diversos ambientes de sua vida: “para construir a minha voz eu tinha que falar – e falar foi o que fiz – lançando-me para dentro e para fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando” (hooks, 2019a, p. 32).

Para bell hooks (2013) é possível educar sem reforçar os sistemas de dominação vigente, uma educação como prática da liberdade é viável, ela relata que:

[...] Quando entrei na minha primeira aula como professora universitária e como feminista, tinha muito medo de usar a autoridade de modo a perpetuar o elitismo de classe e outras formas de dominação. Com medo de abusar do meu poder, fingia que não existia diferença de poder entre os alunos e mim. Foi um erro. Mas foi só quando comecei a questionar meu medo do “poder” – o modo pelo qual o medo se correlacionava com minhas próprias origens de classe, onde eu vira tantas vezes as pessoas dotadas de poder social coagirem, maltratarem e dominarem as que não tinham esse poder – que comecei a entender que o poder não é negativo em si. Dependia do que se faz com ele. Cabia a mim criar meios construtivos dentro do meu poder profissional, exatamente por estar ensinando dentro de estruturas institucionais que afirmam ser aceitável usar o poder para reforçar e manter as hierarquias coercitivas (hooks, 2013, p. 249).

A educadora acreditava em nossa incompletude e assim como Freire (1996, p. 55), afere que “ensinar exige consciência do inacabamento”. Ambos os educadores promovem um tipo de pensamento semelhante, pois compreendem que a produção do conhecimento, bem como a sua assimilação, são processos infinitos, que requerem uma postura empática, honesta e sobretudo comprometida com a transformação do mundo em um lugar melhor. Segundo hooks (2013), ao construirmos o pensamento crítico, precisamos ter a noção de que todas nós, professoras e alunas, somos capazes de agir com responsabilidade para criar um ambiente de aprendizado acolhedor, seguro e frutífero.

Esta pesquisa é composta por três capítulos, sendo o **Capítulo 1 – “Caminhos teóricos e metodológicos”**, formado por cinco seções. Na seção 1.1 “Revisão da Literatura” trazemos uma breve revisão da literatura das pesquisas, pois assim, procuramos compreender como os pesquisadores têm abordado temáticas como feminismos, narrativas feministas de

estudantes e pesquisas em comunidades de aprendizagem. Na seção 1.2 “Comunidade de aprendizagem: Caderno de artista e as Narrativas autobiográficas” apresentamos o referencial teórico de bell hooks, o conceito e os princípios para a construção de comunidade de aprendizagem e a importância de escrever a narrativa autobiográfica, que bell hooks vê como uma perspectiva diferente de usar o conhecimento como um meio de autodesenvolvimento e mudança de forma prática. Na seção 1.3 “Construindo uma comunidade de aprendizagem” buscamos explicitar esse caminho da pesquisa, as escolhas teóricas e metodológicas, que foram sendo construídas e amadurecidas no processo conforme as necessidades do nosso objeto de investigação, trazemos o diálogo entre bell hooks e Paulo Freire: O encontro de duas vozes arrebatadoras para compreendermos a influência das obras de Freire nas práticas educacionais de hooks. Nossa comunidade de aprendizagem foi construída nos pilares do pensamento de bell hooks que teve a influência de Paulo Freire na construção do pensamento crítico. Na seção 1.4 detalhamos os quatro encontros realizados na nossa comunidade, os textos e práticas selecionadas para promover reflexão e as produções de narrativas autobiográficas pelas estudantes em seus cadernos de artistas. Por fim, a seção 1.5 “Autobiografia das alunas” é composta pela apresentação autobiográfica das estudantes participantes da pesquisa e construtoras da nossa comunidade.

O Capítulo 2 – “Narrativas Construídas em nossa comunidade de aprendizagem” é formado por sete seções. Na seção 2.1 descrevemos o processo de Análises das narrativas produzidas no decorrer da comunidade de aprendizagem. Na seção 2.2 iniciamos as análises, sendo a primeira as narrativas que questionam a desigualdade de gênero na profissão, na política e no lar, nessa seção as estudantes destacaram como muitos lugares na sociedade excluem mulheres. Na seção 2.3 Narrativas do feminismo: “bom” ou “ruim”, as estudantes classificam o feminismo de forma binária, em bom ou ruim, a partir das suas vivências. A seção 2.4 “Narrativas que persistem: a mulher e o cuidado”, contamos com a narrativa de uma estudante participante da comunidade, acerca da dor de ver a mãe deixando ela e a irmã mais nova aos cuidados de outras mulheres, em busca de condições melhores para ela e as filhas e se tornar a provedora financeira do lar. Na seção 2.5 “Narrativas que denunciam opressões, violência, e controle sobre o corpo”, encontramos narrativas de assédio moral e sexual na rua e nas suas próprias casas, narrativa de silenciamento e controle sobre seus corpos. Na seção 2.6 “Narrativas que não reconhecem violências e opressões”, narramos acontecimentos violentos naturalizados. E por fim, na seção 2.7 “Narrativas dos direitos das mulheres, falam das revoltas, discutem a questão do aborto e do direito das mulheres sobre seus corpos”. Neste

processo de análise, foram (re)significadas as narrativas das estudantes a partir de diferentes referências teóricas feministas.

O **Capítulo 3 - “Esperançar juntas”** é composto por quatro seções. Neste capítulo o conceito de esperançar para bell hooks é mobilizado. Na seção 3.1 “Esperança não espera é caminho”, destacamos a importância do conceito de esperançar como posicionamento crítico. Na seção 3.2 “Esperançar: A consciência racial: narrativas que transgridem”, reconhecemos a dor do racismo e a necessidade da luta contra o sistema racial. Na seção 3.3 “Esperançar: O acolhimento das mulheres”, as estudantes apresentam emocionantes narrativas sobre como o apoio e aceitação familiar fizeram ou fazem a diferença na saúde mental e física das pessoas LGBTQIA+ e como a amizade é um lugar de amor e acolhimento em nossas vidas. As narrativas do esperançar acontecem nas falas de acolhimento religioso, familiar, de amigas e amigos que surgiram no decorrer dessa comunidade. Na seção 3.4 “Esperançar: a imaginação”, imaginamos realidades possíveis, compartilhadas na crença no poder da imaginação profética de bell hooks.

E por fim, **Algumas Considerações** em que destacamos como a comunidade de aprendizagem nos possibilitou chegar ao objetivo principal desta pesquisa e alguns aspectos relevantes observados nas narrativas das estudantes participantes da pesquisa, e perspectivas para futuras pesquisas.

CAPÍTULO 1: CAMINHOS TEÓRICO METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentamos uma breve revisão da literatura das pesquisas que envolvam narrativas feministas. Priorizamos no levantamento os trabalhos cujo referencial teórico pautou-se em bell hooks e no conceito da construção de comunidades de aprendizagem como pilar às práticas educacionais críticas. Além disso, visamos apresentar que forma mais extensa as influências externas à educadora estadunidense, em especial do educador brasileiro Paulo Freire. O pensamento freireano foi fundamental na elaboração do conceito central da presente pesquisa, o de comunidade de aprendizagem. Por fim, detalhamos o passo a passo dos quatro encontros realizados na nossa comunidade, como cada texto e prática pedagógica foi pensando para promover a reflexão de temas centrais no espaço forjado e apresentamos as produções de narrativas autobiográficas escritas pelas estudantes em seus cadernos de artista.

1.1 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão da literatura é indispensável não somente para definir o problema de pesquisa, mas também para obter uma ideia do estado atual do conhecimento de um dado tema, quais são as lacunas e em que estágio de amadurecimento está a contribuição da investigação para o desenvolvimento do conhecimento (Bento, 2012). Para realizar esta pesquisa, consideramos essencial saber o que já foi discursado quanto às questões acadêmicas referentes à nossa temática. Em princípio, procuramos artigos relacionados a essas questões nas plataformas Scielo, Redalyc, Google Acadêmico, e o Portal de Periódicos da CAPES. Ademais, salientamos que “cada investigador analisa minuciosamente os trabalhos dos investigadores que o precederam e, só então, compreendido o testemunho que lhe foi confiado, parte equipado para a sua própria aventura” (Cardoso; Alarcão; Celorico, 2010, p. 7).

Assim, procuramos compreender como os pesquisadores têm abordado temáticas como feminismos, narrativas de estudantes e comunidades de aprendizagem. Olhamos algumas pesquisas desenvolvidas em artigos, dissertações e teses entre janeiro 2008 até julho de 2023. Utilizamos o campo de busca próprio com os seguintes descritores: Estudantes do Ensino Médio; Feminismos; Comunidades de aprendizagem; Estudos Feministas. No que se refere às revistas analisadas, consideramos as que versam na área de ensino e educação que tivessem classificação no *qualis* Capes.

Em um primeiro momento no campo de pesquisa dos repositórios, utilizamos as palavras-chave: “Estudantes do Ensino Médio e Feminismos”; “Estudantes do Ensino Médio e Comunidades de aprendizagem”; “Estudantes do Ensino Médio e Estudos Feministas”; “Narrativas e Estudantes”. Encontramos apenas um artigo na plataforma Scielo e nenhum nas plataformas Redalyc e Google Acadêmico. As plataformas ranquearam trabalhos que traziam o termo “comunidade”, mas em um sentido amplo, não referente à comunidade de aprendizagem proposta por bell hooks. Em um segundo momento, expandimos as buscas no Google Acadêmicos e utilizamos o descritor “Narrativas” e encontramos 17.200 artigos. Para um melhor refinamento, utilizamos a palavra-chave “Narrativas e Estudantes” e encontramos 112 artigos. Após análise mais detalhada, com a leitura da metodologia aplicada e resultados obtidos, dos 112 artigos, foram selecionados seis artigos, que se relacionam a temática desta pesquisa (tabela 1). Para realizar a seleção dos artigos levantados, realizamos a leitura dos resumos para encontrar os objetivos e os sujeitos da pesquisa, o referencial teórico utilizado, o processo de produção dos dados e análise, bem como uma breve descrição dos principais resultados. Quando esses dados não foram encontrados no resumo, o texto foi consultado.

Tabela 1 - Total de artigos selecionados relevantes para nossa pesquisa encontrados.

Título	Revista	Ano de publicação	Autores
Das idades transitórias as “jovens” no feminismo brasileiro contemporâneo, suas ações e seus dilemas	Revista Feminismos <i>qualis</i> B1.	2013	Eliane Gonçalves, Fátima Regina Almeida de Freitas e Elismênnia Aparecida Oliveira
Narrativas de mulheres jovens: dispositivo de juventude nos atravessamentos com gênero	Revista Estudos feministas <i>qualis</i> A1.	2020	Nathalye Nallon Machado e Anderson Ferrari
Escritas de si, gênero e cursinho pré-vestibular popular: olhares para juventudes em espaços não escolares de formação	Revista Teoria e Prática da Educação <i>qualis</i> A4	2021	Bárbara Virgínia Groff da Silva e Eduardo Cristiano Hass da Silva
Multiletramentos e o feminino em memes de alunos do ensino médio do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul	Revista Brasileira de Educação <i>qualis</i> A1	2021	Fabiana Poças Biondo Araújo e Juvenal Brito Cezarino Júnior
O feminismo não é entregue de bandeja: saberes e práticas de um Coletivo feminista estudantil	Revista Estudos Feministas <i>qualis</i> A1	2021	Vanessa Soares de Castro, Adriane Roso e Camila dos Santos Gonçalves.

Fonte: elaborado pela autora (2023)

O artigo **“Das idades transitórias as “jovens” no feminismo brasileiro contemporâneo suas ações e seus dilemas (Gonçalves; Freitas; Oliveira, 2013)”**, publicado na revista “Feminismos”, de *qualis* B1, teve por objetivo problematizar as produções escritas dentro e fora da academia, sobre as perspectivas geracionais do feminismo e do ponto de vista da juventude. Os dados foram construídos por meio de entrevistas a jovens participantes de organizações e grupos feministas. Nas análises dessas entrevistas, olhou-se para a gênese dos discursos de juventude no feminismo e a presença de mulheres jovens no movimento, de modo a compreender o debate em torno das identidades, da herança e de suas demandas; o que é possível recortar em termos de impressões, sentimentos, dilemas e expectativas, suas ações e formas de intervenção. O referencial teórico usado foi o de Pierre Bourdieu, bell hooks, Karla Adrião e Maria Juracy Tonelli. Os resultados das entrevistas apresentadas demonstraram que existe um descontentamento ou fonte de conflitos geracionais que diz respeito à comunicação. As autoras consideraram que a capacidade de renovação do feminismo e sua continuidade estão diretamente relacionadas a um exercício de atualização das linguagens.

No artigo **“Narrativas de mulheres jovens: dispositivo de juventude nos atravessamentos com gênero (Machado; Ferrari, 2020)”**, publicado revista Estudos Feministas de *qualis* A1, os dados foram construídos em encontros com sete mulheres que produziram imagens e as expuseram em suas redes sociais. O referencial teórico usado foi Michel Foucault e Judith Butler. Os resultados demonstraram o que Vânia, Amélia, Carla, Laura, Kátia, Aurélia, Diana (nomes fictícios/) vão dizendo de si por meio de imagens e, principalmente, por meio do que constroem sobre essas imagens. Para a autora e o autor, as participantes demonstraram a visão de juventude como etapa de construção, sendo esse processo o que de fato importa, e não a juventude em si. Os encontros com as sete mulheres mostraram a impossibilidade de falar em juventude no singular, mas a necessidade do seu uso no plural, como um indicativo da impossibilidade de pensar a juventude como algo natural e homogêneo.

O artigo **“Escritas de si, gênero e cursinho pré-vestibular popular: olhares para juventudes em espaços não escolares de formação (Silva; Haas da Silva, 2021)”**, publicado na revista Teoria e Prática da Educação, *qualis* A4, analisa diários identitários elaborados por estudantes de um cursinho pré-vestibular popular de Porto Alegre-RS, entre 2015 e 2016. Os dados foram construídos por meio de leitura, transcrição e análise dos escritos e foram observados os trechos demarcados como gênero e feminismo. O referencial

teórico utilizado foi Laís Abramo e Joan Wallach Scott. Os resultados demonstraram, conforme a autora e o autor, que as jovens refletem e questionam aspectos relacionados a gênero, raça, estereótipos sociais, dentre outras demandas sociais, como à construção de uma sociedade mais justa e democrática. Em relação às questões de gênero, identificaram-se elementos que merecem alguns destaques, como a presença marcante de lutas e pautas identitárias, a partir das quais as jovens analisadas se identificam como feministas, como adeptas das causas dos movimentos LGBTQIA+, a favor da luta pelos direitos das minorias políticas, entre outros.

O artigo “**Multiletramentos e o feminino em memes de alunos do Ensino Médio do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (Araújo; Júnior, 2021)**”, publicado na Revista Brasileira de Educação, com *qualis* A1, apresentou resultados de uma proposta de ensino realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), campus Aquidauana, na perspectiva da pedagogia dos multiletramentos. O trabalho investigou os memes produzidos por estudantes dos cursos de Edificações e de Informática e analisou os dados a partir dos estudos sobre multiletramentos, meme, gênero e feminismo. Mostrou-se que a construção de sentidos sobre o feminino deu-se pelo questionamento da norma hegemônica de gênero, em seus desdobramentos para a política de vigilância do corpo e do comportamento das mulheres. O referencial teórico utilizado foi Pierre Bourdieu e Judith Butler. Os resultados demonstraram, pelas análises dos trabalhos, que os alunos e alunas participantes da pesquisa construíram, por meio da associação entre linguagem escrita e imagens, significados do que é “feminino” pautados na subversão da norma hegemônica de gênero, fixada pela cultura moderna ocidental. Fizeram-no mediante a produção de memes, apropriando-se de significados em circulação nas redes sociais contemporâneas e “retextualizando” questões por meio de crítica social – uma das habilidades implicadas à produção de memes e esperadas quando se trabalha com a pedagogia dos multiletramentos.

O artigo “**O feminismo não é entregue de bandeja: saberes e práticas de um coletivo feminista estudantil (Castro, Roso, Gonçalves, 2021)**”, publicado na Revista Estudos Feministas, de *qualis*, discute-se os saberes e práticas produzidos por um Coletivo Feminista de estudantes de Ensino Médio de uma instituição educacional localizada no sul do Brasil. A partir da “Teoria das Representações Sociais e dos Estudos Feministas e de Gênero”, buscou-se entender como o Coletivo se vincula aos conceitos feministas e os coloca em uso. O referencial teórico utilizado é Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu e bell hooks. Para coleta de dados foi utilizado a construção de um diário de campo, de um encontro de

sistematização de experiências e de análise documental. Os resultados foram organizados em três principais campos culturais: sororidade, corpos e sexualidades, e ‘ser’ mulher/ ‘ser’ feminista. Os resultados mostram que as jovens buscam visibilizar e modificar as relações sociais em seu meio, elaborando saberes feministas particulares, marcados pela busca ativa e pelo conflito.

Adiante, o quadro 2 trouxe o total de dissertações e teses encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Para que a leitura dos trabalhos em sua integralidade fosse possível, a seleção das pesquisas foi realizada a partir da leitura do resumo, em que se buscou compreender o objetivo e os sujeitos da pesquisa, o referencial teórico utilizado, como foi o processo de produção dos dados e análise, bem como uma breve descrição dos principais resultados. Quando esses dados não foram encontrados no resumo, o texto foi consultado.

Tabela 2 - Total de dissertações e teses encontrados nos repositórios.

Tipos de Produções Teses e dissertações	Crítérios	Total encontrados	Total selecionados
Capes/Catálogo de teses e dissertações.	Palavra-chave: Estudantes do Ensino Médio; Feminismos; Comunidades de aprendizagem; estudos feministas.	Dissertação: 0 Palavra-chave: Feminismos e Narrativas Feminismos e estudantes 326	3
Capes/Catálogo de teses e dissertações.	Palavra-chave: Estudantes do Ensino Médio; Feminismos; Comunidades de aprendizagem; estudos feministas.	Doutorado: 150	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

A dissertação “**Jovens feministas: um estudo sobre a participação juvenil no Feminismo no Rio de Janeiro**”, de autoria de Julia Paiva Zanetti e publicada em 2009 pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), buscou compreender os elementos que contribuíram à constituição da identidade de jovens feministas ao analisar sua inserção contemporânea no movimento feminista na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O referencial teórico utilizado foi Pierre Bourdieu, Judith Butler e Joan Wallach Scott. Os resultados demonstram dificuldades das jovens em se afirmar no movimento. Muitas vezes, precisou-se mostrar ao que vieram, para ter o mínimo de credibilidade para assumir alguns lugares (de preferência aqueles permitidos pelas lideranças

adultas do movimento). Exemplificou-se com a reflexão de que, geralmente, uma jovem pode ser considerada muito nova para ocupar uma determinada posição dentro do movimento, mas em outros lugares, em que é valorizada a participação juvenil, a mesma jovem torna-se “boa o suficiente” para representar o movimento. Esse aspecto geracional da luta das jovens feministas que a mulher entrevistada por Zanetti (2009) afirma, evidencia a importância de se valorizar das organizações das feministas adultas atualizarem-se e dar a devida consideração às pautas que atingem diretamente as gerações mais jovens, como, por exemplo, o turismo sexual. Por fim, um aspecto pela autora em sua dissertação é a raridade de encontros que promovam um diálogo mais permanente e amistoso entre jovens e adultas dentro do movimento (Zanetti, 2009).

A dissertação **“Gênero, feminismo e empoderamento da mulher: um estudo sobre a compreensão das estudantes do Ensino Médio”**, produzida por Marília Fortes Bianchi e publicada em 2018 pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul, analisou o entendimento acerca das questões de gênero para alunas do segundo e terceiro ano do Ensino Médio de duas escolas públicas do Oeste de Santa Catarina, visando também entender o que elas entendem por feminismo e empoderamento feminino, além das contribuições da escola sobre o tema. O referencial teórico utilizado é Laís Abramo, Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu e Joan Wallach Scott. Os resultados demonstraram que há um grau elevado de naturalização do machismo que influencia direta e diariamente a vida das mulheres. Estas, destacaram experiência em que receberam tratamento diferenciado pelo simples fato de serem mulheres e algumas, inclusive, lembraram de censuras sofridas. Diagnosticou-se também que a escola teve pouca influência no que as estudantes entendem por gênero, feminismo e empoderamento da mulher, pois, em suas falas, percebeu-se que as compreensões se dão muito mais por suas experiências e conflitos pessoais do que propriamente por obterem conhecimento desses temas durante suas trajetórias escolares (Bianchi, 2018).

A tese **“Ela é mais feminista do que eu”: narrativas de jovens universitárias sobre feminismos nas redes”**, publicada em 2023 por Elaine Gomes Ferro pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Campus Presidente Prudente), pesquisou como as interações digitais que se tornaram centrais na dinâmica social contemporânea. Na pesquisa investigou-se a influência e o alcance das pautas feministas presentes na internet, a partir do ponto de vista de jovens mulheres, de forma articulada com os estudos de feminismo e juventude e educação. O

referencial utilizado foi Pierre Bourdieu, Judith Butler, bell hooks e Joan Wallach Scott. Os dados foram levantados por meio de 154 jovens entrevistadas dos Cursos de Graduação em Pedagogia, Química, Geografia, Física, Matemática e Educação Física. Os resultados demonstraram que a interação de jovens com conteúdo feministas no *ciberespaço* promove mudanças pessoais, enquanto empodera e orienta a atuação e ação das jovens que vivenciaram tabus na família e na escola. Foi observado uma lacuna significativa em produções acadêmicas que articulam juventude e gênero. Ao Revisitar o percurso histórico do feminismo pôde identificar as novas “caras” do feminismo e as criativas formas de ocupação feminista no ciberespaço, o que inaugurou onda do movimento feminista na história (Ferro, 2023).

Apresentamos os levantamentos por compreender que, mesmo que alguns trabalhos selecionados não estejam diretamente relacionados ao nosso objeto de pesquisa, estão influenciados, em certa medida, pela concepção de comunidade de aprendizagem e feminismo no Ensino Médio. Estes trabalhos destacaram-se por ampliar a visibilidade às questões de gênero, as narrativas de mulheres e demonstram as diversas realidades de comunidades de mulheres. A partir desse levantamento, percebeu-se que há um crescimento nos últimos anos nas pesquisas que abordam a temática gênero e feminismo. Contudo, o foco continua nas pesquisas que se concentram em mulheres adultas (algumas, inclusive, militantes de movimentos feministas).

Nesta revisão de literatura, podemos observar a lacuna de pesquisas sobre a temática estudantes e suas narrativas feministas. O que fortalece a importância da nossa pesquisa, especialmente pela urgência de se continuar nossos esforços nas produções acadêmicas na área, fortalecendo o crescimento e visibilidade do tema na academia e na sociedade.

1.2 CONSTRUINDO UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

[...] O planejamento de uma comunidade aberta de aprendizado não é visto como um empreendimento simples, uma vez que tal iniciativa exige, da parte do professor, preparação acadêmica, experiência de vida e muita perspicácia para antever as adversidades que devem ser superadas no ambiente escolar. Assim, quando bem planejada, tal abordagem pode ajudar os professores a desenvolver, cada um à sua moda, passos didático-pedagógicos capazes de transgredir fronteiras, seja gerando um engajamento coletivo contra os sistemas de dominação vigentes, tais como “o racismo, o sexismo, a exploração de classe e o imperialismo” (hooks, 2017, p. 42 *apud* Oliveira, 2022, p. 89).

Nesta seção explicitaremos os caminhos percorridos na presente pesquisa, as escolhas teóricas e metodológicas que foram sendo construídas e amadurecidas no processo conforme as necessidades do nosso objeto de investigação. Relembramos que o objetivo geral versa sobre as narrativas feministas de estudantes do Ensino Médio e seus desdobramentos. Nesta dissertação, construímos uma comunidade de aprendizagem, baseada nos ensinamentos de hooks (2013), baseada na Pedagogia Crítica e concepções de Paulo Freire. Vale lembrar, ainda, que a intenção da educadora estadunidense, enquanto professora, foi criar um espaço em que estudantes possam aprender a ser pensadores críticos (hooks, 2020). Conforme ela mesma aponta:

Entro na sala partindo do princípio de que temos de construir uma “comunidade” para criar um clima de abertura e rigor intelectual. Em vez de focar a questão da segurança, penso que o sentimento de comunidade cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une. Idealmente, o que todos nós partilhamos é o desejo de aprender – de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo. Segundo minha experiência, um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual (hooks, 2013, p. 57-58).

As práticas educacionais são pilares do pensamento de bell hooks (2013). Uma de suas pautas mais importantes é a prática de uma educação transgressora por meio do feminismo, que para a educadora é uma educação revolucionária, que pode destituir da sociedade a violência, o sexismo, a opressão e o patriarcado capitalista de supremacia branca. Seu pensamento é fortemente influenciado por Paulo Freire, que crítica o “sistema bancário” de educação e à educação enquanto um dispositivo de repressão. Em sua visão, a perspectiva feminista e a obra de Freire convergem significativamente, pois insistem na libertação de amarras sociais constituídas em uma sociedade paternalista, seja vista pelo ângulo do capitalismo, seja analisada pela ótica da História das Mulheres.

As obras de hooks não podem ser deslocadas das próprias vivências da educadora. Na infância, quando viveu na região em que sul dos Estados Unidos, hooks teve experiências marcantes e que constituíram a “virada de chave” na sua compreensão sobre o mundo. As obras do brasileiro Paulo Freire foram vitais à hooks, porque a alfabetização tratada pelo autor deve acontecer de forma inclusiva, libertária, a partir da leitura que os oprimidos devem romper suas amarras e lutar no combate a toda e qualquer opressão. Como mulher afro-americana em terras sulistas, com poucos recursos e possibilidades, hooks também compreendeu que a educação poderia bradar por maior equidade (hooks, 2013).

Em um capítulo do seu livro “Ensinando a transgredir” (2013), nomeado de: “Paulo Freire” hooks apresenta um diálogo lúdico entre Gloria Watkins⁷ e bell hooks. A educadora explica como Freire entrou na sua vida e influenciou sua pedagogia crítica e possibilitou uma leitura de mundo calcada em uma linguagem que deu sentido ao entendimento de educação como prática da liberdade, especialmente pela indissociação entre a profissão do professor e do pesquisador, e a pesquisa do ensino. (hooks, 2013). O educador brasileiro esteve na Universidade de Vera Cruz – onde hooks lecionou – e participou de seminários. Contudo, hooks jamais havia sido convidada para os espaços institucionais. As alegações para o disparate foram de que suas críticas feministas poderiam “atrapalhar” o momento, interpretado por hooks como uma postura sexista (hooks, 2013). Mesmo com as resistências, a educadora estadunidense encontrou a oportunidade de participar do evento em sua Universidade, com a desistência de um dos convidados. Ela foi até o encontro e fez a pergunta que ninguém queria: questionou Freire sobre o sexismo presente em suas obras.

Apesar da forte influência de Paulo Freire, hooks não se absteve da crítica construtiva e buscou evidenciar o sexismo na linguagem freireana, visto que a autora entende que a linguagem é estruturada mediante paradigma falocêntrico, o que é visto como ponto cego dos escritores homens e um aspecto angustiante para a autora. Freire respondeu com explanação didática e alegou que a pergunta era crucial, assim como reconheceu o sexismo e afirmou que mudaria o posicionamento em obras seguintes, o que de fato ocorreu. Mesmo com as discordâncias pontuais, hooks (2013) afirma não haver demérito em sua obra na forma de evidenciar a pedagogia como prática de liberdade.

A autora ainda comenta na sua obra supracitada que Freire possuiu espírito generoso, mente aberta e representou o que de fato deve ser um educador sincero com as possibilidades de melhoria da qualidade de ensino – elemento ausente contexto intelectual e na formação de educadores norte-americano, em geral, mas presente de forma exponencial em grupos acadêmicos feministas (hooks, 2013). A partir dos aprendizados com os encontros com Freire, suas vivências e outras autoras, hooks desenvolveu a proposta pedagógica de comunidade de aprendizagem, como um modo de se pensar no ensino e na pesquisa de forma indissociada.

Com a notada influência freireana, hooks propôs de forma original a criação de comunidade de aprendizagem, o ponto central de sua prática educativa. Idealizada em uma compreensão libertadora de educação, a educadora ressalta que as comunidades pedagógicas têm o objetivo de desenvolver um trabalho coletivo, capaz de criar um ambiente de partilha

⁷ Gloria Jean Watkins é o nome de batismo de bell hooks.

em que “a pedagogia engajada enfatize a participação mútua, o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula” (hooks, 2020, p. 49).

A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. “Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais, mas não estão dispostos a partilhar as suas, exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva” (hooks, 2013, p. 35). Quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos. Os professores progressistas que trabalham para transformar o currículo de tal modo que ele não reforce os sistemas de dominação nem reflita mais nenhuma parcialidade são, em geral, os indivíduos mais dispostos a correr os riscos acarretados pela pedagogia engajada.

Nesse sentido, trata-se de comunidades (espaços criados na coletividade) construídas para a efetivação de uma educação libertadora, para a prática da liberdade. Sem comunidades de aprendizado, não há emancipação, pois o aprendizado não se relaciona com os espaços formais da educação institucional, mas sim com a formulação da consciência crítica (hooks, 2017). Ao pensarmos na comunidade de aprendizagem, buscamos ouvir a voz individual das estudantes do Ensino Médio de um colégio público do município de Ponta Grossa - Paraná. Esse colégio foi selecionado com base em alguns critérios, como receptividade da equipe diretiva e pedagógica para o desenvolvimento da pesquisa, por sua localização geográfica, ou seja, por atender alunas de todos os bairros da cidade, pois isso enriquece as discussões promovidas em nossa comunidade, ao não privilegiarmos determinada região, e assim temos uma diversidade de vivências dessas adolescentes.

Ao reconhecer o valor de cada voz, hooks (2013) diz que não se pode negar que o aluno tem experiências próprias, tampouco, pode-se negar que essas experiências são importantes para o processo de aprendizado, mesmo que essas práticas sejam limitadas, pouco elaboradas, infrutíferas, etc. Cada aluno tem suas lembranças, sua família, sua religião, seus sentimentos, sua língua e sua cultura, o que lhe dá voz característica. Só reconhecendo a pluralidade do ser humano é que “podemos encarar essa experiência [educativa] criticamente e ir além dela. Mas não podemos negá-la” (hooks, 2013, p.119-120).

O colégio onde a pesquisa foi realizada, completou 100 anos. Desde sua inauguração, oferta cursos profissionalizantes e técnicos para alunos do Ensino Médio e possui uma visão de inclusão pelo seu espaço e localização em área central e nobre da cidade. No ano de 2023, o colégio possuiu um total de 44 turmas com 1.290 alunos, tem 23 salas de aula equipadas com TV Multimídia, auditório, ginásio de esportes, mais três quadras de esportes, biblioteca, laboratórios de informática e Ciências Físicas e Biológicas, além de contar com acessibilidade aos portadores de necessidades especiais”. A gestão escola desenvolve por meio de bazares, jantares, treinamento de esportes e, mais recentemente, com criação da fanfarra, um importante trabalho social, pois cerca 20% dos seus alunos residem em um bairro carente que fica próximo à escola (SEED, 2023).

Para a formação da comunidade de aprendizagem, foi realizado um convite para as estudantes do Ensino Médio pela pesquisadora. Foi entregue um formulário para elas preencherem com as informações pessoais como nome completo, idade, bairro onde reside, orientação sexual, se os pais permitiam sua participação na pesquisa e os motivos pelos quais gostariam de participar de uma discussão feminista. A pesquisadora explicou a ideia da pesquisa e a importância do compromisso e da responsabilidade das participantes nessa comunidade de aprendizagem que iremos construir juntas, para discutirmos sobre feminismos. Após esclarecermos a importância da presença delas em todos os encontros e a realização de algumas leituras durante a pesquisa, destacamos também que elas teriam a autonomia para deixar o grupo caso não se sentissem à vontade com a temática, mesmo após o da comunidade, sem nenhum prejuízo.

Foram convidadas 60 estudantes, destas, 14 entregaram a autorização preenchida pelos pais e 10 meninas participaram efetivamente dos encontros. Após realizada a seleção das estudantes, iniciamos nossos encontros com a frequência de uma vez por semana durante todo o mês de outubro de 2023. Os encontros foram gravados mediante autorização prévia e posteriormente transcritos para análise das narrativas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em 29 de março de 2023, com parecer consubstanciado Número do Parecer: 5.972.157 (Anexo A). Os termos do comitê, de autorização e consentimento encontram-se em anexo (Anexo B)

1.3 COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM COMO PONTO CENTRAL DA PRÁTICA EDUCATIVA DE bell hooks

Em sua introdução a coletânea de ensaios *Between Borders: Pedagogy and the politics of cultural studies* (Entre Fronteiras: Pedagogia e a Política dos Estudos Culturais), os organizadores Henry Giroux e Peter McLaren salientam que os pensadores críticos que trabalham com pedagogia e tem um compromisso com os estudos culturais devem aliar “a teoria e a prática a fim de afirmar e demonstrar práticas pedagógicas engajadas na criação de uma nova linguagem, na ruptura das fronteiras disciplinares, na descentralização da autoridade e na reescrita das áreas limítrofes institucionais e discursivas onde a política se torna um pré-requisito para reafirmar a relação entre atividade, poder e luta”(hooks, 2013, p. 173).

No contexto educacional, em suas obras em educação, bell hooks (2013) reescreveu as áreas limítrofes e trouxe sua realidade para sala de aula, suas experiências de vida, preocupação em vincular teoria e a prática nas pedagogias adotadas, tanto no ambiente escolar quanto no acadêmico. Pois ela traz a teorização como caminho crítico de reflexão, a necessidade de construir uma educação mais humanista, para conseguirmos reconhecer e respeitar as particularidades dos indivíduos e dar voz aos silenciados, construindo uma comunidade pedagógica e estimulando o senso crítico coletivo. Para que uma comunidade de aprendizagem seja orientada por uma pedagogia engajada, é preciso incentivar a participação ativa das envolvidas. Ademais, ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas dos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (hooks, 2017).

O diálogo para hooks é ferramenta fundamental a quem pesquisa, pois, ao construir com adolescentes uma comunidade de aprendizagem, as questões que foram nos inquietando foram: Como eu posso explorar questões do feminismo de diferentes formas? Como desafiá-las a exporem suas ideias, mesmo correndo o risco de serem julgadas no grupo? Como fazê-las falar no mesmo fórum de discussão, mesmo que com outro propósito. Essas indagações pertinentes nos iluminam ao nosso objetivo: não se trata de educá-las, mas de compreender como elas são educadas. Contudo, como problematizar o diálogo, sem induzir a determinadas reflexões e respostas? A pedagogia engajada pressupõe que todo estudante tenha uma contribuição valiosa para o processo de aprendizagem. No entanto, não pressupõe que todas as vozes devam ser escutadas em todos os momentos ou que todas as vozes devem ocupar a mesma quantidade de tempo (hooks, 2021). Afinal, o diálogo faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. O diálogo é uma espécie de postura necessária, enquanto os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. bell hooks ressalta suas experiências com o diálogo em sala de aula (hooks, 2013, p. 115):

No curso introdutório sobre escritoras negras, peço aos alunos que escrevam um parágrafo autobiográfico sobre uma lembrança racial do início de sua vida. Cada pessoa lê seu parágrafo em voz alta para classe. O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e unicidade de cada voz. Esse exercício ressalta a experiência sem privilegiar as vozes dos alunos de um grupo qualquer. Ajuda a criar uma consciência comunitária da diversidade das nossas experiências e proporciona certa noção daquelas experiências que podem informar o modo como pensamos e dizemos. Visto que esse exercício transforma a sala de aula num espaço onde a experiência é valorizada, não negada nem considerada sem significado, os alunos parecem menos tendentes a fazer do relato da experiência um lugar onde competem pela voz, se é que o fato dessa competição está acontecendo. Na nossa de aula, os alunos em geral não sentem a necessidade de competir, pois o conceito da voz privilegiada da autoridade é desconstruído pela nossa prática coletiva.

Segundo hooks (2013), assim como nossa maneira de atuar, também nossa voz deve mudar. Na vida cotidiana, falamos de um jeito diferente com diferentes plateias. Para nos comunicarmos melhor, escolhemos um jeito de falar determinado pelas particularidades e características únicas das pessoas a quem e com quem estamos falando. Com este espírito, compreendemos que nem todos esses ensaios têm a mesma voz.

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professoras/es, acadêmicas/os e pensadoras/es críticas/os, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas por questões raciais, de gênero, de classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (hooks, 2013). Segundo Freire (2019), não existe autoridade sem liberdade e um projeto de educação libertadora e crítica requer sensibilidade e consciência. Consciente que a autoridade do professor deve estar em harmonia entre a ordem e a transgressão.

A partir do referencial teórico e metodológico de bell hooks, a comunidade de aprendizagem construída para a pesquisa (Anexo E) está dividida em quatro encontros: o primeiro, teve os objetivos de olhar para nós mesmas e nossos corpos, por meio da escrita autobiográfica, compreender o conceito de comunidade de aprendizagem e entender o significado da produção de cadernos encontro. O segundo encontro da comunidade de aprendizagem teve por objetivos apreender que o feminismo é para todo mundo; refletir a estrutura da nossa sociedade patriarcal e discutir os feminismos que circulam entre essas estudantes participantes da nossa comunidade.

O terceiro encontro da comunidade de aprendizagem teve por objetivos evidenciar diferentes opressões narradas pelas estudantes e compreender o conceito de esperançar como posicionamento crítico. Por fim, o quarto e último encontro da nossa comunidade de aprendizagem objetivou refletir sobre a solidariedade feminina e a conexão entre mulheres, para que houvesse o reconhecimento entre pessoas que compartilham problemas semelhantes,

possibilitando maneiras de esperar juntas. A seguir, apresentaremos cada uma das comunidades de aprendizagens Levamos em consideração, em cada momento, as orientações de bell hooks, que orienta a construção desses ambientes com alegria, amor, cumplicidade e autorrealização, para articular conhecimentos de diferentes procedências e transformar as vidas.

1.4 COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: CADERNO DE ARTISTA E AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

A primeira comunidade de aprendizagem, como supracitado, teve por objetivos o auto-olhar, por meio da escrita autobiográfica; compreender o conceito de comunidade de aprendizagem; entender o significado da produção do caderno de artista e produzir um caderno de artista, o que exigiu que tivéssemos o entendimento da importância de se falar sobre si, numa reflexão constante. Segundo Bernardes (2013), o caderno de artista deve trazer algumas ferramentas que possibilitem a escrita de diários como narrativas autobiográficas. Nesses cadernos também registram-se as experiências poéticas e estéticas das participantes, que podem se utilizar da linguagem escrita, do desenho, da fotografia e das colagens. Para a elaboração dos objetivos do primeiro encontro consideramos a seguinte reflexão da escrita de hooks (2019b, p. 29):

Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação. Quando mulheres organizadas pela primeira vez em grupos para juntas, conversar sobre questões relacionadas ao sexismo e a dominação masculina, elas foram claras quanto ao fato de que mulheres eram tão socializadas para acreditar em pensamentos e valores sexistas quanto aos homens. A diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do Enconrosexismo do que as mulheres e, como consequência, era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado. Antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas; precisamos criar consciência.

Foi disponibilizada, pelo colégio, a sala de projetos e reuniões. Nessa sala aconteceram os encontros da comunidade de aprendizagem. No ambiente, encontramos as poltronas organizadas em círculo e iniciamos, em um primeiro momento, com o desenvolvimento de um diálogo de apresentação como nome, idade, interesse profissional e perspectivas dos nossos encontros. Para que as meninas além de se conhecerem, sentissem sua voz privilegiada e pertencentes ao grupo.

Após as apresentações, foi explicado que nesses encontros tentaríamos construir uma comunidade de aprendizagem que tinha o objetivo de desenvolver um trabalho coletivo, que criasse um ambiente de partilha, em que a participação fosse mútua e o movimento de ideias trocadas entre todas. Para hooks (2020), a comunidade de aprendizagem é um movimento de denúncia e de atravessar fronteiras. A intersecção e distinção entre raça, classe e gênero são categorias impactam as comunidades de ensino e aprendizagem ou mesmo as tentativas de criar laços de verdadeiro amor entre as pessoas. Por isso, as comunidades são pensadas para promoverem a capacidade de qualquer grupo criar uma comunidade aberta de aprendizado (hooks, 2021).

Posteriormente, a biografia de bell hooks foi resumidamente apresentada as participantes, no momento que projetamos sua imagem na parede da sala e fomos narrando que Gloria Jean Watkins, nascida em 1952 em Hopkinsville, Kentucky, sul dos EUA, apresenta-se em suas obras com o pseudônimo bell hooks, inspirada pela bisavó materna, Bell Blair Hooks. Esse nome é também homenagem às mulheres fortes, já que bisavó de hooks gostava, assim como ela, de expressar suas opiniões e ideias. Criada em uma família de domínio patriarcal, de classe trabalhadora, a mãe da educadora foi dona de casa e seu pai foi zelador. Em sua infância, conviveu com cinco irmãs e um irmão.

Adiante, fizemos uma breve retomada histórica de como a segregação racial nos Estados Unidos era persistente e isso foi um desafio para hooks e a população negra do país. Isso ficou bem evidente no tratamento que recebeu durante a sua infância. Desde jovem, bell hooks se mostrou astuciosa, pois traduzia nas escritas as palavras de opressão que vivia nos mais diversos ambientes de sua vida (hooks, 2021). O seu livro foi mostrado as estudantes e foi realizada a leitura do seguinte trecho:

Para construir a minha voz eu tinha que falar – e falar foi o que fiz – lançando-me para dentro e para fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando. Nem preciso dizer que as punições para esses atos discursivos eram infinitas. Elas tinham o propósito de silenciar – a criança, mais particularmente a menina. Se eu fosse um menino, eles teriam me encorajado a falar, acreditando que assim, algum dia, eu poderia ser chamado para pregar. (hooks, 2019, p. 32).

E após continuamos narrando que na obra de hooks (2019), Mariléa Almeida cita no prefácio, de que modo o intelecto da autora foi visto como desafiador por sua família, pois, em um contexto de segregação racial, as oportunidades para mulheres negras eram poucas. Estas, estavam limitadas ao trabalho doméstico, ao casamento e a criação dos filhos. Profissionalmente, as garotas que gostavam de estudar, poderiam ser professoras. Em *Wounds*

of Paison: a writting life (Feridas da Paixão: uma vida de escrita, 1997), livro de memórias que narra sua relação amorosa com a escrita, hooks conta que ser professora naquele contexto era optar por uma vida celibatária “o magistério era visto como algo quase sacerdotal. A carreira de professora, era renunciar à vida amorosa e à vida sexual” (hooks, 2017, p.10). As meninas não eram estimuladas a desenvolver o intelecto, já que, conforme afirmava o pai de bell hooks, “os homens não gostam de mulheres que falam o que pensam” (*Ibid.*, p.10).

Apresentamos a comunidade de aprendizagem também que bell formou-se em literatura inglesa em Stanford, em 1973, no auge do movimento feminista. Entre 1970 e 1980, assim como outras escritoras e ativistas negras, hooks sofreu críticas de mulheres e homens dos movimentos negros, pois ela denunciou o machismo existente dentro do movimento negro, que era dominado pelos homens. No movimento feminista, a educadora também denunciou as opressões. Nos espaços, por vezes dominados por mulheres brancas, negava-se o racismo, e a diferença de gêneros entre a comunidade negras. Por fim, a escritora e teórica bell hooks faleceu em 2021, aos 69 anos, por insuficiência renal em estágio terminal (EBC, 2021). Com essa retomada, finalizamos então a apresentação de bell hooks às estudantes.

Em um segundo momento, após ter sido relatado a história de vida de bell hooks, propomos a escrita de cadernos de artista, inspirados na própria vida de hooks, que encontrou na escrita uma maneira de amplificar a sua voz. Conforme descrito por ela mesma:

E então eu escrevia os pedacinhos de conversas, fazendo confissões a diários baratos que logo caíam aos pedaços de tanto serem manuseados, expressando intensidade da minha tristeza, a angústia da fala – por estar sempre dizendo coisa erradas. Eu não conseguia restringir meu discurso aos limites e as preocupações necessárias da vida, escondia esses escritos embaixo da cama, em enchimentos de travesseiros, entre roupas íntimas gastas. Quando minhas irmãs os encontravam e liam, elas me ridicularizavam e zombavam de mim, debochando. Eu me sentia violentada, envergonhada, como se partes secretas do meu eu tivesse sido exposta, trazidas para fora e penduradas como roupa recém-lavada a céu aberto para todo mundo ver. O medo da exposição, o medo de que os sentimentos mais profundos e os pensamentos mais íntimos fossem desprezados como meros devaneios, sentido por tantas garotas jovens que guardam diários, que recebem e escondem a fala, parece-me agora uma das barreiras que as mulheres sempre precisaram e ainda precisam destruir para que não sejamos mais empurradas para o segredo e o silêncio. (hooks, 2019, p. 33).

Mostramos um caderno elaborado pela própria pesquisadora e propomos que as estudantes, durante os encontros da comunidade, construíssem seus cadernos de artista, com as impressões dos encontros e acontecimentos do seu dia a dia. Este caderno podia, além das descrições, apresentar desenhos, colagens, letras de músicas entre outros meios de expressão

de ideias e sentimentos. Foi exibido o vídeo: “um hábito que mudou minha vida: escrever”⁸, da *youtuber* Fernanda Domingues, estudante de designer, e especialista em conteúdos criativos. A influencer relata que escrever, expressar-se por meio da escrita foi terapêutico no seu processo de aprender a trabalhar com a comunicação. Da mesma maneira, reitera como nossos hábitos influenciam em nossas vidas e a maneira que trabalhamos nossas emoções. Ela finaliza dando dicas de como criar um diário.

As estudantes receberam cadernos e acessórios (marca texto, adesivos, bloco de anotações), para escreverem suas confissões durante a pesquisa e também customizassem com tecido, botões, figuras, ou seja, criassem suas identidades em seus cadernos, como desejassem. Após esse momento foi entregue a charge do personagem Snoopy que fala sobre se autobiografar.

Figura 1 - Apresentação de charge



Fonte: Disponível em: <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/image/148616970977>

As estudantes colaram a charge em seus cadernos, e juntas refletimos sobre a autobiografia. A pesquisadora mostrou seu caderno para a comunidade e leu seu parágrafo autobiográfico sobre o que é ser mulher para ela, como se vê, se sente em relação a si mesma e se observa na sociedade. Em sequência, solicitou que as participantes escrevessem um parágrafo autobiográfico e o que elas entendem por ser mulher e por feminismos, para podermos compartilhar na comunidade suas autobiografias. Conforme hooks relata, o parágrafo autobiográfico ajuda construir uma consciência comunitária:

[...] No curso introdutório sobre escritoras negras, peço aos alunos que escrevam um parágrafo autobiográfico sobre uma lembrança racial do início de sua vida. Cada pessoa lê seu parágrafo em voz alta para classe. O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e unicidade de cada voz. Esse exercício ressalta a experiência sem privilegiar as vozes dos alunos de um grupo qualquer. Ajuda a criar uma consciência comunitária da diversidade das nossas experiências e proporciona

⁸ O vídeo encontra-se disponível no *YouTube*, através do link: https://www.youtube.com/watch?v=X6J_JiSvgbU

uma certa noção daquelas experiências que podem informar o modo como pensamos e dizemos. Visto que esse exercício transforma a sala de aula num espaço onde a experiência é valorizada, não negada nem considerada sem significado, os alunos parecem menos tendentes a fazer do relato da experiência um lugar onde competem pela voz, se é que o fato dessa competição está acontecendo. Na nossa de aula, os alunos em geral não sentem a necessidade de competir, pois o conceito da voz privilegiada da autoridade é desconstruído pela nossa prática coletiva (hooks, 2017, p. 115).

No terceiro momento, para finalizar a primeira comunidade de aprendizagem, sugerimos o vídeo: “4 vezes em que o feminismo defendeu crianças e adolescentes” (<https://www.youtube.com/watch?v=Gz94oldQJs8>). Para auxiliar na escrita do caderno deixamos as participantes a seguinte reflexão: “pense na escrita do caderno, olhem para vocês e suas vidas (músicas, séries, escola, casa, amigos/as). Onde está ou não está o feminismo?”. Deixamos também, como “tarefa”, a leitura do texto (Anexo C) de apresentação do livro: “Intellectual differentona em verso e prosa”, da autora Bárbara Pinheiro (2022) em que se explica como escrever mudou a sua vida.

1.4.1 Comunidade de Aprendizagem: “Feminismos: significados e conceitos”

A segunda comunidade de aprendizagem teve por objetivos compreender que o feminismo é para todas. Buscamos refletir a estrutura da nossa sociedade patriarcal e discutir os feminismos que circulam entre essas estudantes participantes da nossa comunidade. Iniciamos o segundo encontro da comunidade de aprendizagem retomando algumas questões do primeiro encontro e questionamos se alguma estudante sentia-se à vontade para nos relatar suas reflexões ou escritas nos cadernos. Nesse momento, eu e Bruna⁹ compartilhamos nossos relatos. Afinal, a conversação, o compartilhamento de ideias, histórias e experiências é uma ferramenta fundamental para a aprendizagem (hooks, 2017, p.25).

Após, as participantes foram organizadas em duplas e realizaram a leitura de estudos de caso selecionados, como: “Especial Mulheres na Política - Mulher e política: a desigualdade em Ponta Grossa” (anexo F); “Brasil segue como país com maior número de pessoas LGBTQ+ assassinadas” (anexo F) e “Alunos de medicina ficam pelados e simulam masturbação durante jogo de vôlei feminino em campeonato universitário em SP” (Anexo F).

⁹ Doutoranda do grupo de pesquisa GEPEC (qual a pesquisadora faz parte) que nos auxiliou no desenvolvimento dos encontros, como apoio técnico e emocional.

O primeiro texto trabalhado “Mulher e política: a desigualdade em Ponta Grossa”, realizamos as seguintes questões foram realizadas: na opinião da dupla, por que temos poucas mulheres na câmara de vereadores de Ponta Grossa? Será que isso se repete em outros lugares, como, por exemplo, na câmara de deputados federais e estaduais? Há outros lugares em que as mulheres são minorias? E em quais trabalhos as mulheres são maioria? Na sua opinião, por que isso ocorre?

No segundo texto, “Brasil segue como país com maior número de pessoas LGBT+ assassinadas”, foram realizadas as seguintes questões: O que você pensa em relação às pessoas LGBTI+? Se você estivesse lendo essa reportagem com uma amiga e ela te perguntasse por que pessoas LGBTI+ são mortas, como você explicaria? E se ela perguntasse o porquê elas cometem suicídio qual seria sua explicação?

No terceiro texto, “Alunos de medicina ficam pelados e simulam masturbação durante jogo de vôlei feminino em campeonato universitário em SP”, foram realizadas as seguintes questões: se você fosse uma das jogadoras, como se sentiria? Qual a opinião a respeito das meninas jogadoras não denunciarem tais colegas. Por que você acha que isso acontece?

Após a leitura solicitada pelas duplas, pedimos para que cada dupla relatasse o caso lido e discutissem as questões com a comunidade, para que as demais também manifestassem suas opiniões. Essa proposição do diálogo está ancorada no pensamento de que as ideias se renovam quando circulam pela conversa, pela troca, pela colaboração, nos levando a romper fronteiras (hooks, 2017).

Após esse momento de discussão, foi proposto, que realizassem a leitura em suas casas, da cartilha “Feminismos para Todes” produzida por Alícia Santana, Ana Clara Lebrão, Grazielle Reis, Jucimara Santana e Jussana Vilas Boas (2020), que trata de diferentes feminismos, como: empoderamento feminino, interseccionalidade, feminismo lésbico, feminismo negro, transfeminismo, feminismo comunitário (anexo E). Posteriormente, como tarefa de casa, foi recomendado que as meninas escrevessem em seus cadernos lembranças do que foi discutido no encontro. Ao final foi explicado que no próximo encontro iríamos trabalhar com a obra “Olhos d’água” e “Insubmissas lágrimas de mulheres” da autora Conceição Evaristo (2016). As obras escolhidas são compostas por contos que abordam a história de personagens mulheres silenciadas pelo racismo, pelas imposições econômicas, por condições degradantes de trabalho e pelas questões de gênero. São narrativas curtas da vida de

crianças, homens e, sobretudo, mulheres. Personagens femininas – mães, idosas, crianças, ex-prostitutas, domésticas – estão sempre no centro do processo de escrita da autora.

1.4.2 Comunidade de Aprendizagem: “Esperançar”

A terceira comunidade de aprendizagem buscou evidenciar as diferentes opressões nas próprias narrativas das estudantes e compreender o conceito de esperançar como posicionamento crítico. No prefácio da edição brasileira de hooks (2021), Edna Gonçalves diz que “esperançar para bell e Freire, é condição para o estabelecimento de comunidades educativas dispostas a reagir à violência e das opressões vigentes em ambientes hostis à liberdade de expressão e a questionamentos das relações verticalizadas que as sustentam” (hooks, 2021, p.15). O esperançar deve ser um verbo, uma ação, e por meio de práticas pedagógicas progressistas, construir um senso de conexão, comunidades que rejeitem pressupostos do patriarcadocapitalista imperialista, supremacista branco “educar é sempre uma vocação arraigada na esperança” (*Ibid.*, p.28).

Nos últimos vinte anos, educadores que ousaram estudar e aprender novos jeitos de pensar e de ensinar. Estamos na mesma direção, a fim de que nosso trabalho não reforce sistemas de dominação: imperialismo, racismo, sexismo ou elitismo. Criou-se uma pedagogia da esperança, que falam sobre a necessidade de cultivar esperança. Aliás, o educador brasileiro Paulo Freire nos lembra: "a luta pela esperança significa a denúncia franca, sem meias-palavras, dos desmandos, das falcatruas, das omissões". (hooks, 2021, p.27). Em *The Outrageous Pursuit of Hope: Prophetic Dreams for the Twenty-First Century* (A fantástica busca por esperança. Sonhos proféticos para o século XXI), Mary Grey, citada por hooks, recorda que vivemos pela esperança:

[...] A esperança amplia os limites do que é possível. Está ligada àquela crença básica na vida sem a qual não conseguiríamos passar de um dia a outro [...]. Viver pela esperança é acreditar que vale a pena dar o próximo passo; que nossas ações, a família, a cultura e a sociedade têm sentido, e que vale a pena viver e morrer por elas. Viver com esperança nos diz: "Há uma saída", mesmo nas situações mais perigosas e desesperadoras (hooks, 2020, p.29).

Textos sobre amor e justiça, sobre pessoas brancas que transformam a própria vida para se tornar essencialmente antirracistas, além de leituras sobre sexo, sexualidade e poder, podem promover um testamento de esperança, “buscando recuperar nossa consciência coletiva do espírito de comunidade que está sempre presente quando estamos ensinando e aprendendo de verdade” (*Idem*, 2021, p. 28). Os livros de hooks são resultados de diálogos

transformadores que ocorrem no contexto de construção de comunidade em que fala com franqueza e honestidade sobre mudança, transformação, esperança e criação de comunidade, tendo a justiça como o cerne (*Idem*, 2021).

Na sequência da terceira comunidade de aprendizagem, realizamos a seguinte leitura:

Da voz outra, faço a minha, as histórias também. [...] E, depois, confesso, a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Por tanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. (Evaristo, 2016, p. 7).

Posteriormente, as estudantes foram divididas em duplas e receberam um conto de um dos livros de Conceição Evaristo “Olhos D’agua”(2014) ou de “Insubmissa lágrimas de mulheres” (2011) (anexo D). Após a leitura, foi solicitado às duplas que compartilhassem e narrassem as personagens e o enredo do conto para todas na comunidade. Além de partilhar as leituras, pedimos também que as participantes lessem as anotações em seus cadernos de artista, caso se sentissem à vontade. Depois desta dinâmica, realizamos o questionamento: Qual reflexão do esperar podemos sentir em meio a tais opressões que tantas mulheres sofrem em nossa sociedade?

Ao final da comunidade, ouvimos a música “Triste, louca ou má”, da banda Franciso El Hombre. Ao entregar a letra para as estudantes, a pesquisadora confessou que escolheu essa música pela potência da letra, pela reflexão do papel da mulher na sociedade, que quando não se enquadra é triste, louca ou má. Relatamos também acerca da história encantadora da música, pois a canção expressa sua própria inquietação diante dos enquadramentos sociais aos quais as mulheres são submetidas e classificadas quando fogem do padrão estabelecido pela sociedade. O trecho que a pesquisadora mais gosta é:

*“Prefiro queimar o mapa
traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar.”*

“Esse trecho desperta o sentimento do esperar. Esse trecho faz meu coração como mulher, que pesquisa as mulheres, acreditar que podemos buscar por novas existências. Essa música me parece um mantra, uma poesia. A compositora constrói uma narrativa, mostrando que certos padrões não podem ser construídos dessa forma, e que podemos nos reinventar, recriar e recomeçar” (Pesquisadora, 2023).

Para a próxima comunidade foi solicitado que trouxessem em seus cadernos relatos de músicas ou filmes, que ouviram ou assistiram e narrem porque essas músicas as sensibilizaram ou chamaram atenção enquanto mulheres, e quais os sentimentos de esperança surgem dessas escolhas.

1.4.3 Comunidade de Aprendizagem: “Solidariedade feminina”

Iniciamos o último encontro da nossa comunidade de aprendizagem ouvindo a música “Triste, louca ou má” da banda Franciso el Hombre (2021) selecionada no encontro passado, a pesquisadora questionou quais lembranças, reflexões, incômodos trouxe a letra da música. Após, as estudantes, compartilharam com a comunidade, suas músicas e filmes preferidos, além das narrativas da escolha dessas músicas, retomamos as questões discutidas na comunidade anterior e o resultado foi:

- No último encontro, foi mencionado como o apoio da mãe para aceitar a namorada de umas das adolescentes foi importante para o fortalecimento existencial e autoestima da estudante;
- Duas participantes da comunidade relataram que não tiveram o apoio da família quando assumiram sua sexualidade e encontram no acolimento e compreensão dos amigos forças para enfrentar os preconceitos da sociedade;

Questionamos como as mídias ajudam ou atrapalham as lutas das mulheres e comunidade LGBTQI+. Após esse momento, realizamos uma prática para pensar na empatia feminina. Para a dinâmica, foi entregue um barbante para uma delas e solicitado que use para dar um nozinho em volta do dedo, e passe o barbante para outra estudante aleatoriamente do círculo. Ao final, uma grande teia formou-se. A prática foi importante para suscitar o ensinamento oitavo da obra “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança de bell hooks”: a imaginação. É importante poder imaginar e criar uma realidade diferente, afinal, antes de termos a solidariedade feminina precisamos também ser solidárias conosco. Então, foi solicitado que elas imaginassem, como se fossem alguém que estivesse fora do nosso planeta, uma deusa com poderes olhando para nós. Indagou-se a elas: “olhando para a comunidade que criamos, o que vocês fariam? Para você mesma, para essas mulheres e para outras mulheres?”.

O intuito foi mostrar para as participantes mulheres o quanto os relacionamentos e os laços com quem está à nossa volta são importantes, e como nós mulheres podemos desenvolver empatia por outras mulheres as vendo como companheira de lutas e não como concorrentes como alguns ambientes insistem em nos fazer acreditar. Além disso, foi imprescindível observar como agentes externos podem nos influenciar. Realizamos uma breve discussão sobre a importância das pessoas que nos cercam e dos relacionamentos que construímos com elas, como esses estruturam nossa vida. E que assim como a teia que se formou nossas relações, dependem estão ligadas com o outro, também precisamos de laços com outras mulheres, que podem nos salvar. Salientamos ainda a importância de apoiarmos umas às outras pelas causas que buscamos em comum.

A pesquisadora narrou suas reflexões, em um processo de avaliação da pesquisa, de como esses encontros impactaram a vida dela, quais aprendizados ela levou da comunidade. Assim, provocou as estudantes para que também avaliassem esses momentos compartilhados. Buscamos pensar acerca de questões como: de que forma as estudantes se localizam e posicionam sobre os estudos que realizamos juntas? Será que conseguimos construir um novo pensar? Quais possibilidades de esperar sobre o tema criamos? Nesse momento, temos o objetivo de refletir e retomar o que ficou, para que juntas possamos ver a comunidade de aprendizagem que construímos, com esses encontros, e alguns impactos relacionado ao tema na vida dessas estudantes que participaram da pesquisa.

1.5 AUTOBIOGRAFIA DAS ESTUDANTES

A comunidade de aprendizagem não é uma comunidade homogênea, em que as diferenças são apagadas ou ignoradas, assim apresentamos as participantes ressaltando suas individualidades e diferenças. Durante a terceira comunidade, uma das alunas questionou se as personagens dos contos narrados por Conceição Evaristo recebiam um nome fictício relacionado a sua história. Juntas, percebemos que sim. Naquele momento, elas pensarem em qual nome escolheriam para serem identificadas nessa pesquisa. Inspiradas nesse momento, para proteger a identidade das participantes desta pesquisa, as meninas serão identificadas por nomes fictícios que elas escolheram. Nossa sugestão foi que, na hora da escolha, elas pensassem em nomes de mulheres marcantes em suas vidas, ou de algum personagem relacionada a algo importante para elas.

Uma das estudantes relata: “gostaria de ser chamada de “Princesinha”, pois gosto muito de ler, e um dos meus livros preferidos é “A Princesinha” e o “Jardim Secreto” do

francês Hodgson Burnett”. A participante relata que tem 16 anos e seu grande sonho é morar em outros estados ou países. Ainda, ela acrescenta que “sempre fui bem quieta e isso me prejudicou ao longo do tempo. Penso em cursar Biologia ou Farmácia. O que mais gosto de fazer é ler livros que me mostrem uma realidade diferente da minha, e estar em casa com a minha calopsita, temos uma relação forte, quando saio ela faz maior escândalo e fica o tempo todo me esperando na janela”.

A outra participante diz que gostaria de ser chamada de Maria, “porque é um nome que lembra as mulheres no geral”. Maria relata que é bem companheira e preocupada com a família, que gosta muito de sair com os amigos. No contraturno, ela ajuda como monitora voluntária na escola e diz que “eu amo essa escola e adoro ser monitora porque estou o tempo todo conversando com os alunos menores”. Maria diz que uma das coisas que mais gosta é de estar na companhia de sua mãe: “não gosto de me descrever fisicamente porque estou acima do peso e isso me incomoda, mas sou branca, cabelos crespos e compridos, tenho vários *piercings* e uso óculos de grau. Tenho 16 anos”.

A terceira estudante narra: “gostaria de ser chamada de “Rose” em referência a autora Rose Marie Muraro eu li um livro dela uma vez e amei. Minha personalidade confunde as pessoas, tenho 17 anos e gosto muito de ficar sozinha, mas sou sociável e extrovertida”. Rose relata que se sente uma “pessoa fria e, ao mesmo tempo, muito intensa”: ao mesmo tempo que ela se apega rapidamente a alguém, ela também “desapega-se”, o que a machuca emocionalmente. Ainda, Rose relata “me encanto pelos pequenos gestos, aguento muita coisa calada, passei por um relacionamento que me deixou muitos problemas, e infelizmente por culpa dele acabo sendo a pessoa errada para quem é a pessoa certa”.

A quarta participante da pesquisa diz que quer de ser chamada de “Elize” porque no momento é uma das suas séries preferidas. Elize tenho 16 anos e é mulher lésbica assumida para toda minha família. Dentre seus passatempos, a participante gosta de passar o tempo assistido series/vídeos porque isso faz se sentir “desligada do mundo, o que lhe gera a sensação de fluidez. Elize mora com meus pais e irmãos, o irmão tem 21anos e a irmã, 19 anos. Ela relata questões sexistas em sua casa: “eu e minha irmã revezamos para limpar e cuidar da casa e meu irmão não faz *nada*. Isso me irrita muito. Meus pais me veem como a mais ajuizada dos três, e tratam minha irmã como criança, isso faz com que toda responsabilidade caia sobre mim, eu posso dizer que já passei por muitas coisas ruins em casa e em relacionamentos”. Apesar dos percalços, o que deixa Elize feliz é sua companheira a “namorada mais maravilhosa do mundo, a Lua”.

A quinta participante relata: “gostaria de ser chamada de “Discreta”, porque, eu sou muito quieta, não tenho muito que falar de mim. Sou uma adolescente como outra qualquer, gosto de estar com minhas amigas, com minha família de ver séries. Eu gosto do meu corpo, mas implico um pouco com meu rosto”.

A sexta participante, Lua, relata que sua opção pelo pseudônimo é porque a lua tem fases diferentes, mas nunca perde o brilho. Por isso, deve-se aproveitar cada fase. Lua tem 15 anos, vende deliciosos doces há 6 meses e desde o início teve 100% de apoio para o ofício, especialmente dos pais. A participante relata “tenho o sonho de cursar medicina e um dia ser uma pediatra. Amo dançar, é uma terapia para mim, sou viciada em batata de todas as formas e agora minha namorada a Elize me fez viciar em Sushi”. O passatempo de Lua é levar meus irmãos pequenos para sair e poder pagar de tudo para eles. Ela diz que não se trata de questões materiais, mas sim o momento que passam juntos. Ademais, Lua diz “eu namoro uma mulher linda, o nome dela é Elize e ela é incrível. Amo meus pais, apesar de ter brigado muito com eles. Eu e minha mãe temos uma amizade linda e eu amo ela. Meus pais estão separados, já faz 1 ano”.

A sétima participante nos diz que gostaria de ser chamada de “Vick” ou de outro apelido escolhido pela “profe”. Ela diz, de forma tímida que acha “muito difícil falar da gente. Tenho dificuldade de escrever ou falar sobre mim e sempre acho que eu tenho mais defeitos do que qualidades, espero um dia mudar isso. Gosto de ir em parques no geral, principalmente parques aquáticos no verão, e filmes de romance, amo”.

A oitava participante expressa que gostaria do pseudônimo de “Pink” porque é uma das minhas cores favoritas. Ela tem 16 anos, morena com a pele clara, magra e gosta de si do jeito que é, mas “acho que queria colocar silicone um dia”. Pink é filha única e por isso, às vezes, diz se sentir um pouco solitária. Por isso, Pink relata amar estar em companhia das suas primas e amigas, ir a baladas e parques com elas. Sobre os pais, Pink relata que eles são muito bons com ela, são sua base, seu tudo e a apoiam muito. Ela diz que sua motivação para participar da comunidade de aprendizagem aconteceu quando sua mãe disse que seria muito legal participar “e aprender sobre como as mulheres estão livres hoje”. Pink diz, ainda, que não consigo pensar “o que fazer da vida [...] Quero pensar isso quando eu terminar o Ensino Médio, quero curtir essa fase sem muita preocupação, já que depois a gente trabalha a vida toda”.

A nona participante quis ser chamada de “Merida” porque a professora Andréia (pesquisadora) disse que olhando pareço uma princesa ruiva, mas quando converso vê-se o

quanto eu sou valente e guerreira como a Merida do filme Valente”. A participante diz que quando foi escrever o parágrafo autobiográfico no caderno da artista, a primeira lembrança foi de sua família: “ninguém tem a família perfeita e a minha está longe disso. Mas a alegria, a angústia, o prazer faz parte de momentos bons e ruins com eles”. Merida diz que desenhar é uma das coisas que mais ama e que tudo relacionado a arte a deixa relaxa e a faz bem. A participante também menciona sua relação com o próprio: “sempre foi um assunto muito delicado para mim. Desde criança fui gordinha, sofria bullying, então meu peso, foi sempre um vilão para mim. Mesmo se passando nove anos desses acontecimentos, isso me afeta muito em vários sentidos”. A última coisa que Merida comenta sobre si é acerca de sua religião, que considera um tema delicado em sua vida: “tenho que discutir com as pessoas e explicar que não faço pacto com nada, nem sacrificio animais (sou umbandista). Tirar essas coisas absurdas da cabeça dessas pessoas é muito legal”.

A décima participante narra que gostaria de ser chamada de “Renascida” porque é um dos significados de seu verdadeiro nome. Ela relata que há pouco dias havia descoberto que seria mãe: “então, Renascida tem tudo a ver comigo nesse momento”. Ela diz que tem 16 anos, possui bipolaridade e acredita que sua personalidade “é um problema, pois em um momento estou feliz dando risada, em outro triste chorando”. Renascida gosta de fazer várias coisas: ler livros *online* de histórias tristes, dormir, ver séries comendo, de brincar com seus sobrinhos e ficar em família: “ficar com minha família é a melhor coisa para mim. Minha mãe aceitou minha gravidez e está me apoiando muito. Foi um grande susto, fiquei triste, nervosa, preocupada, mas agora estou mais tranquila, tentando aproveitar e estou prometendo a mim mesma todos os dias que não vou parar de estudar”.

Como vimos, nesse capítulo foi apresentado nossa metodologia e as ferramentas da pesquisa para a construção de uma comunidade de aprendizagem, a autobiografia das estudantes e como o referencial teórico e os aspectos do pensamento de bell hooks podem nos ajudar a interpretar as narrativas feministas das estudantes. No capítulo dois são apresentadas e analisadas as narrativas das estudantes construídas na comunidade de aprendizagem.

CAPÍTULO 2: “NARRATIVAS CONSTRUÍDAS EM NOSSA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM”

Neste capítulo, apresentamos o caminho das análises das narrativas feministas construídas na comunidade de aprendizagem. No processo de análise buscamos (res)significar as narrativas feministas das estudantes a partir de diferentes referências teóricas feministas e evidenciar diferentes opressões narradas pelas estudantes. Nossas análises evidenciaram experiências que questionaram as desigualdades de gênero na profissão, na política e no lar, narrativas do feminismo: “bom ou ruim”, narrativas que persistem: mulheres e o cuidado, falas que denunciam de opressões, violências e controle sobre o corpo, narrativas que não reconhecem violências e opressões, e por fim, narrativas dos direitos das mulheres.

2.1 ANÁLISES DAS NARRATIVAS DAS ESTUDANTES DA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

[... Uma metodologia de pesquisa é sempre pedagógica porque se refere a um como fazer, como fazemos ou como faço minha pesquisa. Trata-se de caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetões a realizar, de formas que sempre têm por base um conteúdo, uma perspectiva ou uma teoria. Pode-se referir a formas mais ou menos rígidas de proceder ao realizar uma pesquisa, mas sempre se refere a um como fazer. Uma metodologia de pesquisa é pedagógica, portanto, porque se trata de uma condução: como conduzo ou conduzimos nossa pesquisa. Sua função pedagógica, no entanto, produz estranhamentos quando adjetivamos essas metodologias de pesquisas como "pós-críticas". Afinal, a maior parte das correntes teóricas denominadas pós-críticas não se referem a um método de pesquisa, no sentido usual do termo. Algumas delas - como os estudos culturais, os estudos *queer*, o pós-feminismo – dizem explicitamente que a metodologia deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas (Paraíso, 2012, p.15).

A pesquisa narrativa pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema (no nosso caso, o objeto são as narrativas feministas), em que a pesquisadora busca informações para entender determinados fenômenos como, por exemplo, a influência direta e/ou indireta do patriarcado, a expressão machismo, sexismo, violência, e estereótipos de gênero, etc. As histórias foram obtidas por meio de alguns instrumentos como autobiografias, gravação de narrativas, narrativas escritas no caderno de artista e notas de campo.

Segundo Marlucy Paraíso e Dagmar Meyer (2012), as histórias que nos são narradas, não são dados prontos ou acabados, mas documentos produzidos na cultura por meio da

linguagem, especialmente no encontro entre pesquisadora e participantes da pesquisa. Trata-se de documentos que adquirem diferentes significados ao serem analisados no contexto do referencial teórico de bell hooks.

Realizamos a gravação de áudio dos encontros da comunidade de aprendizagem. Os dados foram transcritos pelo programa *Reshape - Transcrição de Áudio*. Após a inserção do áudio no programa, levou aproximadamente duas horas para terminar a transcrição, fornecida em forma de documento *word*. Estes documentos foram revisados e conferidos com as anotações da pesquisadora para confirmação dos dados. Foram transcritas, no primeiro encontro, 1h55m de áudio, resultando em um total de 35 páginas de documento. No segundo encontro, foram 1h35m de áudio, que resultou em um total de 26 páginas de documento *word*. O terceiro encontro rendeu 1h04m de áudio, que transcritos, resultaram em 20 páginas de documento *word*. Por fim, o último encontro furou 1h10m de áudio, resultando em um total de 18 páginas.

No processo de transcrição e análise dos dados, todos os cuidados éticos foram tomados para evitar a identificação das meninas. Foram substituídas, por exemplo, as funções e lugares de trabalho de pais, ou esportes e passatempos. Estas modificações não interferiram nas narrativas e preservaram a privacidade de cada estudante. A importância de compartilhar histórias como uma maneira de ensinar pensamento crítico, é um ideal de bell hooks. Ela destaca que histórias têm o poder de despertar a imaginação e ajudar a desenvolver habilidades de questionamento e análise. Ainda, a educadora argumenta que as histórias têm o poder de conectar as pessoas emocional e intelectualmente, permitindo que elas se engajem criticamente com diferentes perspectivas e experiências. Hooks ressalta também que, ao compartilhar histórias, estamos fornecendo ao público ferramentas para desafiar suposições e examinar o mundo ao seu redor de forma crítica. A autora bell acredita que compartilhar histórias é uma maneira valiosa de ensinar pensamento crítico, pois oferece oportunidades de refletir, questionar e compreender o mundo de forma mais profunda (hooks, 2017).

Retomamos a questão da presente pesquisa para pensarmos na análise: “*como circulam as narrativas feministas de estudantes do Ensino Médio e seus desdobramentos num diálogo em uma comunidade de aprendizagem?*”. Ao elaborarmos cada encontro da comunidade de aprendizagem, fomos elencando objetivos dinâmicos, compostos por “idas e vindas”, dentre eles: olhar para nós e nossos corpos, por meio da escrita autobiográfica (primeiro encontro); compreender que o feminismo é para todo mundo; refletir a estrutura da sociedade patriarcal; discutir os feminismos que circulam entre essas estudantes participantes

da nossa comunidade (segundo encontro); evidenciar diferentes opressões narradas pelas estudantes; compreender o conceito de esperançar como posicionamento crítico (terceiro encontro) e refletir a solidariedade feminina (quarto encontro).

Ao realizarmos essa organização dos encontros da comunidade tínhamos em vista o objetivo geral da pesquisa: compreender as narrativas feministas das estudantes do Ensino Médio e seus desdobramentos no decorrer de uma comunidade de aprendizagem. Assim, olhamos para narrativas das meninas para criar um novo texto. Entendemos, aliás, a esfera privada (ou pessoal) como questão política. O compartilhamento de histórias pessoais são uma maneira poderosa de educar e construir uma comunidade. Ao dividirem suas histórias durante os encontros, questionávamos-nos: *o que está sendo confessado?* Assim, buscamos olhar para as seguintes narrativas: narrativas que questionam as desigualdades de gênero na profissão, na política e no lar; narrativas binárias do feminismo (“bom ou ruim”); narrativas que persistem: a mulher e o cuidado; narrativas de opressões, violência e controle sobre o corpo; narrativas que não reconhecem a violência; narrativas LGBTQIA+ e narrativas dos direitos das mulheres.

2.2 NARRATIVAS QUE QUESTIONAM AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NA PROFISSÃO, NA POLÍTICA E NO LAR.

A participante Merida foi a primeira a se posicionar e, inclusive, foi também uma das pessoas mais entusiasmadas da comunidade. Com um “ar doce” e cabelos longos vermelhos, seus discursos demonstravam força e potência: “eu fiquei pensando que para ser vereador não precisa ter curso superior, e mesmo assim, o povo não acha que nós mulheres temos competência para assumir um cargo desses”, Merida disse em um momento. A discussão apontada por ela questiona a desigualdade de gênero que contribui à falta de representação feminina na política.

A cultura política muitas vezes favorece somente os homens, o que torna mais difícil para as mulheres encontrarem mentores, financiamento e apoio necessário para concorrer a cargos políticos. Ainda, muitas mulheres enfrentam dupla jornada, equilibrando carreira e responsabilidades familiares, o que pode dificultar a entrada e a permanência das mulheres na política, especialmente em cargos de liderança que exigem um grande compromisso de tempo e energia. Essa falta de representatividade cria um ciclo, em que a ausência de representação

feminina resulta em políticas que não atendem às necessidades e interesses das mulheres, o que, por sua vez, desencoraja outras mulheres de se envolverem (Matos, 2010).

A pesquisadora Marlise Matos (2010) também constata um conjunto de fatores que refletem na limitação da autonomia feminina para se lançar à “aventura” de um cargo eletivo no país. Essas dificuldades acontecem desde a falta de autonomia própria e pessoal, passando pela experimentação de papéis de gênero socialmente estereotipados. A mulher é vista como quem cuida e o homem é quem trabalha, o que reflete os moldes tradicionais de papéis de gênero. As mulheres não recebem inúmeras vezes o apoio e sustentação familiar para a entrada e a permanência na carreira política. O senso comum identifica estes fenômenos sob a rubrica de “falta de ambição política” das mulheres. Essa problemática é narrada por Merida quando diz que “nem homens e nem mulheres votam em mulheres”, pois nosso sistema patriarcal nos impões os espaços que podemos ou não ocupar, e este espaço é naturalizado.

Princesinha disse que já refletiu sobre “áreas e profissões que tem mais homens, como se fosse um espaço mais duro para nós, como a Medicina, Engenharia, motoristas de caminhão, principalmente, pedreiro, não tem muitos cursos voltados para nós mulheres. São profissões geralmente [assimiladas ao] cuidado, [que são voltados] para nós, como enfermeira, professora, cuidadora de idosos e diaristas”. Princesinha traz em sua narrativa a normalização de espaço de mulheres e homens quando ela diz: “têm áreas e profissões que tem mais homens, como se fosse um espaço mais duro para nós”. Ela destaca a normalização pela sociedade e sistema patriarcal desses espaços, onde ao longo da história, os espaços públicos têm sido predominantemente masculinos, enquanto os espaços privados foram designados às mulheres.

A desigualdade de gênero no mercado de trabalho cria uma hierarquia, em que os homens são considerados como os detentores do poder e as mulheres são relegadas as posições de submissão e marginalização. No entanto, hooks sempre traz a reflexão da necessidade de questionar e desconstruir essa divisão de espaços com base no gênero. As mulheres têm o direito de ocupar todos os espaços públicos, assim como os homens, e é fundamental garantir a igualdade de acesso a esses espaços. Nesse sentido, a normalização dos espaços de homens e mulheres implica em reconhecer que ambos os gêneros têm os mesmos direitos e oportunidades de participação na sociedade. A desconstrução do patriarcado e a superação das normas de gênero são fundamentais para alcançar essa igualdade (hooks, 2019b).

Na comunidade, após a colocação de Princesinha, Rose ri e conta que seu tio é “diarista” em Curitiba e “saiu até uma reportagem sobre ele e sua profissão no jornal local na RPC. Na reportagem citaram como ele ama a profissão e as patroas elogiando o capricho no trabalho dele. A minha família (fora meu pai e meu irmão) é muito aberta, eu tenho bastante tias que são prostitutas também, a maioria das minhas tias são prostitutas. Esse tio é gay, né? Eu amo eles”, essa narrativa transgride o mito de que as mulheres tem mais “talento” para determinadas profissões geralmente voltadas ao cuidar é uma herança do sistema capitalista, a “feminilidade” foi construída com a função de “ocultar a produção da força de trabalho sob o disfarce de um destino biológico” (Federici, 2017, p. 21).

Em tempo, Merida lembra que quando tinha 10 anos, estudou em uma escola que só tinha um homem: “o único homem que era professor de Educação Física, e logo saiu, devia se sentir mal lá entre tantas mulheres [risos]”. E completa dizendo: “eu brigo com o meu pai sempre, né? [...] a gente é totalmente diferente um do outro, entendeu? Ele não sabe das coisas que eu gosto de apoiar, também não vou falar na cara dele, mas é difícil suportar alguns pensamentos dele”, Merida continua:

Eu tenho mais três irmãos, uma por parte da mãe, uma por parte de pai e um irmão por parte de pai e mãe. Ah, por falar da minha irmã por parte de pai, ela é totalmente independente, sabe? Meu pai já brigou com ela por causa disso. Só que hoje em dia, meu pai tem um pouco de raiva dela, não sei o porquê, sabe? Logicamente ela já fez um monte de merda (sic) com o meu pai, só que eu acho que não justifica a raiva que ele tem, porque assim, ela tem emprego, ela ganha bem, ela tá namorando um cara aí, que tem família. Eu sou muito parecida com ela, meu pai não queria que eu tivesse contato, e nem conversasse, mas a gente se fala escondido. Só uma coisa que marcou muito foi uma situação lá em casa, minha mãe foi conversar com meu pai, porque ela pegou o celular do meu irmão e ele estava pedindo para falar com uma menina, ele tem 12 anos. E meu pai ficou super feliz, né? Porque meu pai suspeitava que meu irmão era gay, aí para ele foi massa (sic), um alívio. Meu irmão estava dormindo, meu pai até acordou ele, minha mãe ficou super puta (sic). Ele disse para meu irmão “fale com a menina, chegue na menina”. Daí assim, eu não falei nada, eu tava só escutando a conversa. Até que falei eu também pai posso ser assim... e meu pai falou: “Merida, ele pode, você não” (Merida).

Merida em sua narrativa observa como a liberdade das mulheres é um problema, pois quando ela questiona o pai se pode ter a mesma liberdade do irmão, o pai com o seu “não” demonstra a lógica patriarcal, de que o homem desde pequeno pode usufruir de certos direitos e liberdade, que historicamente são negadas a nós mulheres. A dificuldade (e o medo) que a sociedade patriarcal tem em relação à liberdade das mulheres é um reflexo de atitudes e crenças enraizadas em desigualdades de gênero e preconceitos. A liberdade das mulheres

pode desafiar as estruturas de poder existentes, ameaçando a autoridade e o controle masculino. Quando uma mulher desafia as normas da sociedade patriarcal e reivindica sua própria autonomia, pode ser vista como uma ameaça à ordem social existente. A liberdade das mulheres não pode ser alcançada apenas por meio de leis e políticas igualitárias, mas também requer uma transformação cultural, que inclui a capacidade de ser autêntica, de expressar suas próprias vozes e experiências, e de se livrar dos estereótipos e papéis de gênero (hooks, 2019a). Após, Lua também explana narrativa:

Esse assunto me lembra lá em casa, minha própria vida, antes da separação dos meus pais. Meu pai [...] sempre estava fora de casa. Minha mãe trabalha o dia inteiro e fins de semana ela pratica um esporte. Então, às vezes, ela também viaja para participar de competições. Do meu pai viajar, ninguém da família falava nada. E quando a minha mãe viajava para participar das competições dela, que ela ama, toda família do meu pai ficava: “nossa, mas deixou vocês sozinhas (eu e minha irmã de cinco anos), quem está cuidando de vocês, teu pai sozinho coitado”. Eu não ligo porque esse esporte deixa minha mãe feliz, é o prazer dela” (Lua).

Lua demonstra como o pai é visto por desempenhar apenas sua função de pai, como um sofredor, perante as mulheres e homens que sustentam o sistema patriarcal. O homem que cuida de seus filhos desafia a lógica patriarcal e a mulher é vista como alguém que não desempenha “adequadamente” sua função. Os estereótipos de gênero da sociedade, tradicionalmente, a responsabilidade pela criação dos filhos é atribuída às mulheres, enquanto os homens são vistos como provedores financeiros. Muitas pessoas ainda têm dificuldade em aceitar essa mudança, resultando na percepção de que homens cuidadores são exceções ou estão enfrentando dificuldades extraordinárias. Esquecem como é fundamental para o desenvolvimento saudável das crianças que elas tenham a presença igualitária de ambos os pais em suas vidas e que os cuidados sejam compartilhados de forma justa entre homens e mulheres.

2.3 NARRATIVAS DO FEMINISMO: “BOM OU RUIM”

“Eu entendo a minha mãe”, disse Merida após o relato de Lua, que relembra que inicialmente a mãe inicialmente não queria deixar ela participar dos encontros da comunidade de aprendizagem, por não entender o que o feminismo poderia trazer de positivo para filha. A participante apontou: “na minha visão tem dois tipos de feminismo né, tem o feminismo bom e o feminismo ruim, aquele que não é o feminismo correto, que só pensa em ficar acima dos homens, entendeu? Uma visão totalmente diferente do que o feminismo é real. E o bom que

busca igualdade, amor”. Ao ouvir a narrativa de Merida do “feminismo bom” e do “feminismo ruim” a pesquisadora questiona as outras participantes da comunidade, e Princesinha narra: “eu também acho que tem dois feminismos, tem um feminismo que as mulheres não entendem direito, que só sabem ficar falando que mulher tem de ser melhor, superior ao homem. Ai, eu não sei explicar bem, mas é muito radical”. Percebe-se que narrativas de Merida e Princesinha há uma certa noção de que maioria das pessoas nunca leu um livro feminista ou assistiu a palestras e acabam por relatar que o que sabem ouviram, de pessoas que também, provavelmente, nunca leram. Afinal, nem todas as mulheres falam ou pensam mal do feminismo. Toda ideologia ou movimento tem diferentes posições. Em algumas culturas ou religiões, o feminismo pode ser visto como uma ameaça aos valores tradicionais ou pode entrar em conflito com as crenças religiosas, por exemplo. O feminismo é um movimento amplo e com uma diversidade de perspectivas, abordagens e pautas, como, por exemplo, o feminismo anti-racista, não pode ser discutido de forma polarizada como bom ou ruim.

A autora Chimamanda Ngozi Adichie (2015) leva-nos a refletir que, para se conhecer e reconhecer-se dentro dos movimentos feministas é imprescindível a leitura, pois por meio dela, as mulheres têm a oportunidade de ampliar sua compreensão sobre as lutas e conquistas do feminismo ao longo da história, bem como se inspirarem com as vozes de outras mulheres que compartilham de suas experiências. Ao se aprofundarem na literatura feminista, as mulheres podem encontrar respostas para muitas das questões e desafios que enfrentam em suas vidas, além de se conectar com outras mulheres que lutam por igualdade de gênero.

A leitura pode ajudar a ampliar a consciência sobre os diferentes tipos de opressões que as mulheres enfrentam e a enxergar as interseccionalidades, reconhecendo que as lutas feministas devem considerar também raça, classe social, orientação sexual, entre outros aspectos. A feminista Adichie (2015) também crítica a ideia de que feminismo é um termo negativo, associado a mulheres raivosas e com ódio aos homens. Ela argumenta que o feminismo é, na verdade, um movimento de empoderamento e uma luta por justiça e igualdade. Adichie também enfatiza a importância de ensinar as crianças, especialmente as meninas, a abraçar sua identidade feminina e a se orgulhar dela, e a leitura seria uma ferramenta para isso.

2.4 NARRATIVAS QUE PERSISTEM: MULHERES E O CUIDADO

Durante a leitura do conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo, Renascida narra:

[...] minha mãe um dia fez isso, ela me deixou com a minha avó para ir para trabalhar em outra cidade, ela levou a minha irmã mais nova, fui para lá com ela, bem depois, eu fui criada pela minha avó. Minha mãe trabalhava no mercado e minha avó tinha que cuidar o dia inteiro de mim, e minha avó cobrava por isso. Minha mãe só falava que quando ela chegava em casa, tinha um portão com degraus de cimento e eu ficava lá sentadinha com a minha vó esperando ela chegar. Eu lembro do sentimento de estar esperando a minha mãe, e eu sempre fui mais apegada a minha avó por isso (Renascida).

Renascida narra a vida de muitas mulheres que conduzem um lar sozinhas e a criação dos filhos, e quando delegam a função do cuidado, geralmente é para outra mulher. Sabemos que a generosidade entre gerações, as trocas entre pais e filhos adultos, intensificam-se quando há crianças pequenas (Roussel, 1976; Pitrou, 1978). Com a conquista do direito da responsabilidade do Estado fornecer serviços educativos no maternal integral, iniciou-se um corte de hábitos do passado e com uma lógica de continuar essas práticas entre gerações (Torres, Silva, 1998). Culturalmente, é esperado que as mulheres assumam o cuidado dos filhos, e geralmente a rede de apoio das mulheres continua sendo outras mulheres como avó, mãe, irmã, amigas. No entanto, seria importante ressaltar que as redes de apoio deveriam ser formadas por pessoas de qualquer gênero.

2.5 NARRATIVAS QUE DENUNCIAM DE OPRESSÕES, VIOLÊNCIAS E CONTROLE SOBRE O CORPO

Rose questionou a Merida “como assim ele pode e você não?” (referindo-se sobre a narrativa que Merida trouxe a respeito do irmão ser tratado diferente pelo pai, por ser menino e ter mais liberdades permitidas do que ela). Merida respondeu:

Minha família, como eu falei, é super conservadora, de direita, entendeu? Meu avô e minha avó são de esquerda, só que tem um pouquinho de direita ali, sabe? Então assim, na minha família, a gente nunca tocou nesses assuntos mais delicados, aborto, feminismo, não é direito. Minha mãe e meu pai nunca chegaram e conversaram sobre isso. A primeira vez que eu escutei sobre o feminismo, foi um dia que pedi para meu pai me levar cortar o cabelo, e eu queria cortar curto, eu tinha sete anos, *sete*. E ele falou que eu não iria, porque cabelo curto não ficava bom para mim, falei pai, mas é o meu cabelo. Ele falou assim: não, eu não quero esse papo de feminismo aqui na minha casa. Eu nunca tinha escutado essa palavra, eu nunca entendi, o que ele quis dizer com isso.

A participante Merida rememora a violência com o próprio corpo, quando relata não poder cortar seu cabelo da forma que desejava. Essa é uma das pautas do movimento feminista, pois dentro de culturas de dominação patriarcal, crianças não são vistas portadoras de direitos, “nossa cultura não ama as crianças, continua a enxergar crianças como propriedade do pai e da mãe para que façam com elas o que bem entenderem” (hooks, 2019b, p. 133). Em sua narrativa, o pai reforça discursos “de como uma mulher precisa ser”, o corpo da menina tratado com objeto, sem vontades, como se não a pertencesse, obedecendo a padrões reforçados pelo pai, mas ela percebe o quanto esse discurso a fere, e relembra, a primeira vez, que escutou a palavra feminismo, já como uma forma de liberdade. Ainda no mesmo relato, Merida, com a voz entristecida ao lembrar do episódio do seu primeiro contato com a palavra “feminismo”, relatou que entendeu o que seria “feminismo” anos mais tarde, quando começou a se identificar com o movimento: “no dia que a senhora (a pesquisadora) entregou o papel (formulário) na sala, fazendo convite para esses encontros da comunidade”. Com um ar tímido e sorrindo, Rose disse:

Não, mas a gente tem um problema, né? Ser mulher é um problema. Eu tenho medo de falar que sou feminista, apesar de saber quanto ele (o movimento) é importante para nós mulheres. Porque associam a imagem, já acham que a gente é *gay*, só porque eu uso uma calça cargô [são calças reconhecidas por sua aparência robusta e funcional, caracterizada por bolsos amplos e espaçosos em suas laterais, nas coxas e até mesmo nos joelhos]. Minha mãe implica, ela já fala que eu fico parecendo um “piação”. Ela não gosta que eu use a camisa que a gente fez na escola, para jogar nos jogos interclasses, porque ela diz que parece roupa de menino”.

A Princesinha também se envolve do diálogo: “eu vejo um monte de pia, assim, andando quase que com uns pijamão e ninguém liga. Agora quando eu ando, assim, com uma roupa um pouco larga, confortável, minha mãe briga, fala, ‘aí, piação’. Tanto é que depois, de muitas vezes, que ela disse isso, eu fui e cortei o cabelo bem curto mesmo, para ela perceber que não tinha nada a ver isso, aí sim! Parecia um menino mesmo”. A narrativa das meninas ilustra como os mecanismos patriarcais agem no controle social sobre as mulheres, aqui um controle do corpo e das vestimentas, mas que pode ir além para o controle da emancipação intelectual, sexual e econômica (Wolf, 2021).

O controle do corpo feminino existe, pois o patriarcado valoriza a aparência feminina e impõe padrões de beleza irreais e opressivos às mulheres, objetificando-nos e sexualizando o corpo feminino. A autora Judith Butler (2003) ressalta que as normas de gênero são construídas socialmente e reforçadas por meio de várias instituições, como a família, a

educação e os meios de comunicação. Essas normas estabelecem sobre como as mulheres devem se comportar, vestir-se e relacionar-se, seguindo padrões específicos de feminilidade. Esse controle vai além, afinal, ocorre por meio de restrições em relação à reprodução, como a criminalização do aborto e a limitação do acesso à contracepção, por meio de regulamentações de aparência física, como padrões de beleza inatingíveis. Ao controlar as escolhas e a aparência das mulheres, a sociedade busca manter a hierarquia de gênero, reforçando a submissão feminina e mantendo o domínio masculino.

A pesquisadora Bruna, que nos ajudou na construção e nos caminhos da comunidade, também expôs sua narrativa, visto que, segundo Bell, em uma comunidade, precisamos ser os primeiros a estar dispostos a confessar. Bruna relatou um caso de assédio em um ônibus que aconteceu quando ela era aluna no ensino médio. Rose, após as palavras de Bruna, narrou que aconteceu uma situação totalmente desagradável e violenta num período recente:

Eu passei por uma situação sábado, eu estava em uma festa com o meu pai e com a minha mãe. E eu estava vestida como se estivesse indo para uma festa, né (vestido curto). Tinha um homem que estava, muito bêbado e ele veio e começou a passar mão em mim. Meu pai viu e veio direto bater nele, meu pai se machucou um pouco, mas ele apanhou muito mais, até que o pessoal da festa separou e nós fomos embora. Eu fiquei muito, muito mal com isso. Fiquei muito constrangida, porque eu fiquei com vergonha, com culpa, sabe, foi um dos dias mais horríveis que já vivi.

O direito ao próprio corpo é um dos direitos individuais mais importantes de qualquer democracia liberal. Porém, como as teóricas feministas argumentam, em uma sociedade patriarcal as mulheres não possuem a condição de indivíduo, detentora de direitos e, portanto, do próprio corpo (Carneiro, 2020). O assédio pode ser do tipo moral ou sexual. O assédio sexual é toda conduta indesejada de caráter sexual que restrinja a liberdade sexual da vítima. Nesse sentido, pode se manifestar fisicamente, por palavras, gestos ou outros meios, propostas ou impostas a pessoas contra sua vontade, causando-lhe constrangimento e violando a sua liberdade sexual (Controladoria-Geral da União, CGU, 2023).

Durante algumas narrativas em nossa comunidade, pela sua natureza ou por sentir a dor e a tristeza das estudantes naqueles momentos, eu (pesquisadora) e a Bruna intervíamos. Esse foi um dos momentos, pois ela havia sido uma vítima de assédio¹⁰. A justificativa de que

¹⁰ A justiça brasileira ainda demonstra dificuldades de definir o que é o crime de importunação sexual. Ao incidir sobre a vítima mulher a sua complexa fenomenologia de controle social, que representa, por sua vez, a culminação de um processo de controle que certamente inicia na família, o Sistema Judicial Criminal duplica, em vez de proteger, a vitimação feminina, pois além da violência sexual representada por diversas condutas masculinas (estupro, atentado violento ao pudor, etc.), a mulher torna-se vítima da violência institucional plurifacetada do sistema, que expressa e reproduz, por sua vez, dois grandes tipos de violência estrutural da sociedade: a violência das relações sociais capitalistas (a desigualdade de classes) e a violência das relações

o agressor estava bêbado é comum, pois ela, enquanto mulher, será a responsável em zelar pelo seu corpo, mas para o agressor sempre há justificativa. Assédio ou importunação, seja ele moral ou sexual, é crime. No entanto, quando somos acometidas por esse tipo de violência, a culpa e a vergonha são sentimentos recorrentes das vítimas, que sentem medo, solidão, incompreensão. Outra questão que Rose levanta é a vestimenta que estava usando no momento da agressão “vestido de festa”. Usualmente, somos culpabilizadas pelas agressões sofridas por conta da roupa que usamos.

Durante nossa comunidade de aprendizagem foi levantado a pauta do aborto por uma das estudantes. Princesinha disse:

Na nossa sala o ‘Rey’ fica pegando no pé da gente e fala, ‘ah, feminista, lá vem’, mas é que ele é muito fascista. Ele é muito ‘crentão’ assim, só que ele é inteligente, uma vez, quando eu fui falar de aborto, que eu era a favor do aborto. Ele quase pulou em cima de mim, ele puxou a cadeira na minha frente e ficou falando que eu estava errada, me constrangendo. Ele gosta de fazer isso, de deixar as pessoas constrangidas. Aí começou a me dar um nervosismo, eu comecei a gaguejar e nem consegui bater de frente, só fiquei quieta escutando”.

A narrativa de silenciamento sofrida por Princesinha nos leva a reflexão de Rebecca Solnit (2017). Esta, adere que o tema do silenciamento feminino é uma violência que não se restringe ao seu aspecto visível da agressão física, mas ocorre também por meio de agressão verbal direta, na anulação das vozes e das histórias pessoais. O menino “Rey” impõe de forma violenta ideais patriarcais e de controle sobre Princesinha para a constranger. De acordo com Julia Moreira e Paula Oliveira (2023, p. 52), existe um tipo de abuso psicológico que é o “*gaslighting*”, termo utilizado para caracterizar manipulações que o agressor faz com a vítima, ao invalidar seus comportamentos e sentimentos e manipular sua percepção, fazendo com que ela duvide de seu próprio julgamento”.

Vê-se que no relato de Princesinha, o posicionamento do colega de turma a fez perder as palavras e sua convicção do que estava falando. Muitos homens utilizam esse tipo de violência para nos amedrontar e coagir, para impor algo a nós quando são contrariados. Alguns homens justificam a contrariedade ao aborto devido a valores morais, religiosos e preocupações éticas, alegando que abortar é moralmente errado. Contudo, quando surge uma gravidez indesejada, gozam de táticas manipulatórias, sugerem à namorada ou amante que

sociais patriarcais (traduzidas na desigualdade de gênero), recriando os estereótipos inerentes a estas duas formas de desigualdade, o que é particularmente visível no campo da violência sexual.(Andrade, 2005, p. 76)

abortem, porque eles desejam manter suas aventuras em segredo e, portanto, precisam garantir que filhos não tirem deles a atenção dentro da relação. Com isso, perpetuam a ideia do poder e do controle sobre o corpo da mulher. O peso da proibição do aborto relacionam-se aos problemas morais, religiosos, subjetivos, de saúde e de gênero/classe/raça. Também é necessário considerar o significado simbólico da interrupção de uma gravidez, que coloca em questão a realização da maternidade, tradicionalmente considerada como marca relevante da identidade histórico-cultural feminina. Além disso, “tratar o aborto como direito social significa questionar as condições precárias em que ele é realizado no País, ao arriscar a saúde e a vida das mulheres” (Scavone, 2008, p. 676). A estudante Merida mostra clareza acerca dos impactos da criminalização do aborto:

Muitas vezes esses filhos indesejados, nem crescem, né? Porque o mundo mata, muitas vezes. A sociedade coloca essa criança numa situação de vida que não permite que ela cresça, né? Tanto os casos de criança aí, como as abandonadas, ou até mesmo acontece um acidente simples, a criança morre, então, e quando a gente fala em estupro, a nossa sociedade sempre poder justificar, né? Ou porque estava bêbado, ou porque é homem, mas que roupa que ela estava usando?

A participante Princesinha diz: “mas essa questão aí da roupa não é muito garantida” e complementou: “eu sempre tentei me esconder um pouco mais com a roupa, mas mesmo assim olha o que passei. Teve uma vez que saí de bermuda, não era uma bermuda curta, e um cara tentou tirar fotos das minhas pernas”. A violência vivida por Princesinha denota que, independente da idade, nós mulheres sofremos as mais variadas truculências. A estudante continuou:

Só que eu acho que ele não conseguiu, e ele ficou me olhando com uma cara de espanto, eu estava em uma loja de roupa. Minha mãe viu, a minha mãe estava vendo uns sapatos e eu estava em pé. E ele na hora que a minha mãe percebeu, assustou-se, derrubou o celular e olhou para o alto disfarçando. Eu estava em uma loja, junto com a minha mãe. A gente não está segura em lugar nenhum, talvez em casa.

A Discreta contribuiu em nossa comunidade narrando que “segura em casa? Meu tio (irmão da mãe e da tia dela) já tirou foto da minha bunda na minha casa. Minha tia viu e mostrou para minha mãe. Mas a minha mãe e a minha tia decidiram não falar, fazer nada, para evitar confusão na família. Só me disseram que é o jeito dele, para eu ficar longe dele, e até hoje eu tenho que conviver com ele em alguns encontros de família”. Rose também relatou que “a amiga da minha mãe mandou a filha dela embora de casa, porque o padrasto mexeu

com a menina e ela foi reclamar com a mãe. Mandou a filha embora, faz uns dois anos que ela mora tempo com um parente, tempo com outro, pulando de casa em casa. Parece que mulher não tem paz em lugar nenhum, né?”

As narrativas de Princesinha, Discreta e Rose trazem questões relacionadas ao estupro, a segurança e o assédio sofrido pelas mulheres. Quando Rose diz que mulher não tem paz em lugar nenhum é uma realidade, basta observamos as notícias de mulheres que tem seus corpos violados¹¹, mesmo após perderem suas vidas. As mulheres não se sentem seguras em casa, pois a violência doméstica também é muito presente, incluindo a violência emocional ou sexual por membros da família. Alguns homens acreditam, devido à cultura do estupro¹², que têm o direito de agredir ou abusar sexualmente de mulheres, o que cria um clima de insegurança em todos os lugares. Ainda, existe um estigma social, de que se uma mulher foi agredida é por que teve algum motivo, como, por exemplo, usar determinados tipos de roupas, “era um vestido de festa” (como no relato de Rose). Sobre a violência, muitas vezes, esta é naturalizada e silenciada, quando uma menina relata essa violência, como violência é uma libertação, que leva a ação. Conforme continua Rose:

Eu lembro de uma amiga que estudava aqui no colégio, o que aconteceu com ela no início do ano passado (2022). A “Joana” do nada chega aqui na escola com um policial e foram os dois conversar com a diretora. E eu fui perguntar para ela o que tinha acontecido, ela estava tremendo enquanto contava, que enquanto ela vinha com uma amiga a pé para escola, no caminho um homem de carro, virou na contramão da rua e começou a se masturbar e seguir elas com o carro. Elas começaram a correr e nisso estava passado uma patrulha da polícia, elas chamaram a patrulha, que parou, as ouviu e seguiu o carro. O homem (assediador) quando percebeu que a polícia estava na sua cola, bateu o carro e a polícia pegou. Então um dos policiais a levou na escola para chamarem a mãe dela que precisariam da denúncia dela com um responsável. E eu acho que se o policial não tivesse naquele momento ali, ela jamais teria denunciado. O policial contou para diretora que não havia sido a primeira vez que aquele homem tinha feito aquilo (Rose).

O estudo de caso da comunidade LGBTQIA+ deixou as estudantes surpresas e entristecidas com os dados. A participante Elize pediu para ler a reportagem “O Brasil saiu como o país com o maior número de pessoas LGBTQI+ mais assassinadas”, em que foram apresentados dados da violência no Brasil contra pessoas LGBTQI+. Segundo os índices, 242

¹¹ Ministério Público apura fala de ex-PM que minimizou pena por violar corpo de mulher morta. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/12/06/mppr-ex-pm-investigacao.htm>

¹² Judith Butler em seu livro "Vulnerabilidade Precoce", analisa a violência sexual como uma forma de controle e subjugação, argumentando que a cultura do estupro está enraizada em estruturas de poder e desigualdade de gênero. Butler também aborda como as normas sociais podem contribuir para a perpetuação da violência sexual.

homicídios ou uma morte a cada 34 horas acontecem no país, além de 14 suicídios. Merida, após a leitura da reportagem, diz: “que horrível”, pois:

Ser uma pessoa que faz parte do grupo LGBT e correr esse risco, eu acho que eles são pessoas que só querem ter o direito de amar, de ser amada, sem ser julgado. Eu acho que esse ódio foi uma coisa, assim, da sociedade passada de geração em geração. Igual a minha família. Minha família é totalmente de direita, conservadora, contra aborto, contra LGBT, entendeu? Eu nunca cheguei a perguntar para o meu pai, pai, por que você pensa assim? Mas, eu sei que ele iria falar, ah, porque tá errado na Bíblia. Acho que a única justificativa que ele vai dar é isso, porque eu sigo a Bíblia. E falando em bíblia, uma coisa que eu acho muito errada, se nosso país é laico, eu já estudei em um colégio que a gente tinha que rezar toda vez que entrasse na sala, e toda sala tinha um crucifixo. Eu nunca tive essa conversa com o meu pai, de por que tanta raiva das pessoas LGBT, nunca perguntei porque preciso de um teto para morar (risos), mas eu percebo que quando o meu pai vê uma pessoa gay, parece que ele quer bater na pessoa, eu não sei de onde que vem isso, entendeu? E aqui em Ponta Grossa tem muita gente assim como ele. Nem que não seja gay, só aparente ele fica aí, esse é bichinha, não sei o que... Ele fica com o olhar assim de raiva (Merida).

A estudante Rose menciona “isso também não entendo gente, a minha bisa, chega ao ponto de desligar a televisão, quando no jornal ou na novela, ela vê essas coisas (relacionamentos homoafetivos) ela desliga e arremessa o controle longe. E diz essas porcarias nessa televisão, e eu digo pelo amor de Deus, vó”. Princesinha diz “eu entendo, minha mãe também, ela fala assim, ‘ah, se você for lésbica, eu vou te aceitar de qualquer forma’, mas eu tenho um amigo que é trans e ela fica ‘em cima’ dele. Ela tem curiosidade de perguntar as coisas dele. Ela me pergunta, só que daí eu falo ‘ué, mas ele tem a vida dele, ele faz o que ele quiser’”.

Rose e Princesinha destacaram em suas narrativas que a raiva é utilizada para justificar atitudes violentas contra um povo ou grupo de pessoas. Essa questão envolve a interseccionalidade¹³. A educadora bell hooks argumenta que a luta contra a violência deve abordar essas interseccionalidades, pois, a violência LGBTQIA+ é alimentada por estruturas de poder patriarcais e heteronormativas. A autora examina como as normas de masculinidade tóxicas e a opressão de gênero contribuem para a violência contra indivíduos *queer*¹⁴. Quando falamos em violência contra a comunidade LGBTQIA+, hooks argumenta da importância de criar comunidades e espaços seguros para pessoas LGBTQIA+ apoiarem-se mutuamente. Ela

¹³ Bell hooks enfatiza a importância de reconhecer as múltiplas dimensões de opressão enfrentadas por pessoas LGBTQIA+, especialmente aquelas que também enfrentam discriminação com base em raça, gênero, classe social e outras categorias sociais. Ela argumenta que a luta contra a violência deve abordar essas interseccionalidades.

¹⁴ Pessoas que não seguem o modelo de heterossexualidade ou do binarismo de gênero.

ênfatiza a necessidade de encontrar formas de resistência e empoderamento dentro dos sistemas de opressão (hooks, 2019a, 2019b). Na comunidade de aprendizagem, percebemos que as meninas reconhecem em suas narrativas as opressões.

Por exemplo, Mérida, questiona a violência, ao mesmo tempo, justifica: “eu não sou assumida para minha família, nenhum deles sabe que eu sou bissexual. Porém, eu acho que minha mãe aceitaria mais do que meu pai. Muitas vezes os pais são violentos, né?”. Percebe-se que, mesmo com o possível conservadorismo advindo da mãe, o medo da figura paterna é maior. Merida continuou:

Tem vários casos, né? De mulheres que sofrem abuso dentro da casa, geralmente os maridos batem nelas. De onde que vem essa geração de homens que são tão violentos? Essa raiva de descontar em outra pessoa porque ele sofreu na infância. Tipo, o pai batendo essa pessoa, ela sofreu alguma coisa na infância, por isso que ela tem essa raiva agora dentro de si e ela quer descontar essa raiva em outra pessoa agora

Na narrativa de Merida observamos o reconhecimento, as consequências e o medo da violência contra a mulher. Em relação ao medo de ser vítima, é comum que as mulheres convivam com tal sentimento, o que limita a ocupação dessas dos espaços em geral, além do seu direito de ir e vir. O sentimento de medo ainda é maior no caso das mulheres negras. Homens negros também sentem mais medo que homens brancos. Quase metade de todas as violências cometidas contra mulheres ocorre em suas próprias casas. Por sua vez, quando os homens foram vitimados, pouco mais da metade das ocorrências ocorreu em casa, e sim em local público (Engel, 2021). Assim, o lar, que deveria ser um ambiente seguro, é, muitas vezes, hostil para as mulheres.

Maria narrou que ficou “pensando nessa questão do suicídio, como pode o peso da sociedade, né? Pelos olhares, culpa pelo tanto que as pessoas falam, que acha que é de tanto essa pessoa pensar nisso, e pelas situações que elas passam em casa, a ansiedade, por não ser aceita”. As questões sociais, como bem apontada pela estudante, refletem diretamente na saúde mental das minorias:

[...] dependendo da pessoa, ela pode ter algum tipo de depressão, vai e se agravando, então vai lá e prefere morrer. Teve um caso recentemente, né? Da *youtuber* que se suicidou porque ela foi fazer a tal da cura gay. Eu não sei se ela participava de uma igreja, e essa igreja promovia a cura, e ela queria se curar. Ela viu que isso não era uma doença que não iria sair do corpo dela, e eu acho que levou a suicídio, né? (Maria)

A narrativa de Maria nos leva a refletir sobre a violência que pode nos levar a desistir da vida (Oliveira; Vedana, 2020). Dados de pesquisas têm demonstrado maior risco de tentativas de suicídio para a população LGBT, em comparação com a população geral. Os jovens LGBT têm taxas significativamente mais elevadas de depressão: “estudo realizado nos Estados Unidos identificou que 8% dos homens e 13% das mulheres heterossexuais tinham ideia suicida, enquanto entre homens e mulheres da população LGBT essa taxa foi de 36% e 42% respectivamente (*Ibid.*, 2020, p. 3).

O impacto do *status* de ser LGBT sobre a saúde mental e comportamento suicida varia entre ambientes com diferentes níveis de suporte e aceitação, preconceito, discriminação. A comunidade pode exercer importante proteção contra desfechos negativos ligados à saúde mental, a prevenção do suicídio requer um olhar atento para a identificação precoce de pessoas em risco e a busca e utilização de novas abordagens viáveis e satisfatórias para o enfrentamento. As redes sociais virtuais, aliadas a outras modalidades de tratamento presencial, têm um grande potencial para colaborar com o alcance desses objetivos, são redes altamente difundidas, presentes no cotidiano, de fácil acesso e permitem a avaliação do risco suicida (Oliveira; Vedana, 2020).

2.6 NARRATIVAS QUE NÃO RECONHECEM VIOLÊNCIAS E OPRESSÕES

Na comunidade de aprendizagem, ao discutirmos o estudo de caso dos alunos de medicina que ficam nus e simulam a masturbação durante o jogo de vôlei feminino em campeonato universitário em São Paulo (supracitado na seção sobre a metodologia), ouvimos a voz de Princesinha: “se eu fosse uma dessas meninas me sentiria muito constrangida, dá vergonha até de pensar nisso”. Merida também se pronunciou: “eu acho que provavelmente elas pensaram que fossem brincadeira de mal gosto e não ‘deram bola’. Muitos homens pensam que as mulheres, desde quando a gente é pequena, a gente é considerada sexual, tudo abaixo dos homens, lógico! Eu acho que esses meninos se sentiram no direito de fazer isso, por pensarem assim”. A estudante Princesinha complementa: “acho que não denunciaram porque não foi assim, diretamente para uma delas. Não foi uma coisa pessoal”. Na narrativa da Princesinha observamos como a desigualdade de gênero nos faz normalizar a violência, a cultura de desigualdade subjuga as mulheres, sofremos diversos tipos de violências, são recorrentes os feminicídios noticiados da televisão, e se torna “comum” a ideia de que não é pessoal, e que toda essa violência não influencia diretamente em nossas vidas (Davis, 2016).

Somos ensinadas a normalizar violências, o que as meninas sofreram durante aquele jogo foi crime de importunação sexual.

2.7 NARRATIVAS DOS DIREITOS DAS MULHERES

A estudante Discreta foi umas das participantes que mais ouvia, porém, às vezes que pediu a palavra em nossa comunidade abordou dois assuntos. Ela disse:

Fiquei pensando aqui quando a Merida e a Maria falaram sobre o peso da sociedade. Eu lembrei porque me chocou muito, aquele caso da menina de 11 anos, estuprada e que engravidou. E tinha gente que foi lá na frente do hospital rezar, para que não fosse realizado o aborto, um direito dela. Cara, aquilo não entrou na minha cabeça”. Merida “forçando a criança a ter a criança, hein? Como uma criança de 11 anos iria cuidar da outra criança, meu Deus?”

O aborto não é uma discussão recente, pois afeta muitas mulheres, especialmente pobres e negras que não têm condição de fazer um aborto seguro. Afinal, as mulheres ricas também abortam, mas não morrem, na maioria das vezes. A influência da sociedade nesses processos é nítida, pois se tornou mais um meio que de controle sobre o corpo da mulher. Em alguns países as mulheres conquistaram esse direito, e depois, perderam, como foi o caso recente de um estado dos EUA. Trata-se de uma discussão complexa. Merida afirma: “eu penso assim que nós, como mulheres, como a professora Andréia falou, a gente tem que lutar pelos nossos direitos. Porque a todo momento estão sendo ameaçados, né? Tirar o direito da mulher de decidir sobre a própria vida, sobre o próprio corpo é algo grave”.

As narrativas de Discreta e Merida se referem ao princípio do direito da mulher sobre o seu próprio corpo. Esse princípio se aplica a diversas questões, incluindo a liberdade reprodutiva, o direito ao aborto seguro e legal, a contracepção, a saúde sexual e reprodutiva, a prevenção e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis. As mulheres deveriam ter autonomia para decidir interromper uma gravidez indesejada, de acordo com suas próprias circunstâncias e valores. A criminalização do aborto só leva a práticas inseguras, colocando em risco a vida e a saúde das mulheres. É um tema complexo que envolve questões éticas, morais, religiosas e de saúde pública. Os direitos das mulheres são constantemente debatidos e revisados, na sua maioria por homens brancos, e a questão do aborto frequentemente gera muita polêmica e divergências de opiniões, isso acaba fazendo com que essas pautas não produzam leis que fortalecessem o direito da mulher sobre o seu corpo. (Thomson, 1971). Adiante, Princesinha narra que:

O aborto, poderia ser legal de uma vez, porque usam argumentos como e a responsabilidade, falam assim, abriu as pernas, né, fez, então agora cuide. Mas a mulher não pode sentir prazer, não pode ter um momento de prazer dela, e se ela não quer a criança. A criança vai ter que ser obrigada a já crescer com o trauma ela vai ficar que não foi desejada. É bem isso que eu penso muito também, sabe? Criança quando vai para adoção, lá eles são bem tratados? As pessoas vão brigar muito pela vida da criança no ventre, mas, e essas que estão passando fome, se prostituindo, sofrendo violência, ninguém mais tá pensando nisso. Não existe nenhum método seguro se for violentada, né? Claro que quando a gente pensa dá uma dor, assim, tirar do ventre, matar ali, né? Mas depois aí sofre mais, hein? [...]"

Neste capítulo, buscamos olhar para as narrativas, mas não analisá-las de forma estanque, afinal, existem outras possibilidades de interpretações. Consideramos pelas narrativas que falar sobre feminismo nos permitiu refletir sobre como desafiar as normas e estruturas patriarcais que perpetuam a desigualdade de gênero. Falar sobre feminismo nos lembra que não podemos nos conformar e ainda há muito o que lutar pela igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres. No capítulo três buscamos trazer narrativas do esperançar, mas já compreendendo que o capítulo dois, também foi de esperançar, ao perceber tantas narrativas de reconhecimento de violências e de questionamentos da estrutura patriarcal.

CAPÍTULO 3: ESPERANÇAR JUNTAS

Neste capítulo, buscamos esperar a partir de outras e possíveis existências, sendo o esperar um ato de transgressão. Nossa pesquisa buscou trazer durante os encontros momentos de esperar, bell via no esperar “a condição para estabelecer comunidades educativas dispostas a reagir à violência das opressões vigentes em ambientes estruturalmente hostis à liberdade de expressão e a questionamentos das relações verticalizadas que as sustentam” (hooks, 2021, p. 15). Ademais:

Uma comunidade não pode florescer em uma vida dividida. Muito antes de uma comunidade assumir uma forma e uma aparência externa, ela deve estar presente como uma semente num *self* íntegro: apenas se estivermos em comunhão com nós mesmos poderemos encontrar a comunidade com os outros. Para garantir a sobrevivência humana em todos os lugares do mundo, mulheres e homens se organizam em comunidades. Comunidades alimentam a vida, não as famílias nucleares nem o "casal", e tampouco a dureza individualista. Não há lugar melhor para aprender a arte do amor que numa comunidade. M. Scott Peck começa o livro *The Different Drum: Community Making and Peace* [A batida diferente: a construção de comunidades e a paz] com uma declaração profunda: "Nas comunidades e através delas reside a salvação do mundo" (*Idem*, 2020, p.161).

Quando teorizamos o pensamento de bell hooks, ou seja, tentamos torná-lo visível, observamos a grande perspectiva de hooks sobre como a teoria pode ser prática de cura, uma vez que “a radicalidade de suas palavras nos move, nos inspira a esperar, e a investir em práticas concretas que possam transformar a educação em espaço de liberdade, comunidade e autorrealização” (Berbert, 2022, p.242).

3.1 ESPERANÇA NÃO É ESPERA, É CAMINHO

Compreender o conceito de esperar como posicionamento crítico frente as situações trazidas por Conceição Evaristo (2011; 2014) em seus contos, trouxeram várias reflexões na comunidade de aprendizagem, tais como: o que é esperar? É ter esperança? Nós sabemos que na nossa sociedade, vivemos todas essas opressões e violências que foram reconhecidas pelas meninas. Mas o que nós podemos fazer para transformar? O que podemos fazer para esperar? Se eu tiver um filho, menino, ele já vai nascer privilegiado, por ser homem, o que eu vou fazer para dar uma educação não sexista? É possível transformar esse

modelo de sociedade? O esperar, na verdade, apresenta-se como um grande desafio para as famílias, o Estado, e as demais instituições.

3.2 ESPERANÇAR: A CONSCIÊNCIA RACIAL

As estudantes Rose e Merida começam a ler o conto “Maria” de Conceição Evaristo. Maria é uma trabalhadora que todos os dias pega o mesmo ônibus com as mesmas pessoas, e um dia ela encontra o pai do seu filho no ônibus e ele manda um abraço para criança, ele está com homens que realizam um assalto no ônibus, mas por conhecer Maria, ter tido um relacionamento com ela no passado, ele não leva o celular dela. As pessoas no ônibus acreditam que ela de alguma forma estava ajudando os assaltantes. Uma mulher negra é julgada, espancada, por pessoas que conheciam. No conto, Maria, após o linchamento público, só pensava que não iria mais ver o filho e morre sem dar o recado do pai.

Rose se emociona durante a leitura do conto. A emoção também é esperar, pois nos colocamos na perspectiva da outra. Inconformada pelo fato das “pessoas do ônibus que a conheciam, viam todo dia e como desconfiaram dela assim, de como as pessoas são más de julgarem sempre o outro pelo que vem só na aparência, principalmente por ser negra”. Maria relata que ficou pensativa e respondeu:

Ela foi julgada muito por ser negra, é nítido isso, que o nosso país é um país racista, né? É um país que ainda nós temos muito racismo, nós percebemos isso através dos jogos de futebol, das brincadeiras. Coisas assim que demorei para entender como isso é grave. Mas, como diz a senhora e a sua autora, que você disse que está junto nos encontros (bell hooks), precisamos ver o lado bom e esperar, que hoje tem lei¹⁵ contra o racismo, outras pessoas que nem estão na situação racista às vezes se opõe defendem, isso eu vejo como algo bom (Maria).

A educadora hooks argumenta que muitos brancos têm dificuldades em se tornarem aliados efetivos porque se sentem desconfortáveis em reconhecer e enfrentar sua própria vantagem racial. Ela enfatiza a importância de os brancos trabalharem para desaprender o racismo internalizado e reconhecer como sua identidade racial influencia suas perspectivas e comportamentos. Para hooks (2019a, 2019c), ser um aliado antirracista significa ir além da mera simpatia e solidariedade ocasional com as pessoas negras. Ela enfatiza que os brancos precisam constantemente analisar e desafiar seus próprios privilégios raciais, questionando

¹⁵ Lei n.º 7.716 de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor.

suas ações e reconhecendo quando estão reproduzindo o sistema de supremacia branca (hooks, 2019a). Ao destacar a lei contra o racismo em sua narrativa, a estudante Rose reconhece a importância da lei nesse contexto social. Essa, só foi instituída por meio de lutas e ações em busca de mudanças. Ao reconhecer a importância das leis contra o racismo, podemos sentir esperança em uma mudança. O racismo é uma construção social e legal que foi estabelecida ao longo de séculos, visando privilegiar uma determinada raça em detrimento de outras. Isso significa que, se as leis foram usadas como ferramentas para implantar e perpetuar o racismo, também podem ser modificadas e transformadas para promover a igualdade e o respeito entre as raças. Essa discussão e questionamento abrem espaço para novas legislações, políticas públicas e práticas que possam combater o racismo de forma efetiva. A inclusão de diferentes perspectivas e vozes é essencial para que as leis sejam mais justas e representativas (Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006). Nas narrativas das comunidades desta pesquisa, observamos empatia, indignação, dor e o reconhecimento do racismo.

Por isso, a educação é fundamental para combater o racismo. Promover conversas abertas e honestas sobre o racismo é essencial para criar uma consciência coletiva sobre suas manifestações e impacto. A participante da comunidade, Pink, diz:

Nesse caso [de racismo] é tão difícil esperar, eu até concordo quando a Maria disse que agora temos leis contra o racismo. Mas por que tem tanto racismo ainda? E quanto não acontece isso no dia a dia, pessoas mortas pela sua cor de pele, por ser confundidas, sei lá. Existe lei né, mas para quê? Essas leis do racismo tinham que ser mais rigorosas, as pessoas negras não precisariam ter mais medo que as brancas, isso é horrível! É uma dor, na verdade, esse negócio de ser negro, porque eu vejo a dor do meu tio, eu o considero meu padrinho. Ele é negro, negro, negro, e eu entro com ele no mercado, a maioria das vezes vai só eu e ele no mercado. E toda vez que a gente entra em qualquer lugar, tem alguém, algum segurança atrás da gente. E é muito constrangedor, porque você tá ali junto, aí você sai de perto e não vê ninguém atrás de você, só dele. E não disfarçam nada, sabe? É muito constrangedor. Minha mãe fica triste se coloca o lugar dele e sofre.

A estudante Merida, sorrindo, diz: “a minha mãe tinha o pai preto, meu avô usava cabelo *black power*. Daí agora, depois que ele morreu, ela fica falando um monte de coisa dela. Aí eu odeio esse nariz, esse cabelo, de preto que eu tenho. Eu até falei: mãe não tem como arrancar a tua cara. E eu sou a única da família que tem cabelo cachado e nariz de bolinha e gosto deles”. Vê-se que a solidariedade entre pessoas negras é fundamental. Merida, por exemplo, relata que sempre reforça a sua mãe que existem maneiras de finalizar o cabelo e ele ficar bem bonito. A autoestima de sua mãe às vezes é baixa, Merida aponta, mas apesar

da mãe dizer constantemente “não quero usar esse cabelo ‘de preto’ que eu tenho”, a filha reforça: “mãe! Tem que aprender a viver, ser feliz’. Eu acho que uma criança não vem desde pequena fazendo coisas ruins, mas as pessoas que estão envolvidas, do convívio, por isso precisamos ter esperança nas futuras gerações, que os pais rompam esse pensamento de ódio, preconceito do diferente, que essas gerações venham com mais amor ao próximo, independente se é gay, preto ou qualquer outra coisa”. Na narrativa de Merida observamos como a mãe negra não gosta de suas características físicas. Historicamente o discurso do bonito e aceitável na sociedade é de uma mulher branca, cabelos lisos, magra, sem deficiência, às imagens que nos cercam mesmo parecendo inofensivas, contribuí para a manutenção desse estereótipo e revelam o grau em que nossa vida é governada por uma ética subjacente da supremacia branca (hooks, 2022). E o esperar vem quando Merida reconhece a sua e a beleza da mãe.

A participante Rose disse, após Merida, que: “aqui na escola já vi gente assinando ata por racismo, então está sendo feita alguma coisa. Isso não é brincadeira. As coisas têm que ser melhores, as outras gerações dos nossos filhos, dos nossos sobrinhos, dos nossos primos, já vão ter uma sociedade mais diversa, que aceite mais o ‘homossexual’, tanto o negro, tanto as pessoas com deficiência. A gente não falou aqui né, mas tem preconceito com as pessoas com deficiência e autistas”. Rose, em sua narrativa, trouxe o esperar quando destaca o preconceito conta as pessoas com deficiência, pois consegue reconhecer e nomear essas opressões. Existe uma noção de normalidade e crítica aos preconceitos e a exclusão que a sociedade impõe às pessoas que são consideradas diferentes. A verdadeira inclusão não consiste apenas em garantir o acesso físico, mas também em criar ambientes acolhedores, que valorizem as diferenças individuais e promovam a participação de todos. A inclusão é um processo de transformação cultural, que exige uma mudança de paradigma e a compreensão de que todas as pessoas são diferentes e têm direito à igualdade de oportunidades (Alves, 1999). Por fim, o esperar na narrativa das meninas vem quando reconhecem a supremacia branca, não negam sua existência, é um movimento para a consciência racial (bell, 2021).

3.3 ESPERANÇAR: O ACOLHIMENTO DAS MULHERES

A participante Merida contou-nos que brigou com a mãe porque ela não queria autorizar a sua participação na comunidade:

Ela [a mãe] tem uma visão diferente do que é o feminismo, entendeu? Porque tudo que meu pai quer ela aceita, *tudo*. Eu vejo muito que minha mãe muda, quando meu pai está aqui em casa [...] minha mãe tem um certo medo do meu pai [...] eu a vi pesquisando algumas coisas. Então ela disse você quer participar desses encontros para quê? Falei não sei, mãe, mas eu vou lá justamente para entender um pouco mais sobre esse assunto. Daí ela falou que tudo bem e deixou e agora fica interessada perguntando dos nossos encontros.

Merida narra o medo da mãe em relação aos encontros, e depois a curiosidade, que nos lembra como o conhecimento é libertação. Quando uma mulher se movimenta, as outras se movimentam junto. A educadora bell argumenta que o conhecimento pode ser uma forma poderosa de libertação, especialmente para aqueles que estão marginalizados ou oprimidos pela sociedade. O acesso ao conhecimento é uma ferramenta essencial para a transformação pessoal e social e, para bell hooks o conhecimento pode ajudar as pessoas a entender as estruturas de poder que operam em suas vidas e identificar formas de resistência e mudança. A autora também defendeu a importância de se engajar com uma ampla gama de perspectivas e ideias, e de questionar e desafiar os sistemas de pensamento dominantes, pois nos capacita a entender e desafiar as opressões que enfrentamos, e a trabalhar para construir um mundo mais inclusivo e equitativo. Merida destaca em sua narrativa que a mãe vem pesquisando e mudando, fortalecendo assim a teoria sobre o conhecimento de bell hooks inspirada no que diz Freire que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2005, p. 58).

O conto de Isaltina Campobella apresentado na comunidade é a história de uma menina, que antes dos 5 anos já sabia que não se identificava como menina. “Esse (conto) também é forte né”, diz Maria, “o fato dela saber que era um menino desde pequena, desde muito pequena, me lembrou uma família que vi no *TikTok*. Uma menina que se entende por menino e que a mãe dela está educando a família inteira, a respeitar e ver ela como ele. Isso me surpreendeu bastante que dá esperança de tempos melhores para essas pessoas que não se identificam com o corpo que nasceram. Já ouvi casos de uma mulher lésbica estuprada por homens para ‘virar mulher’. Até pelo próprio pai. Às vezes, fico pensando se isso é verdade o próprio pai? Como que fica a cabeça da pessoa depois de tudo isso? A pessoa vai ficar se culpando, né? Tipo, por que que eu nasci assim? Por que, por que eu sou assim?”.

A autora Jeanette Winterson (1996) destaca como as experiências emocionais (da dor) e físicas de mulheres lésbicas, são afetadas pela homofobia e pelo machismo. A maioria dessas mulheres vivem em suas histórias a complexidade das identidades e a luta contínua por aceitação e amor em uma sociedade que muitas vezes as rejeita. Na narrativa de Maria, surge

o esperar na empatia que ela sente pelas pessoas trans, isso envolve se colocar no lugar delas, tentar compreender seus sentimentos, ouvir suas histórias, respeitar os pronomes e nomes escolhidos, assim como tratá-las de acordo com sua identidade de gênero, reconhecer e respeitar sua identidade, e entender os obstáculos que elas enfrentam no dia a dia. (Winterson, 1996).

A estudante Lua afere que “desde o começo, quando eu me assumi para a minha mãe o meu namoro com a Elize, ela disse: vocês têm que se preparar, porque não é todo mundo que vai aceitar vocês e vai ter braços abertos. Como na bíblia Deus fala sobre o amor, porque ele quer que você seja feliz, ele não quer te matar, ele não quer ver o ódio”. Renascida intervém: “sua mãe está coberta de razão”, pois: “não tem lógica você ver o ódio na igreja, igual esse pastor que a gente falou, e essas situações têm que ser lugar de acolher o diferente também. O que a tua mãe te falou foi lindo, né, ela dizer, tudo bem, só que você prepare para momentos difíceis. Emociona saber que existe mãe assim”

Adiante, Lua narra “então o meu pai, quando eu me assumi, ele virou a cara para mim e disse que não iria me aceitar assim em casa”. Na semana em que estudante revelou a sexualidade à sua família, um rapaz, sobrinho da amiga de sua mãe, que foi desertado e vivia nas ruas “pulou do prédio, ele foi viver nas ruas porque o pai não aceitava o fato dele ser gay, aí na rua virou usuário de drogas”. A mãe de Lua demonstrou uma enorme preocupação de que uma fatalidade semelhante poderia acontecer com a sua filha: “ele [o pai] chorou e disse que não, aí despertou algo nele e logo ele veio falar comigo. E agora tá tudo certo, tá tudo super bem”. Na narrativa de Lua observamos a importância do apoio e suporte da mãe na autoestima e determinação das pessoas LGBTQIA+. Sentimos a questão da esperança e o impacto das mães na mudança de percepção do mundo. Para Moisés Costa (2021) a família se mostra como um microssistema, um ambiente no qual ocorrem processos proximais e relações face à face de influência direta no desenvolvimento de indivíduos. Dentro desse microssistema a aceitação parental é um fator protetivo relevante “compreender os processos que ocorrem na família e como essa se relaciona com outros sistemas (escola, religião, fatores culturais, etc.) é um caminho para a compreensão e à aceitação parental e, conseqüentemente, às melhores condições de desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico de jovens LGBTs” (Costa, 2021, p. 9).

Posteriormente, Renascida diz: “eu tenho uma prima que ela é lésbica, ela é casada. Ela mora até na rua da minha casa. Minha prima se assumiu há um ano mais ou menos, minha mãe a aceitou. Minha família inteira a aceitou, os pais dela também, meu tio não aceitou de

início, mas depois melhorou. Mas o meu irmão diz que não consegue, o único da família que evita falar com ela. E ele justifica que não consegue ser o mesmo com ela. Minha prima disse que foi graças as amigas que ela mesmo conseguiu se encontrar e assumir ser lésbica”. Na narrativa de Lua e Renascida observamos quanto o acolhimento da família e amigos faz a diferença e é libertador na vida das pessoas da comunidade LGBTQIA+. A empatia, para ambas, é fundamental. Merida, também, afere que:

Por isso que é tão importante a amizade, né? A gente encontra acolhimento sempre. É que também as amigas estão vivendo na mesma época que a gente, às vezes tem o mesmo drama?” disse Rose. “Já tive algumas amizades, assim, que não foram muito apropriada”, diz Merida, “porém, tem a minha amiga aqui, a Maria, ela e é como uma irmã, e ela me ajuda muito, com algumas questões. Como eu já contei aqui várias vezes né(risos), eu, minha mãe, e meu pai brigamos muito. E isso me faz mal, só o fato dela (Maria) me ouvir, estar comigo, me consolando me faz um bem danado, e eu me sinto melhor porque eu não queria essa relação na minha família” (Merida).

Na narrativa de Merida observa-se a amizade como lugar de esperança, de refúgio e acolhida. Sua narrativa expressa em cada palavra como nesse lugar ela pode compartilhar suas alegrias, tristezas, medos e sonhos sem medo de julgamento. Na amizade, Merida destaca a importância de ouvir o outro, sem interrupções ou julgamentos. E dar espaço para que a amiga se expresse, se desnude emocionalmente e compartilhe suas angústias e alegrias. Ela fala como Maria a encoraja a seguir em frente, a motivando a ser melhor e a lembrando da sua capacidade quando duvida dela mesma. É uma troca mútua de amparo e apoio, onde ambos os lados se beneficiam.

Essa narrativa de Merida sobre a amizade com Maria nos leva a refletir como a amizade é um lugar de pertencimento, onde encontramos um lar emocional. Em seu livro “Tudo sobre o amor”, bell hooks (2020) defende que aprendemos que o verdadeiro amor será encontrado na “nossa primeira família (nossa família de origem) ou, em relacionamentos amorosos, o casamento” (*Ibid.*, p.166). Muitas vezes aprendemos que as amizades não são tão importantes como os laços construídos na família, no entanto, “a amizade é o espaço em que a maioria de nós tem seu primeiro vislumbre de amor redentor e comunidade carinhosa. Aprender a amar em amizades nos fortalece de formas que nos permitem levar esse amor para outras interações com a família ou laços românticos” (*Ibid.*, p. 166). A amizade entre mulheres é tão poderosa que por séculos fomos colocadas umas contra as outras. Interessa ao patriarcado que não criemos laços e redes de apoio, que acreditemos que cada uma de nós está sozinha lutando, dessa forma, durante séculos, não dividimos nossas dores e não nos

articulamos para garantir nossos direitos. É por isso que, se eu pudesse dar apenas um conselho, seria: tenha amigas (Fabris, 2023), pois isso é esperar.

3.4 ESPERANÇAR: A IMAGINAÇÃO

Quando desenvolveu a comunidade de aprendizagem, bell hooks as realizou, primeiramente, com seus alunos universitários, com quem ela conviveu durante um ano. Quando nós imaginamos essa pesquisa, esse foi um receio e dúvida: vamos conseguir construir uma comunidade em quatro encontros? Parece que isso foi possível. Uma comunidade inspirada nos ensinamentos de hooks, em que elementos de generosidade, fidelidade, misericórdia, imaginação empática, uma preocupação profunda e permanente com as outras, prazer pela companhia da natureza e do ser humano e por todas as formas de beleza, paixão por justiça, noção de limite e senso de humor, gosto pelo trabalho habilidoso, disposição para negociar as diferenças, prontidão para cooperação e afeto” (hooks, 2021, p. 292). Esses elementos foram se fazendo e (re)fazendo nestes encontros.

A comunidade foi construída em conjunto, uma aprendendo com a outra. Sentimos muito respeito em nossos encontros, principalmente, quando nos emocionamos e lágrimas brotavam. As meninas demonstraram muita maturidade com a dor das outras, e seriedade em ouvir as narrativas das colegas, um clima de sororidade era presente em nossa comunidade, e é poderoso (hooks, 2019b). A autora Sabrina Bentes (2022) lembra-nos que, para uma plena revolução feminista, é necessário existir solidariedade política entre as mulheres, e, para que isso ocorra, o processo de conscientização é muito importante. Dessa forma, a educação feminista para uma consciência crítica deve ser um trabalho contínuo. A boa vontade e a participação das estudantes nos permitem esperar. Foram meninas, que fora do horário de aula, disponibilizaram seu tempo e energia, para juntas escutar e falar, e assim formar uma comunidade. O crescimento humano e afetivo que essa pesquisa me trouxe como pesquisadora e professora, despertou em mim, um novo olhar para minhas alunas e alunos.

No dia do último encontro da nossa comunidade buscamos práticas para que refletíssemos juntas sobre a comunidade que criamos. Iniciamos refletindo que

[...] e algum modo, devemos nosso feminismo a nossas mães e avós mesmo quando elas não se diziam feministas. Com elas, estamos inscritas como mulheres-ou como pessoas em geral que se afirmam como feministas- em uma história que não começa nem termina em nossa mera vida. [...] Nossas antepassadas, diretas ou não, nos tornamos feministas porque houve mulheres que foram duramente oprimidas, mas também porque no passado existiram lutadoras incomuns, pessoas que se tornaram exemplos, mulheres a quem devemos o nosso lugar. Estamos unidas às feministas do passado e, desse modo, as do futuro. (Tiburi, 2021, p.33).

Mesmo quando elas não se diziam feministas, com elas estamos inscritas como mulheres ou como pessoas em geral que se afirmam como feministas em uma história que não começa nem termina em nossa mera vida. Existiram mulheres que foram duramente oprimidas, mas que também lutaram pela existência de si e das próximas gerações. Pessoas que se tornaram exemplos de mulheres a quem devemos o nosso lugar. Estamos unidas às feministas do passado e desse modo ao futuro também. Realizamos esse questionamento às meninas da comunidade de aprendizagem: *“por que há um dia da mulher?”*

Ao lembrar do Dia da Mulher, Princesinha narra que “foi porque mulheres estavam fazendo greve, porque elas queriam mais direitos, tipo décimo terceiro. Elas trabalhavam numa carga horária exaustiva. Aí o patrão dela fechou as portas e colocou fogo na fábrica. Eu não lembro quantas mulheres que morreram, mas foram bastante. A partir daí se teve o Dia da Mulher e também as piadinhas que a gente aguenta durante o ano inteiro”. Princesinha no relato apresenta elementos da história, das nossas antepassadas, de mulheres que lutaram e morrem pela conquista de direitos (Tiburi, 2021).

Ao relatarem a comunidade, Lua diz que há “uma ligação entre nós” Merida aponta que é importante “pararmos com os julgamentos entre nós mulheres e não nos desentendemos por algo besta”. Maria menciona a rivalidade: “existe muita rivalidade feminina. Porque uma namorava uma menina e agora estava namorando a outra da mesma sala, e daí as duas estavam meio brigando por causa disso”. Nana se refere a “beleza, de corpo, né? Por que a gente não vê tanta pressão do corpo dos homens, e nós, entre nós mulheres, falamos do corpo uma da outra?”. Princesinha diz “parar a cobrança sobre nós, pois a sociedade, a TV, leva, parece que assim, tudo para mulher, né? Ai, faça lipo, faça, isso, etc.”.

No momento em que estávamos imaginando realidades possíveis com o compartilhamento, bell hooks (2021, p. 290) na sua crença no poder da imaginação profética, compreende que a imaginação é como uma sabedoria prática, pois "o que não podemos imaginar não podemos tornar realidade". Fomos surpreendidas pelo fato mais engraçado e sobrenatural da nossa comunidade. Estava chovendo muito e era uma sala com janelas de madeira e vidro bem amplas. Um forte vento balançou e abriu as janelas. Nós nos assustamos, com o estrondo. Vick disse: “que horror, gente! Será que é uma deusa? Ela está aqui, deusa! Veio participar da nossa comunidade, desculpa aí, deusa!” E todas rimos. Aliás, o rir juntas mantém e sustenta a comunidade (hooks, 2021). As meninas mencionam algumas palavras imaginando realidades, que foram postas em uma nuvem de palavras (Figura 2).

Figura 2 - Nuvem de frases que as Deusas da nossa comunidade de aprendizagem disseram a elas mesmas, e a outras mulheres

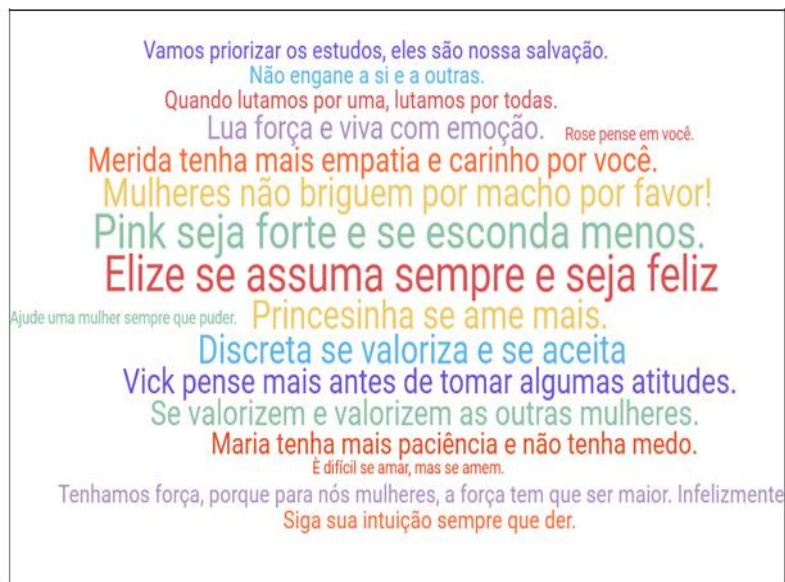


Imagem da autora utilizando o Infogram: <https://infogram.com/app/#/edit/3ed2b5e7-761f-484c-959d-153070f0a054>

A imaginação profética, como a imaginação poética, não está confinada a algum devaneio privado, mas é uma imaginação completamente pública, pertencente ao domínio público, que inspira toda a variedade de comunidades pertencentes a ele a se comprometer com visões mais plenas de bem-estar: “a imaginação profética, ou o sonho profético, ao manter visões vivas, é o que estimula grupos diversos a se tornar uma cultura de vida, biofilia¹⁶, uma cultura de amor à vida” (hooks, 2021, p. 290).

Ao se referir a imaginação profética, bell hooks afirma que devemos imaginar para nos mantermos vivos. Imaginar o que queremos em um futuro, de forma profética. Quando a estudante fala “vamos priorizar nossos estudos, eles são nossa salvação” e “ajude uma mulher sempre que puder”, observamos que elas veem nos estudos a esperança de igualdade,

¹⁶ Biofilia: é uma afinidade inata de vida ou sistemas vivos; movimento de preservação a vida. Disponível em <https://www.sinonimos.com.br/biofilia/>

independência, dignidade. A autora hooks enfatiza a relevância do estudo como uma ferramenta de empoderamento para as mulheres, especialmente para as mulheres marginalizadas. Ela discute como o acesso à educação pode fornecer oportunidades de emancipação, permitindo que as mulheres desafiem as normas dominantes e encontrem sua própria voz (hooks, 2019a). Encontramos também o sentimento de empatia, nas frases das meninas que diziam: “não engane a si, e a outras mulheres” e “quando lutamos por uma, lutamos por todas”, observamos transgressão a um sistema patriarcal opressor. Quando a estudante enaltece a importância da ajuda mútua, reflete que precisamos uma das outras. Nós mulheres podemos desenvolver empatia por outras mulheres as vendo como companheira de lutas e não como concorrentes como alguns ambientes insistem em nos fazer acreditar.

As frases “não briguem por macho, por favor” e “mulheres se valorizem, e valorizem as outras mulheres”, presentes nos relatos, reafirmam a importância do amor-próprio e do reconhecimento de que não precisamos de rivalidade e conflito, pois se criou historicamente, entre nós, o sentimento de competição. A sociedade frequentemente reproduz uma cultura de competição entre mulheres, em que somos vistas como rivais em diversas áreas, como aparência, carreira, relacionamentos. A mídia, em algumas situações, explora essa narrativa competitiva para alimentar essas noções estabelecidas, reforçando estereótipos de gênero, nos quais as mulheres são retratadas como fúteis, invejosas e competitivas. Jogá-las umas contra as outras é uma forma de reforçar esses estereótipos e mantê-las divididas e distraídas do potencial de unidade e solidariedade, enfim manter o patriarcado.

Quando a estudante fala “é difícil se amar, mas se amem” ela revisita a reflexão de como os problemas com a aparência fazem parte do cotidiano de muitas mulheres. Pois ela sente isso em si, e quer dizer a outras mulheres que elas não estão sozinhas com esse sentimento. Os padrões de beleza afetam as mulheres e a indústria da beleza e a mídia contribuem para a opressão e a diminuição da autoestima feminina. A obsessão da sociedade com a aparência física das mulheres tem um impacto negativo na liberdade e na igualdade de gênero (Wolf, 2021). Importante também destacarmos falas em relação ao peso, afinal, existe uma pressão da aparência feminina, de se ter um corpo magro, e essa pressão desenvolve a obsessão com a perda de peso que vem afetando a autoimagem e a saúde das mulheres. A autora Susie Orbach (1978) argumenta que a relação das mulheres com a comida e o peso está enraizada em uma sociedade patriarcal que impõe padrões de beleza inalcançáveis e prejudiciais.

Ainda nas narrativas apresentadas, temos a frase: “tenhamos força, porque para nós mulheres a força tem que ser maior”, observamos a sensibilidade da estudante ao entender e sugerir as outras mulheres a necessidade da resiliência que nos é imposta desde pequenas. Nossa capacidade como mulher é subestimada na sociedade. A feminista Adichie (2015) chama a atenção à necessidade que a sociedade, muitas vezes, tem em diminuir ou limitar as mulheres, e como elas precisam ser resilientes para superar essas barreiras e desafiar as normas estabelecidas. A autora reconhece que as mulheres são frequentemente subestimadas e desvalorizadas, mas enfatiza a importância de se manter firme e persistente na busca por igualdade e justiça e, com isso, buscar representação das mulheres na política, nos negócios e em outras esferas da sociedade. Pois as mulheres precisam estar presentes em posições de liderança para garantir que suas vozes sejam ouvidas e que suas necessidades sejam atendidas.

O "esperançar" com bell hooks e com a imaginação envolve reconhecer nossa realidade e nossas perspectivas para um futuro diferente. As frases das nossas Deusas são pedidos singelos de mudança, e é possível? Sim, segundo bell, se cada uma de nós desempenhar seu papel resistindo e buscando novas e outras realidades, mesmo que lentamente, transgressões e transformações sociais são possíveis. As frases das estudantes apresentam o esperançar como forma de ação para criar um mundo mais justo, igualitário e amoroso para todas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Iniciamos essa pesquisa dispostas a construir uma comunidade de aprendizagem a partir do pensamento de bell hooks; um espaço de escuta sensível, acolhedor e seguro para as participantes e para a pesquisadora revelarem suas confissões. O objetivo da pesquisa foi o de compreender as narrativas feministas das estudantes do Ensino Médio e seus desdobramentos no decorrer de uma comunidade de aprendizagem.

Todas as atividades foram planejadas para encorajar a participação ativa das estudantes nas discussões, sem julgamentos ou desconfortos. A ideia foi valorizar diferentes perspectivas, experiências e vivências das estudantes. O primeiro encontro da comunidade de aprendizagem: “Caderno de artista e as Narrativas autobiográficas”, buscamos olhar para nós e nossos corpos, por meio da escrita autobiográfica, por isso, utilizamos o caderno de artista. No segundo encontro, “Feminismos: significados e conceitos”, tivemos por objetivos compreender que o feminismo é para todo mundo, refletir a estrutura da nossa sociedade patriarcal e discutir os feminismos que circulam entre essas estudantes participantes da nossa comunidade. No terceiro encontro: “Comunidade de Aprendizagem: “Esperançar” evidenciou as diferentes opressões narradas pelas estudantes e compreender o conceito de esperançar como posicionamento crítico. E o quarto e último encontro “Comunidade de Aprendizagem: “Solidariedade feminina”, refletiu sobre a solidariedade feminina. Por fim, realizamos uma prática para as estudantes pensarem na empatia feminina e a importância de nós mulheres vivermos em comunidade para nos fortalecermos juntas.

A comunidade de aprendizagem foi formada por dez estudantes que se identificaram como: “Princesinha”, “Maria”, “Rose”, “Elize”, “Discreta”, “Lua”, “Vick”, “Pink”, “Merida” e “Renascida”. No processo de análises das narrativas da comunidade foram evidenciados momentos que questionam a desigualdade de gênero na profissão, na política e no lar; narrativas do feminismo “bom” ou “ruim”; narrativas que persistem, como a assimilação entre a mulher e o cuidado doméstico; narrativas que denunciam opressões, violência, e controle sobre o corpo da mulher; narrativas que não reconhecem violências e opressões como algo natural, mas sim como elementos edificados historicamente e narrativas que evidenciam os direitos das mulheres. Neste processo de análise buscamos (re)significar as narrativas das estudantes a partir de diferentes referências teóricas feministas e evidenciar diferentes opressões narradas pelas estudantes.

Ao “Esperançar juntas” buscamos agir, a partir das narrativas das estudantes, em direção de algo novo, sonhar outras e possíveis formas de existências. Para alcançarmos nosso objetivo, as estudantes em duplas leram e explicaram a grande roda da comunidade um conto da autora Conceição Evaristo “Olhos D’agua” ou da obra “Insubmissas lágrimas de mulheres”. As estudantes, durante o processo de narração das personagens dos contos e o enredo e partir das anotações em seus cadernos que desejaram compartilhar, surgiu o seguinte questionamento: “qual reflexão do esperançar podemos sentir em meio a tais opressões que tantas mulheres sofrem em nossa sociedade?” Com isso, destacamos as narrativas do esperançar que foram evidenciadas: Esperançar: A consciência racial narrativas que transgridem; Esperançar: O acolhimento das mulheres foi diagnosticado em momentos que as meninas apresentaram narrativas sobre como o apoio e aceitação familiar fizeram ou fazem a diferença na saúde mental e física das pessoas LGBTQIA+ e como a amizade é um lugar de amor e acolhimento em nossas vidas. As narrativas do esperançar surgiram nas falas de acolhimento religioso, familiar, de amigas e amigos no decorrer dessa comunidade.

Debater e compartilhar ideias com outras pessoas interessadas em justiça social, é inspirar e fortalecer nossa esperança em um futuro melhor. Ao aplicar os princípios e ensinamentos de bell hooks em nossas próprias vidas, devemos examinar nossos próprios privilégios e opressões, e assim buscar formas de desconstruir estruturas e padrões injustos. Ao reconhecer injustiças, somos capazes de agir ativamente para promover a igualdade social em nossas comunidades e no mundo em geral.

Ademais, a comunidade de aprendizagem e suas ferramentas alinhadas aos princípios de bell hooks é um promissor recurso para futuras pesquisas em narrativas, pois observamos que essa prática fortalece os laços entre as participantes da comunidade e promove reflexão, por meio de discussões construtivas, aprendizagem coletiva e a transformação social a partir do momento que conseguimos enxergar o outro, sua dor, seu exemplo dentro da comunidade.

Ao compartilhar histórias, estamos fornecendo às pessoas ferramentas para desafiar suposições e examinar o mundo ao seu redor de forma crítica. A educadora bell acredita que compartilhar histórias é uma maneira valiosa de ensinar pensamento crítico, pois oferece oportunidades de refletir, questionar e compreender o mundo de forma mais profunda. Assim, pensamos ser promissor que a escola esteja aberta, em todas as disciplinas, a construir comunidades de aprendizagem, onde histórias possam ser compartilhadas. Por fim, sugerimos também comunidades de aprendizagem que discutam e pesquisem o racismo, a homofobia e as masculinidades.

Como pesquisadora, quando escrevi o meu projeto de pesquisa para ingressar no mestrado, buscava respostas para o porquê, na minha visão, baseada em alguns comentários de algumas de minhas alunas, as adolescentes não entendiam o feminismo ou não se diziam feministas, ou seja, já acreditava ter a resposta para minha pesquisa. Conforme a pesquisa foi sendo construída, com o auxílio da minha orientadora e a participação do nosso grupo de pesquisa GEPEC, fui ampliando meus conhecimentos sobre os feminismos e por meio das narrativas das estudantes desta pesquisa percebi que as estudantes podem não ter conhecimento profundo de referenciais teóricos, mas vivem no cotidiano as lutas e opressões de ser mulher. Elas têm acesso a recursos, como mídias sociais, filmes e programas de televisão que abordam questões relacionadas ao feminismo. Muitas adolescentes entendem que o feminismo é um movimento que busca alcançar a igualdade de gênero em todas as áreas da vida, incluindo política, economia, educação e cultura. Percebi que elas estão cientes dos desafios enfrentados pelas mulheres e das desigualdades estruturais que ainda existem na sociedade.

As análises desta pesquisa me ajudaram como educadora, a esperar, quando observei a potência nas vozes destas estudantes. Que me ensinaram, com suas confissões e vivências, a acreditar, a lutar ainda mais pelas mulheres e pela justiça. Pois, a esperança estava presente em nossa comunidade em cada encontro, em cada reconhecimento de aspectos sobre os feminismos, sobre opressões e violências. A comunidade de aprendizagem de bell me ajudou a entender a necessidade de promover o pensamento crítico e comunidades reflexivas com os nossos alunos em um processo contínuo em sala de aula e motivando-os assim a se tornarem pensadores independentes e reflexivos.

REFERÊNCIAS

38% DAS MULHERES brasileiras se consideram feministas. Folha de São Paulo/ Instituto de Pesquisa Datafolha, São Paulo, 15 abr. 2019. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/04/1987743-38-das-mulheres-brasileiras-se-consideram-feministas.shtml>. Acesso em: 20 out. 2022.

ADICHIE, C. N.. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, V. R. P. de. A soberania patriarcal: o sistema de justiça criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher. **Seqüência Estudos Jurídicos e Políticos**, [S. l.]. v.1 de jan. de 2005.

ALVES, R. **O Meio e as Diferenças**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ARAÚJO, F. P. B.; JÚNIOR, J. B. C. Multiletramentos e o feminino em memes de alunos do ensino médio do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, 2021.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

ÁVILA, M. B. Radicalização do feminismo, radicalização da democracia. p. 6-11. In: AVILA, M. B. et al. (org.) **Reflexões feministas para transformação social**. Recife: SOS. Corpo. Cadernos de Crítica Feminista, ano I, n. 0, Recife, dez. 2007.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim (Orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. 136p.

BENTES, S. Uma referência política arrebatadora de amor e cura: bell hooks é para todo mundo. **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**. V. 6, n. 11, p. 359–367, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/13638>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: considerações teóricas e práticas. **Revista JA. Associação Acadêmica da Universidade da Madeira**, n.º 65, ano VII, p. 42-44.

BERBERT, L. M. V. Educação como abertura radical: bell hooks e a pedagogia crítica. **Florianópolis. Em Tese**. v. 19, n. 01, p. 241-249. 2022.

BERNANDES, R. K. Caderno de artista: Narrativas autobiográficas. **SCIAS-Arte/Educação**, v. 1, n. 1, p. 30-38, 2013.

BIANCHI, M. F. **Gênero, Feminismo e Empoderamento da Mulher: Um estudo sobre a compreensão das estudantes do Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Ivone Maria Mendes. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, 2018.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres do Rio Grande do Sul. **Manual para o Uso Não Sexista da Linguagem**. Rio Grande do Sul, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada. **Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. 262 p.

BRASIL. Controladoria-Geral da União. **Serviço de Informações ao Cidadão da Controladoria-Geral da União (SIC/CGU)**.

BUTLER, J. **Vulnerabilidade Social**. Editora Civilização Brasileira, 2013.

CARDOSO, Teresa; ALARCÃO, Isabel; CELORICO, Jacinto Antunes. **Revisão da literatura e sistematização do conhecimento**. Porto Editora, 2010.

CARNEIRO, G. L. S. **"De burca ou de biquíni": direito à cidade, mobilidade urbana e assédio de rua em Fortaleza/CE**. 128f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2020.

CASTRO, V. S.; ROSO, A.; GONÇALVES, C. S.. O feminismo não é entregue de bandeja: saberes e práticas de um coletivo feminista estudantil. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021.

CISNE, M. Por um feminismo antirracista e anticapitalista: o debate entre interseccionalidade e consubstancialidade-coextensividade das relações sociais de sexo, raça/etnia e classe. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 11, n. 2, 2020.

COSTA, M. C. **Aceitação parental: mães heterossexuais com filhos LGBTs**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14474>. Acesso em 12 jan. 2023.

DATAFOLHA. Feminismo e violência contra a mulher. Instituto de Pesquisa Datafolha, Opinião Pública, dossiês. São Paulo, abril de 2019. Disponível em https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2019/04/Datafolha_2019_Mulheres_Violenci_Feminismo.pdf. Acesso em: 18 out. 2021.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016 (1981).

DINIZ, A. P. R. Mulheres gerenciáveis?: uma análise dos discursos sobre as mulheres na revista Exame. 148p. 2012. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DROGUETT, F. F. Nuestro mayo feminista:; La Revolución será feminista (anticapitalista, anticolonialista) o no será! **Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales**, v. 6, n. 10, p. 28-31, 2018.

ENGEL, C. L. A violência contra a mulher: uma análise sociológica sobre suas causas e consequências. **Revista de Estudos Sociais**, vol. 20, n.º 3, pp. 123-145, 2021.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, C. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EXPÓSITO, J.; MITIDIERI, G. Zurcir la teoría: por un feminismo anticapitalista y decolonial. **Antagônica. Revista de investigación y crítica social**. v. 3, n. 6, p. 3-13, 2022.

FABRIS, T. **Tenha amigas mulheres. Todo o resto, elas te ajudam a resolver**. Uol Mina. 17 de março de 2023. Disponível em: <https://minabemestar.uol.com.br/tenha-amigas-mulheres/> Acesso em: 18 jan. 2024.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa – mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERREIRA, B. **Feminismo negro e feminismo antirracista**. Brasília: CFEMEA, 2019. 20 p.

FERRO, E. Gomes. **“Ela é mais feminista do que eu”:** narrativas de jovens universitárias sobre feminismos nas redes. (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Presidente Prudente, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47.^a edição. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 2005.

GONÇALVES, E. Prefácio. In: HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

GONÇALVES, E.; DE FREITAS, F. R. A.; OLIVEIRA, E. A. Das idades transitórias-as" jovens" no feminismo brasileiro contemporâneo, suas ações e seus dilemas. **Revista feminismos**, v. 1, n. 3, 2013.

GROFF DA SILVA, B. V. HASS DA SILVA, E. C. Escritas de si, gênero e cursinho pré-vestibular popular: olhares para as juventudes em espaços não escolares de formação. **Teoria e Prática da Educação**, 21 (1), 58-77.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046> Acesso em: 20 dez. 2023.

HOOKS, b. **Escrever além da raça: teoria e prática**. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

HOOKS, b. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**; tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, b. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, b. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019b.

HOOKS, b. **Teoria feminista: da margem ao centro** Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019c.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante. 2021.

LIMA, N. D. F.; CORDEIRO, R. L. M. Aborto, racismo e violência: reflexões a partir do feminismo negro. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 18, n. 46, 2020.

MACHADO, N. N. FERRARI, A. Narrativas de mulheres jovens: dispositivo de juventude nos atravessamentos com gênero. **Revista Feminismos**, v. 8, n. 1, 2020.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 333-357, 2008.

MATOS, M. Paradoxos da Incompletude da Cidadania política das Mulheres: novos horizontes para 2010. **Em Debate - Opinião Pública e Conjuntura Política**, vol. 2, 2010, p. 31-59.

MATTOS, P. Feminismo anticapitalista: articulando teoria e prática. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, 2022.

MOREIRA, J. L. F. M. OLIVEIRA, P. G.. Gaslighting como violência psicológica: compreendendo o fenômeno sob a ótica da Análise do Comportamento. **Perspectivas em Análise do Comportamento**. 2023. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/993>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PARAÍSO, M. A.; MEYER, D. E. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PITROU, A. **Vivre sans Famille. Les solidarités familiales dans le monde d'aujourd'hui**. Toulouse, Privat, 1978.

OLIVEIRA, E. T. VEDANA, Kelly Graziani Giacchero. Suicídio e depressão na população LGBT: postagens publicadas em blogs pessoais. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** Ribeirão Preto, v. 16, n. 4, p. 39-48, dez. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000400005&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 18 fev. 2024.

OLIVEIRA, F. B. de C. Entre a ordem e a transgressão: considerações sobre a pedagogia crítica de bell hooks. **Revista de filosofia Prisma.** Manaus. Vol. 4, n.º 2, jul. / dez. de 2022, p. 80 – 96.

ORBACH, S. **Gordura é uma questão feminista – um manual de auxílio para quem come sem parar.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 1978.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório Prevenção do Suicídio: um recurso para conselheiros. 2016 Disponível em: www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf. Acesso em: 18 dez. 2023.

PINHEIRO, B. C. S.. **Intelectual diferente em verso e prosa.** São Paulo: Livraria da física, 2022.

PIRES, J. T. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva, de Silvia FEDERICI. GeoPUC – **Revista da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio.** Rio de Janeiro, v.12, n. 22, p. 210-214, jan.-jun. 2019.

ROUSSEL, L. La Famille après le Mariage des Enfants. **Travaux et Documents, Cahier n.º 78,** Paris, PUF, 1976.

SCAVONE, L. Políticas Feministas do aborto. **Revista Estudos Feministas,** vol. 16, núm. 2. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Consulta escolas da Educação Básica. 2023. Disponível em: <http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas/java/pages/templates/initial2.jsf;jsessionid=MrcqijilxG13Svw4FHakb9Qapr98SHgpeRnCQB3O.sseed75003?windowId=11a>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SOLNIT, R. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ST. NORBERT COLLEGE. Conversations from St. Norbert College *featuring* Bell Hooks. *Youtube,* 30 de abril de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yVuuP9zgshI>. Acesso em: 25 mar. 2023.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.1. Ed. 2018.

THOMSON, J. J. A defense of abortion”. **Philosophy & Public Affairs.** vol. 1, n. 1, 1971.

TOLENTINO, L. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula.** Belo Horizonte. Mazza Edições, 2021.

TORRES, A. C.; SILVA, F. V. Guarda das crianças e divisão do trabalho entre homens e mulheres. **Revista Sociologia - Problemas e Práticas**. Nº. 28,1998.

WOLF, N. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2021.

ZANETTI, J. P. **Jovens feministas: Um estudo sobre a participação juvenil no feminismo no Rio de Janeiro** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

WINTERSON, J. **Fruta Proibida**. Trad. José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ANEXO A – PARECER DO CÔMITE DE ÉTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 5.972.157

feminismos e sua ampla dimensão (Capacidade de ser útil, de cumprir um propósito ou necessidade; importância) ainda é controverso em nossa sociedade. Essa pesquisa busca criar comunidades de aprendizagem e por meio delas, compreender quais narrativas feministas circulam entre alunas e alunos do ensino médio, e quais os impactos em seus cotidianos

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatório estão corretamente preenchidos e anexados na Plataforma. Em anexo e de acordo com as resoluções 466/2012 e 510/2016

Recomendações:

Enviar o relatório final ao término do projeto de pesquisa por Notificação via Plataforma Brasil para evitar pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto foi aprovado sem restrições, após avaliação documental. O projeto se encontra dentro dos princípios éticos e metodológicos, de acordo com o Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012 e 510/2016.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2088575.pdf	12/02/2023 21:44:46		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo.docx	12/02/2023 21:43:18	ANDREIA MARIA CARDOSO BORGES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	12/02/2023 21:42:23	ANDREIA MARIA CARDOSO BORGES	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	12/02/2023	ANDREIA MARIA	Aceito

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22
Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3282 **E-mail:** propespsecretaria@uepg.br

Página 03 de 04

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 5.972.157

Folha de Rosto	Folha.pdf	21:42:08	CARDOSO BORGES	Aceito
----------------	-----------	----------	----------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTA GROSSA, 29 de Março de 2023

Assinado por:
ULISSES COELHO
(Coordenador(a))

**ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E
ASSENTIMENTO DO MENOR.**



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/UEPG**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para pais/responsáveis).

Meu nome é Andréia Maria Cardoso Borges, sou aluna do curso de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR e estou realizando esta pesquisa intitulada “Comunidade de aprendizagem os feminismos nas narrativas das estudantes do Ensino Médio”, sob orientação da professora Doutora Bettina Heerdt. Após realizar o processo de consentimento com você e sua filha (pessoa menor de 18 anos), gostaria de seu consentimento para ela participar dos encontros da comunidade de aprendizagem, com atividades, leituras e produção de material que será gravada. Os dados coletados serão usados somente nesta pesquisa, que possui o objetivo de compreender as narrativas das estudantes do ensino médio em relação aos diferentes feminismos e seus desdobramentos. Dessa maneira, a pesquisa trará benefícios como refletir sobre nosso lugar como mulher na sociedade e a generosidade entre as mulheres. Os riscos da pesquisa são apenas emocionais. A participação dela é livre de despesas pessoais e de compensação financeira. Se existir qualquer despesa adicional, será absorvida pelo orçamento da pesquisa. É garantido o direito de se manter informado(a) sobre os resultados parciais e finais, os quais serão publicados em eventos e periódicos científicos, mantendo-se o anonimato do participante. Garante-se também a liberdade de retirada do consentimento e do assentimento em qualquer etapa da pesquisa, sem prejuízo à continuidade do atendimento pela instituição. Para tanto, você poderá solicitar a retirada da participação de sua (pessoa menor de idade), entrando em contato comigo (e-mail: andreamcborges@gmail.com, telefone: (42) 998259326). A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em 29 de março de 2023, com parecer consubstanciado Número do Parecer: 5.972.157, esse comitê é responsável pela análise a aprovação ética de todas as pesquisas desenvolvidas com seres humanos, assegurando respeito pela identidade, integridade, dignidade, prática da solidariedade e justiça social.

Você receberá uma via deste termo e outra ficará com o(a) pesquisador(a).

Você aceita participar?

Eu (nome do responsável) concordo em consentir a participação do(a) (nome do menor de idade) nesta pesquisa.

Assinatura do(a) responsável. Data ___/___/___

Assinatura da pesquisadora responsável. Data ___/___/___

Termo de assentimento do menor.

Você está sendo convidada para participar da pesquisa **COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM: FEMINISMOS NAS NARRATIVAS DAS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO**. Queremos saber como circulam as narrativas de estudantes do Ensino Médio em relação aos feminismos e seus desdobramentos? Os estudantes que irão participar dessa pesquisa têm de 15 a 16 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita na sua escola, onde os estudantes (por meio de encontros em grupos (comunidades de aprendizagem) desenvolveram narrativas sobre o tema. Para isso, será usado/a (diários, revistas, músicas e filmes). O uso do material é considerado seguro, e esse material ficara sob guarda da pesquisadora durante o processo de realização da pesquisa, mas depois devolvido. Caso seu responsável tenha alguma dúvida pode nos procurar pelos telefones 42998259326 da pesquisadora Andréia Maria Cardoso Borges. Os resultados da pesquisa irão ser publicado, mas sem identificar os estudantes que participarão da pesquisa.

Eu _____ aceito participar da pesquisa. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Ponta Grossa-Paraná, ____ de _____ de _____

Assinatura do menor

Assinatura do responsável

Assinatura da pesquisadora

**ANEXO C – TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO LIVRO INTELECTUAL
DIFERENTONA EM VERSO E PROSA DA AUTORA BÁRBARA CARINE**

Copyright © 2022 Bárbara Carine Soares Pinheiro
1ª Edição

Direção editorial: José Roberto Marinho

Capa: Fabrício Ribeiro
Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pinheiro, Bárbara Carine Soares

Intelectual diferente: em verso e prosa / Bárbara Carine Soares Pinheiro. – São Paulo:
Livraria da Física, 2022.

ISBN 978-65-5563-242-2

I. Poesia brasileira I. Título.

22-108425

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:
I. Poesia: Literatura brasileira B869.1

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.
Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



APRESENTAÇÃO

CARINE

Quando alguém me chama de Carine em qualquer lugar do mundo, eu paro tudo o que estou fazendo e mobilizo o olhar e a energia mais afetiva que há em mim por imaginar ser alguém da minha família ou um vizinho ou amigo da minha rua na infância. Por toda a vida, em todos os lugares sérios, eu fui chamada de Bárbara: escola, ambientes de trabalho, faculdade, cursos, consultas médicas, terapêuticas etc. Carine é a menina da rua que empinava arraia sem camisa no telhado, representa a doçura de uma infância carente em diversas materialidades, mas rica em amor e senso de coletividade. Meu irmão, pouco antes de me deixar, me chamava de “Cari Cari”. Ele já pouco conversava comigo e com todos os seres humanos, mas vez ou outra me chamava num canto e dizia: “Cari Cari, bota um crédito no celular para mim”.

Na minha infância, sempre que eu estava triste e queria ficar sozinha, eu corria para o quintal lá de casa, na Travessa São Lázaro, nº 5, na Fazenda Grande do Retiro. Costumávamos sentar na escada da subida para o quarto que dormíamos nós cinco: minha, eu e meus irmãos (Milo, Dudu e Cris).

A vista da escada dava para a praia da Boa Viagem, uma praia de águas tranquilas e mornas em Salvador, que fica próxima à famosa praia da Ribeira e da Ponta de Humaitá. Aquela vista me tranquilizava e eu encontrava a paz que em algum canto estava em mim e aquele momento conseguia me conectar com essa fração temporal de gozo da existência. Às vezes até tocava La Belle de Jour, de Alceu Valença, na rádio e eu tinha certeza que a praia da Boa Viagem da canção era a minha praia da Boa Viagem. Minha

ignorância me levava a catarses emocionais incríveis neste encontro da paisagem com a canção, festejado no meu imaginário.

Um belo dia, o vizinho da rua de baixo, seu Jamaica, da Travessa São Roque, decidiu construir um prédio e acabou, por meio desta obra, com a vista que tanto me reconectava comigo e me trazia de volta o equilíbrio. Fiquei triste, angustiada, perturbada; a escada havia perdido um traço essencial de sua composição. Eu havia perdido o meu refúgio.

Com o passar do tempo percebi que dali em diante eu precisava construir as minhas próprias escadas com os meus próprios cenários para as diversas situações de adversidade que eu encontrasse na vida.

Em dezembro do ano passado (2021), cinco dias após ter sido roubada na compra de um carro, eu perdi subitamente o meu irmão Emerson Soares Pinheiro, mais conhecido como Dudu Perereco. Era um jovem negro periférico de 38 anos que há 10 se encontrava em situação de alcoolemia. Foi o irmão da extrema sensibilidade: me contava piadas constantes, formou minha preferência musical dentro do samba, me ensinou sobre futebol... era impossível estar perto de Dudu e não sorrir. As minhas maiores memórias de felicidade e cumplicidade da infância foram ao seu lado. Um certo dia, naquela mesma casa que nascemos e nos criamos, ele dormiu e esqueceu de acordar; comediante como sempre, sua vida se encerrou nesse gesto com que parecia estar a brincar.

Eu procurei desesperadamente a minha escada e não encontrei. Sou muito ligada à atividade física, foi uma grande escada que construí na minha vida. Lembro que na noite do enterro do meu irmão eu corri a corrida da falta de horizonte. Eu corria muitos quilômetros dentro do barulho ensurdecador que repousava o meu silêncio. Tudo o que eu queria na verdade era correr pra fora de mim. Pra bem longe daquela dor. Não foi possível. Foi quando, em algum momento da minha estadia no inferno, vieram-me alguns

versos soltos na minha cabeça e eu parei tudo o que estava fazendo naquele instante, peguei o meu celular e comecei a anotar no bloco de notas (como escrevo esse texto de apresentação exatamente agora). Surgiu ali um poema. Depois outro. Depois outro. Depois outro. De repente, me vi construindo essa escada e esse aconchegante cenário que é este livro. Nossa! Como essa escrita me salvou! Lembro de um dia que eu olhei pra esquina da minha rua, onde ficava o meu irmão, e não o encontrei e eu senti uma dor tão gigantesca, que eu sentei (novamente ela) na escada da Marazo Construção (uma loja de material de construção lá do bairro, próxima da nossa rua), peguei o celular e escrevi “a inconveniência da dor”. E na medida que desaguava em versos, eu recuperava a paz do meu.

Não é um livro sobre a dor, mas é uma escrita que parte dela. Eu escrevo sobre exatamente o que sou e tudo que me atravessa na minha dimensão existencial no mundo. Falo sobre amores diversos, sobre conhecimento ancestral africano, empoderamento negro, emancipação feminina, política, infância favelada, genocídio, sexo, natureza, maternagem, ciência, dor, tristeza, carência, felicidade, esperança, tudo aquilo que me forja e me toca enquanto mulher negra nordestina de origem favelada na sociedade hoje.

Espero que você se permita passear por mim dentro desses becos e encruzilhadas que compõem a minha geografia emocional e que, em algum canto desse trajeto, essa escada leve, também você, para a imagem de uma praia da Boa Viagem ensolarada, com suas águas calmas e um céu sem nuvens bem azulado, informando que a esperança novamente virá.

ANEXO D – CONTOS LIVRO EVARISTO, CONCEIÇÃO OLHOS D'AGUA
INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

Olhos d'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em eu que estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela

cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Uma viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à

cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão?

A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra

vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouvia uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.* Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também.* Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê.* Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida,* disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!*... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira:

— Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias,

mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

Quantos filhos Natalina teve?

Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento. As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio. Enjoava e vomitava muito durante quase toda a gravidez. Na terceira, vomitou até na hora do parto. Foi a pior gravidez para Natalina. Pior até do que a primeira, embora fosse ainda quase uma menina quando pariu o primeiro filho. Brincava gostoso quase todas as noites com o seu namoradinho e quando deu fé, o jogo prazeroso brincou de pique-esconde lá dentro de sua barriga. A mãe desesperada perguntou se ela queria o filho e se Bilico queria também. Ela não sabia responder por ele. Sabia, porém, que ela, Natalina, não queria. Que a mãe a perdoasse, não batesse nela, não contasse nada para o pai. Que fizesse segredo até para o Bilico. Ela estava com ódio e vergonha. Bilico nunca mais brincaria com ela. Ele não ia querer uma menina que estivesse esperando um filho. Que a mãe ficasse calada. Ela ia dar um jeito naquilo.

Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber. Sabia também que às vezes os chás resolviam, outras vezes, não. Escutava a mãe comentar com as vizinhas:

— Ei, fulana, o troço desceu! — E soltava uma gargalhada aliviada de quem conhecia o valor da vida e o valor da morte.

Natalina preparou os chás e tomou durante vários dias. Ela ficava em casa cuidando dos irmãos menores. Ia fazer catorze anos. Uma coisa estava lá dentro da barriga dela e ia crescer, crescer até um dia arrebentar no mundo. Não, ela não queria, precisava se ver livre daquilo.

A menina estava começando a ficar desesperada. Tomava os chás e não resolvia. Um dia a mãe perguntou-lhe como estava indo tudo. Ela não respondeu. A mãe entendeu a resposta muda da filha. Agora ela mesma é quem ia preparar os chás. Como haveria de criar mais uma criança? O que fazer quando o filho da menina nascesse? Na casa já havia tanta gente! Ela, o marido e sete crianças. E agora teria o filho da filha? Ia tentar mais um pouco de beberagens, se não desse certo, levaria a menina a Sá Praxedes. A

velha parteira cobraria um pouco, mas ficariam livres de tudo. Natalina segurou o temor em silêncio. Sá Praxedes, não! Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos. Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mãos vazias. Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro? Sá Praxedes, não. A mãe de Natalina e as outras mães sabiam que era só dizer para crianças que iam chamar a velha e os filhos ficavam quietos, obedeciam. Sá Praxedes comia criança! Natalina sabia disso. Ela também muitas vezes conseguia a obediência dos irmãos menores trazendo a velha parteira até o medo deles.

A mãe devia estar mesmo com muita mágoa dela. Estava querendo levá-la a Sá Praxedes. A velha ia comer aquilo que estava na barriga dela. Ia conseguir fazer o que os chás não tinham conseguido.

Natalina esperou. No outro dia, quando a mãe saiu cedo para a cozinha da madame, ela saiu logo atrás para lugar algum. Não sabia para onde ia. Ao descer o morro, em um dos becos passou em frente ao barraco de Bilico. Era ali que os dois brincavam prazerosos, sempre. Passou rápido, pisando levemente com medo de ser vista. Tinha de fugir de Sá Praxedes. Ganhou a avenida, ganhou outras ruas. Escondeu-se o mais longe possível de casa. Ganhou outros amigos também. Um dia, junto com outra menina-mulher que também esperava um filho, tomou um trem para mais longe ainda. E respirou aliviada. Sá Praxedes não a pegaria nunca.

Na terceira barriga ela sabia de tudo que ia acontecer. Na primeira e na segunda fora apanhada de surpresa. Bilico, amigo de infância, crescera com ela. Os dois haviam descoberto juntos o corpo. Foi com ele que ela descobriu que, apesar de doer um pouco, o seu buraco abria e ali dentro cabia o prazer, cabia a alegria. Quando a criança nasceu era a cara de Bilico. Igual, igualzinha. Ela conseguira fugir de Sá Praxedes. Não queria o menino, mas também não queria que ele fosse comido pela velha. Uma enfermeira quis o menino. A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital! E era como se ela tivesse ganho uma boneca que não desejasse e cedesse o brinquedo para alguém que quisesse.

A segunda gravidez foi também sem querer, mas ela já estava mais esperta. Brincava gostoso com os homens, mas não descuidava. Quando cismava com qualquer coisa, tomava os seus chazinhos, às vezes, o mês inteiro. As regras desciam então copiosas como rios de sangue. Mesmo assim, um dia uma semente teimosa vingou. Natalina passou novamente pelo momento de vergonha. Não ia contar para Tonho, mas o rapaz desconfiou. Havia noite que se assentavam no banco da praça e nem conversaram, ela só cochilava. Uma vez vomitou ao sentir cheiro de pipoca. Depois, um dia, no quarto da obra onde ele morava, quando Natalina se pôs nua, o rapaz perguntou docemente sobre aquela barriguinha que estava crescendo. Ela, envergonhada, contou-lhe que estava esperando um filho. Que ele a perdoasse. Que ela havia tomado uns chás. Que

ela conhecia uma tal de Sá Praxedes... Quando acabou a falação e olhou para Tonho, o moço chorava e ria. Abraçou Natalina e repetia feliz que ia ter um filho. Que formariam uma família. Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho... Voltou levando consigo o filho que Natalina não quis.

A terceira gravidez, ela também não queria. Quem quis foi o casal para quem Natalina trabalhava. Os dois viviam bem. Viajavam de tempos em tempos e quando regressavam davam sempre festas. Ela gostava de trabalhar ali. Era tudo muito tranquilo, ficava sozinha tomando conta do apartamento. Cozinhava, passava, lavava, mas só pra si. A casa parecia ser só dela. Um dia, enquanto divagava em seus sonhos de pretensa dona, o telefone tocou. Era a patroa que ligava do estrangeiro, em prantos, lhe pedia ajuda. Ela queria e precisava ter um filho. Só Natalina poderia ajudá-la. Ela não entendeu o telefonema nem as palavras da patroa. Ficou aguardando o regresso dos dois. Daí uns dias a patroa voltou. Natalina ouviu e entendeu tudo. A mulher queria um filho e não conseguia. Estava desesperada e envergonhada por isso. Ela e marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro. Um filho do marido com Natalina poderia passar como sendo seu. Natalina lembrou-se de Sá Praxedes comendo crianças. Vai ver que a velha, um dia, comeu o filho desta mulher e ela nem sabia. Lembrou da primeira criança que tivera e que nem tinha visto direito, pois fora direto para as mãos-coração da enfermeira que seria a mãe. Lembrou da segunda que ela deixara com o Tonho, pai feliz. Não entendeu porque aquela mulher se desesperava e se envergonhava tanto por não ter um filho. Tudo certo. Deitaria com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar, até a outra encontrar no fundo de um útero, que não o seu, algum bebê perdido no limiar de um tempo que só a velha Praxedes conhecia. A patroa chorava, mas parecia um pouco mais aliviada. Natalina levantou rápido e foi ao banheiro, na boca uma saliva grossa. Eram os primeiros enjoos que já começavam.

A patroa de Natalina passou a viajar sozinha. O patrão ficava no quarto dele, de noite levantava e ia buscar Natalina no quarto de empregada. Não falavam nada, naqueles encontros de prazer comedido. Cada vez que a patroa voltava, trazia em si o desejo de gravidez no olhar. Os três buscaram a gravidez durante meses e meses. Um dia as regras de Natalina não desceram. A patroa aflita pediu a urina, fizeram o exame: positivo. Os três estavam grávidos. O pai sorriu, voltou a viajar sempre. A patroa ficava o tempo todo com ela. Contratou outra empregada. Levava Natalina ao médico, cuidava de sua

alimentação e de distraí-la também. Natalina enjoava, enjoava. Vomitava sempre. A barriga crescia devagar, lenta e preguiçosa. A outra tirava as medidas da barriga de Natalina e ficava feliz. Telefonava ao marido informando tudo. Um dia, quando já estava no sétimo mês, viu o homem, pai da criança, que estava ali momentaneamente emprestada dentro dela. A patroa pegou a mão do marido e pousou-a lentamente sobre a barriga de Natalina. A criança mexeu, os dois se abraçaram felizes, enquanto Natalina não conseguiu segurar a náusea e ânsia de vômito. A patroa veio aflita. O esforço para vomitar era tão grande que trazia lágrimas aos olhos de Natalina. Ela aproveitou para, silenciosamente, chorar um pouco.

Tudo passava lento, os nove meses de eternidade, os enjoos. O estorvo que ela carregava na barriga fazia feliz o homem e a mulher que teriam um filho que saíria dela. Tinha vergonha de si mesma e deles.

Um dia a criança nasceu fraca e bela. Sobreviveu. Os pais choravam aflitos. Natalina quase morreu. Tinha os seios vazios, nenhum vestígio de leite para amamentar o filho da outra. Para o seu próprio alívio foi esquecida pelos dois.

A quarta gravidez de Natalina não lhe deixava em dívida com pessoa alguma. Não devia o prazer da descoberta ao iniciar-se mulher, como tinha sido nos encontros com Bilico.

Não devia nada, como na segunda barriga, quando ficou devedora diante da inteireza de Tonho, que se depositava pleno sobre ela, esperando que ela fosse viver com ele dias contínuos de um casal que acredita ser feliz.

Não era devedora de nada, como na terceira, ao se condoer de uma mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança. Doou sua fertilidade para que a outra pudesse inventar uma criação, e se tornou depositária de um filho alheio.

Não, dessa vez ela não devia nada a ninguém. Se aquela barriga tinha um preço, ela também tinha tido o seu, e tudo tinha sido feito com uma moeda bem valiosa. Agora teria um filho que seria só seu, sem ameaça de pai, de mãe, de Sá Praxedes, de companheiro algum ou de patrões. E haveria de ensinar para ele que a vida é viver e é morrer. É gerar e é matar.

O filho de Natalina continuava bulindo na barriga da mãe como se estivesse acompanhando também a busca que ela fazia na memória. Queria relembrar o caminho percorrido pelo carro. Um caminho que, por mais que se esforçasse, não conseguiria retomar e reconhecer nunca. Um trajeto que não pôde ver, pois tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente no seu barraco e a dominaram com força, perguntando-lhe pelo seu irmão. Ela não sabia o que responder. Não tinha irmão algum. Saíra de casa anos atrás, deixara a mãe, o pai e as seis irmãs. Os homens insistiam. Berravam dizendo que era pior e que não adiantava nada ela não dizer a

verdade. De vez em quando, o que estava sentado no banco de trás com ela, fazia-lhe um carinho nas pernas. Ela arrepiava de pavor. As mãos estavam amarradas e doíam. Em um dado momento, o carro parou e o que estava ao seu lado desceu. Despediu-se dela passando novamente a mão em suas pernas. Bateu nas costas do que estava no volante e desejou-lhe bom proveito. O outro continuou calado. O carro seguiu em frente. Ela calculou que deveriam ser uma três horas da madrugada, eles haviam chegado em seu barraco por volta da meia-noite. Estava fazendo muito frio. Natalina percebeu então que a marcha do carro diminuía e que estavam saindo da estrada e entrando no mato. Escutava o estalar de ramos secos. O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebetar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela. Depois tombou sonolento ao lado. Foi quando, ao consertar o corpo para se afastar dele, ela esbarrou em algo no chão. Presentiu era a arma dele. O movimento foi rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou tudo só pra ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida.

Estava feliz. O filho estava para arrebetar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma. Lembrava de Sá Praxedes e sorria. Aquela criança, Sá Praxedes não ia conseguir comer nunca. Um dia, quando era quase menina ainda, saíra da cidade onde nascera fugindo da velha parteira. Agora, bem recentemente, saíra de outra cidade fugindo do comparsa de um homem que ela havia matado. Sabia que o perigo existia, mas estava feliz. Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte.

va a voz de minha mãe, acintosamente, contava uma história acontecida na família dela. A história de uma irmã, que ela nem conhecera, pois tinha sido roubada, ainda menina e nunca mais a família soubera qualquer notícia. Não consegui sair e, entretanto, não fiquei. Não me assentei também, apesar dos pedidos. Depois, eu soube que soavam à minha volta. Fui juntando os pedaços do relato que eu pude escutar, em meio a uma profunda tontura. Porém, não era o relato de minha irmã que havia nascido depois de minha partida forçada que eu ouvia. Não era a fala dela que me prendia. E sim o jipe. Lá estava o jipe ganhando distância, distância, distância... Lá estava o meu irmão chorando no meio da estrada e eu indo, indo, indo... Quando acordei do desmaio, a moça do relato segurava a minha mão; não foi preciso dizer mais nada. A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemo-nos. Eu não era mais a desaparecida. E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre.

profundamente marcados por chumaços brancos, denunciando que a sua juventude já tinha ficado há um bom tempo para trás, seu rosto negro, sem qualquer vestígio de rugas, brincava de ser o de uma mulher, que no máximo teria os quarenta anos. Entretanto, Isaltina tinha uma filha de 35 anos. Walquíria, a sua menina, que me foi apresentada por meio de uma foto, orgulhosamente exibida pela mãe. Pude observar que, apesar da semelhança entre as duas, a filha não dissimulava a idade, como Campo Belo. Durante toda a narração da história, a foto de Walquíria não nos abandonou, ora nas mãos de Isaltina, ora nas minhas. Quando estava comigo, eu estava sempre aceitando o oferecimento da mãe, mas também podia ser fruto de um gesto involuntário meu, que, sem perceber, quase tomava a fotografia de Walquíria. E, quando o retrato da moça, não estava em nossas mãos, estava em cima da mesa a nos contemplar. Eu tive a impressão de que Campo Belo falava para a filha e não para mim. Não fiz uma interferência, nenhuma pergunta. Guardei silêncio, o momento de fala não era meu.

Desde menina — assim começou Campo Belo, com a foto de Walquíria nas mãos — eu me sentia diferente. Nascida após um menino e uma menina, tive uma infância sem muitas dificuldades. Meu pai trabalhava como pequeno funcionário da prefeitura e minha mãe como enfermeira do grande hospital público da

Isaltina Campo Belo

Isaltina Campo Belo me recebeu com um sorriso de boas-vindas acompanhado de um longo e apertado abraço. Depois desse gesto, meio sem graça, me pediu desculpas dizendo que estava se sentindo tão honrada com a minha presença, e por isso tinha cometido aquela desmesurada audácia. Não me importei — disse eu — aliás, me importei sim — gostei tanto, que espero a repetição desse abraço na saída. E soltamos uma boa gargalhada, como se fôssemos antigas e íntimas companheiras. A sonoridade de nossos risos, como cócegas no meu corpo, me dava mais motivos de gargalhar e creio que a ela também. E foi tudo tão espontâneo, que me recordei de algo que li um dia sobre o porquê de as mulheres negras sorrirem tanto. Embora o texto fosse um ensaio, lá estavam Isaltina e eu, como personagens do escrito, no momento em que vivíamos a nossa gargalhada nascida daquele franco afago. E quando os nossos risos serenaram, ela me agradeceu pelo fato de eu ter passado pela casa dela, para colher a sua história. Era uma honra, uma honra! — repetia pausadamente — sempre inquieta a me olhar.

Campo Belo, como gostava de ser chamada, entre outros detalhes, tinha uma idade indefinida, a meu ver. Se os cabelos curtos, à moda *black-power*, estavam

cidade. Ambos trabalhavam muito. Meu pai completava o salário fazendo a contabilidade de várias lojas do comércio local. E minha mãe, aplicando injeções, fazendo curativos e, às vezes, até partos de mulheres que, pelos mais variados motivos, não chegavam ao único hospital da cidade. Éramos muito conhecidos e bem aceitos. Nossa família, desde os avós maternos de minha mãe, já se encontrava estabelecida na cidade. Eles tinham chegado ali, como negros livres, nos meados do século dezenove, com uma parca economia. Minha mãe, orgulhosamente, sempre nos contava a luta de seus antecedentes pela compra da carta de alforria. Histórias que eu, meu irmão e minha irmã ouvíamos e repetíamos com altivez, sempre que podíamos, na escola. Meu pai, também nascido e ali criado, tinha histórias mais dolorosas de seus antepassados. Entretanto, seus pais, meus avós, à custa de muito trabalho em terras de fazendeiros, em um dado momento, conseguiram comprar alguns alqueires de terra e iniciaram uma lavoura própria. Era uma narrativa que alimentava também a nossa dignidade. E com isso, ele, filho único, pôde estudar, o que lhe rendeu o emprego na prefeitura local. Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados.

Eu era um menino. O que mais me intrigava era o fato de minha mãe ser enfermeira e nunca ter percebido o engano que todos cometiam. Ainda novinha, talvez antes mesmo dos meus cinco anos, eu já descobrira o menino que eu trazia em mim e acreditava piamente que, um dia, os grandes iriam perceber o erro que estavam cometendo. E quando, aos seis anos, numa noite, fui acometida por uma grave crise de apendicite, tendo de ser levada às pressas para o hospital, intimamente sorria feliz. Enquanto eu imaginava a minha volta como menino e a surpresa que isso causaria, meu irmão e irmã choravam copiosamente, pensando que eu fosse morrer. Meu pai, aflito, interrompeu a contabilidade para acompanhar a minha mãe ao hospital, local que ela tão bem conhecia. Meus avós, tios, tias, o clã inteiro, batiam a toda hora na nossa porta, procurando notícias e atrapalhando a nossa saída. Mamãe, querendo me apaziguar, e intuindo sobre o mal que me acometia, me explicava ternamente o que poderia acontecer. Ela dizia, com aparente calma, que talvez o médico precisasse fazer um "cortinho" na minha barriga. Apesar da dor, eu quase sorria e desejava que tal fato acontecesse. Ali estava a minha chance. O médico iria descobrir quem era eu, lá por debaixo de mim, e contaria para todos. Então, o menino que eu carregava, e que ninguém via, poderia soltar as suas asas e voar feliz.

O médico não descobriu. E a ignorância dele sobre quem eu era ficou comprovada quando, no outro dia, no final da tarde, ele me cumprimentou dizendo que eu era uma menina muito corajosa, mais corajosa do que muitos meninos. A dor que eu senti naquele momento foi maior do que a que senti com a supuração de minha apendicite. Busquei a face de minha mãe, na esperança de encontrar, no rosto dela, qualquer sinal de desagrado diante da tolice que o médico havia dito. Pelo contrário, mamãe sorria e ainda completou a errada fala do médico dizendo que ele tinha razão. Ela estava muito orgulhosa de mim, ela não sabia que eu era uma menina tão corajosa... Odiei minha mãe naquele momento, achei que ela não podia agir comigo daquela forma.

Até eu completar dez anos, mais ou menos, cresci alternando um sentimento de ódio e de amor por minha mãe. A todos eu perdoava o desconhecimento que tinham a meu respeito, menos à minha mãe. Impossível acreditar que ela não soubesse quem eu era. Por que ela agia daquela forma comigo? Quanto ao meu irmão e minha irmã, eu os supunha muito ingênuos, distraídos até. Como meu irmão não percebia que eu era igual a ele e como a minha irmã não percebia que eu era diferente dela? E minha mãe sempre cumprindo o papel de minha algoz. Por que ela não corrigia os demais? De meu pai, não sei o porquê, nunca pensei que

ele pudesse me ajudar nas inconfessáveis urgências de minha infância. Era um homem boníssimo, mas a quem, nós, crianças, não tínhamos a coragem de interromper em seus infintos trabalhos. Entretanto, a perene certeza de que eu era diferente e a falta de lugar que esse sentimento me causava não me deixavam alheia aos jogos da idade. Brincava, brigava, estudava como qualquer criança do lugar em que nasci e cresci.

Outro acontecimento que marcou a minha vida, no que tange ao menino que eu acreditava trazer em mim, foi quando surgiram os primeiros sangramentos menstruais de minha irmã. Ela estava exatamente com doze anos e eu ia completar dez dali a uns meses. Sobre menstruação e outros assuntos relativos a sexo, não sabíamos nada, além do que descobríamos por conta própria. Esses assuntos e mais alguns eram segredados entre as mulheres adultas da família. Porém, com a chegada do sangue mensal de minha irmã, a escorrer pelas suas pernas, houve para nós uma ligeira entronização nas conversas das mulheres mais velhas. A chegada do sangue de minha irmã assim se deu:

Estávamos ela e eu numa entontecida brincadeira de sobe e desce das árvores, fugindo de meu irmão, que já havia completado os treze anos, quando percebi um filete de sangue escorrendo pela perna abaixo de minha irmã. Apavorada, gritei, pensando que ela tivesse se machucado no entrepernas. Mamãe veio ralhan-

do contra o meu escândalo e ordenando que descêssemos da árvore (aliás, ela não gostava que subíssemos em árvores, só o meu irmão podia). Nesse momento, minha irmã voltou a reclamar de uma dor na barriga, que ela já vinha sofrendo há dias. Mamãe nos mandou entrar. Fomos os três. Entretanto, meu irmão foi dispensado e avisado de que não ficasse por ali, tentando escutar conversa de mulheres. Sem muito rodeio e grandes explicações, ela nos falou do sangue que as mulheres vertem todos os meses. Concluiu a explicação dizendo que a minha irmã havia ficado "mocinha". E com uma entonação mais baixa e carinhosa de voz, afirmou que brevemente teria duas "mocinhas" dentro de casa, pois a minha hora estava chegando. E chegou mesmo. Antes dos meus onze anos, uma noite, sem qualquer sinal do que estava para acontecer, sem dor alguma, quem verteu sangue fui eu. Não senti prazer ou desprazer algum. Tanto eu como minha irmã já estávamos mais sabidinhas. Em pouco tempo, sem que a mamãe-enfermeira soubesse, descobrimos, na rua e nos livros, tudo sobre o corpo da mulher e do homem. Sobre beijos e afagos dos homens para com as mulheres. Lembro-me de que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora de lugar. Eu via e sentia o meu corpo parecer com o de minha irmã e se diferenciar do porte de meu irmão. Eu já sabia que a história do sangue mensal era

nossa, isto é, de mulheres. Sabia também que só o corpo da mulher podia guardar dentro dele um bebê. Eu via o meu corpo menina e, muitas vezes, gostava de me contemplar. O que me confundia era o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam. E, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. Em toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. Recusava namorados, inventava explicações sobre o meu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao meu lado. Até que, um dia, dolorosamente tudo mudou.

Tinha eu meus vinte e dois anos sem nunca ter experimentado uma paixão, um afago, uma ilusão de amor qualquer. Nem platônica. A cada pergunta de minha mãe ou de alguém de minha família sobre a existência de um possível namorado, mesmo eu jurando que nem em desejos essa pessoa existia, todas as pessoas, normalmente, desacreditavam de minha resposta negativa. E as justificativas sobre essas descrenças eram sempre as mesmas. Como uma jovem tão inteligente, tão bonita, tão educada, tão e tão como eu, podia estar sozinha... Inexplicável. Enquanto isso, meu irmão e minha irmã cada vez mais se afirmavam no campo amoroso, sob a aprovação ou desaprovação, não só de nossos pais, mas de vários membros da família. Sem nada para contar, pois nada eu tinha vivi-

do nesse terreno, estranha no ninho, em que os pares são formados por um homem e uma mulher, resolvi sair de casa, mudar de cidade, buscar um mundo que me coubesse. Mas que me coubesse sozinha. E achei, ou melhor, acreditei ter achado. Com um diploma nas mãos e algum conhecimento de enfermagem, parti para a cidade, buscando emprego e mais estudos. Ali fiz amigos e, por uns tempos, ninguém me perguntou sobre nada que eu não soubesse ou quisesse responder. Meus dias seguiam tranquilos. Eu era eu, uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim. Tudo desconhecido, nada experimentado no campo amoroso. Uma fuga que me garantia certa segurança, já que eu não me expunha a ninguém, até que um dia um colega de faculdade disse estar encantado por mim. Iniciamos um namoro sem jeito, só de palavras e comedidos gestos. Ele de uma elegância e de um cuidado tal, que ganhou a minha confiança. E me conquistou tanto como uma pessoa de bem, que acreditei que ele entenderia, quando eu contasse para ele, uma das diferenças que eu vivia em mim, em relação ao nosso namoro. Um dia, em que ele desejava beijos e afagos, e eu sem desejo algum, sem nada a me palpar por dentro e por fora, falei de minha vida até ali. Falei do menino que eu carregava em mim desde sempre. Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia

escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... Eu não sabia o que responder para ele. Em mim, eu achava a resposta, mas só para mim. Eu sabia, desde a infância, do menino que existia em mim. E esse menino crescera comigo, assim como cresceram os meus seios...

Esse meu pretenso namorado, ou melhor, esse pretensioso namorado, continuou me cercando. Não mostrava nenhum desapontamento com a minha recusa, mesmo depois de ter feito mais algumas tentativas, não por atos e sim por palavras, por doces pedidos. Continuamos e nos tornamos amigos, pensava eu. Um dia, ele me convidou para a festa de seu aniversário e dizia ter convidado outros colegas de trabalho, entre os quais, duas enfermeiras do setor. Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento. Nunca

contei para ninguém o acontecido. Só agora, depois de trinta e cinco anos, neste exato momento, me esforço por falar em voz alta o que me aconteceu. Os mais humilhantes detalhes morrem na minha garganta, mas nunca nas minhas lembranças. Nunca mais voltei ao trabalho. Hoje eu reagiria de outra forma, tenho certeza, mas na época, fui tomada por um sentimento de vergonha e impotência. Sentia-me como o símbolo da insignificância. Quem eu era? Quem era eu? Depois, apareceu a gravidez, uma possibilidade, na qual eu nunca pensara, nem como desejo, e jamais como um risco. Tal era o estado de alheamento em que eu me encontrava, que só fui me perceber grávida sete meses depois, quase com a criança nascendo. Nem a falta do sangramento mensal, nem a modificação do meu corpo e muito menos a movimentação do bebê... Walquíria se fez sozinha em mim. Pai sempre foi um nome impronunciável para ela. Dentre cinco homens, de quem seria a paternidade construída sob o signo da violência? Não sei, não sei... Meus pais se rejubilaram felizes, quando voltei em casa com a minha menina. Fizeram algumas perguntas sobre o namorado que eu havia arrumado na cidade. Nada eu disse. Respeitaram o meu silêncio. Passei por lá uns tempos, trabalhando no mesmo hospital em que minha mãe trabalhava. Um dia, achei que era novamente a hora de partir. E assim fiz, levando comigo a minha menina. Eu vivia

por ela. Tudo em mim adormecido, menos o amor por minha filha. Entretanto, bons ventos também sopram. E quem me trouxe o vento da bonança foi ela, minha filha. Como? Digo eu, como.

Na primeira reunião do jardim de infância, em que matriculei Walquíria, naquele momento, apreendi não só as orientações que a professora transmitia às mães das crianças, mas também o olhar insistente da moça em minha direção. E foi então que o menino que habitava em mim reapareceu crescido. Voltei à minha infância, imagens embaralhadas se interpunham entre mim e a moça. Minha mãe, meu pai, a operação de apendicite, a menstruação de minha irmã a escorrer pela perna abaixo, a minha logo depois, nós duas ouvindo várias vezes os ensinamentos de como deviam se comportar as mocinhas e meu irmão subindo em árvores com o consentimento de minha mãe... Nesse emaranhado de lembranças, lá estavam o meu corpo-mulher, a cena do estrupo, minha filha nascendo. E, de repente, uma constatação que me apaziguou. Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhan-

te, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam. Busquei novamente o olhar daquela que seria a primeira professora de minha filha e com quem eu aprenderia também a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma. O olhar dela continuava a chamar pelo meu. Respondi ao momento. O tempo de todos os dias nos conduziu, enquanto eu conduzia Walquíria para a escola. E todos os dias passaram a ser nossos. Como um chamamento à vida, Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve.

Tamanha foi a nossa felicidade. Miríades, Walquíria e eu. Minha menina, se pai não teve, de mãe, o carinho foi em abundância, em dose dupla. Hoje, Miríades brinca de esconde-esconde em alguma outra galáxia. Ela jaz no espaço eterno. Tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquíria e eu.

Shirley Paixão

Foi assim — me contou Shirley Paixão — quando vi caído o corpo ensanguentado daquele que tinha sido meu homem, nenhuma compaixão tive. E, se não fosse uma vizinha, eu continuaria o meu insano ato. Queria matá-lo, queria acabar com aquele malacafento, mas ele é tão ruim que não morreu! Não adianta me perguntar se me arrependi. Arrependi não. Confessei à polícia o meu desejo, a minha intenção. Não que eu tivesse planejado, nunca. Vivíamos bem, as brigas e os desentendimentos que, às vezes, surgiam entre nós eram por questões corriqueiras, como na vida de qualquer casal. Nada demais. Mas, no momento em que tudo aconteceu, eu só tinha uma certeza: aquele homem não merecia viver. Havia anos que estávamos juntos. Quando ele veio para minha casa, trouxe as três meninas. Elas eram ainda pequenas, as minhas duas regulavam idade com as deles. As cinco meninas tinham idades entre cinco e nove anos. E, logo-logo, selaram irmandade entre elas. Pessoas desconhecidas, não sabedoras de nossa vida, nem imaginavam que o parentesco entre elas não tivesse o laço sanguíneo, pois fisicamente se assemelhavam. Ninguém dizia que elas eram filhas de mães e pais diferentes. Assim como as minhas meninas pareciam ter esque-

cido a fugaz presença de um pai, evadido no tempo e no espaço, que tinha ido embora sem nunca dar notícia, e adotaram, como verdadeiro pai, aquele que se fazia presente e parecia gostar delas, as meninas dele ganharam meu coração. O desamparo delas, a silenciosa lembrança da mãe morta, de quem elas não falavam nunca, tudo me fez enternecer por elas. As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas. E assim seguia a vida cúmplice entre nós. Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres. Às vezes, o homem da casa nos acusava, implicando com o nosso estar sempre junto. Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. Não sei explicar, mas, em alguns momentos, eu chegava a pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele. Mas como? Por que ele? Até que o tempo me deu a amarga resposta e entendi, então, os sinais que eu intuía e que recusava decifrar.

Seni, a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado a minha casa quando faltavam três meses para completar nove anos, sempre foi a mais arredia. Não por gestos, mas por palavras. Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio. Nos

primeiros tempos de nosso convívio, era mais caladinha ainda. Respeitei sua pouca fala, imaginei saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe. Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela. Viase que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. Eu percebendo a dificuldade da relação dele com a menina, procurei ampará-la, abrigá-la mais e mais em mim. Imaginava a falta que ela sentia da mãe. E assim ela foi crescendo, alternando períodos de pouca, com nenhuma fala. Em meio às cinco, sobressaía pela timidez. Entretanto, ali pelos seus doze anos, já era uma mocinha feita. Zelosa com ela mesma e, mais ainda, com as irmãs. Eu procurava desviá-la do caminho de uma responsabilidade, que não era dela, ao perceber o excesso de cuidado e os gestos de proteção com que ela cercava as irmãs e, às vezes, se eu permitisse, até a mim. Sempre de pouca conversa, mas de um desmedido amor para quem convivesse com ela. Na escola, tinha também um comportamento exemplar. Suas notas estavam sempre acima da média. Certa vez, uma de suas professoras me chamou, para saber se, em casa, éramos severos com ela. Ela observara que Seni tinha mania de perfeição e uma autocensura muito grande. Expliquei para a moça que não. Que o pai implicava muito com ela, mas pouco ou nada exigia. Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la, constantemente com palavras de deboche, apesar da minha

insistência em apontar o modo cruel com que ele tratava a filha. E que, de minha parte, eu fazia tudo para aliviá-la das exigências que ela mesma se impunha. Na época, ficou combinado que, com auxílio da escola, procuraríamos um acompanhamento psicológico para Seni. Saí da escola mais preocupada ainda com o comportamento da menina. Será que ela se julgava culpada pela morte da mãe e a busca da perfeição seria uma maneira de purgar a sua culpa? Dizem que as crianças pequenas costumam reagir assim diante da morte de um ente querido. Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina, e acho mesmo que não investi contra ela, porque eu estava por perto. Seni entrou em pânico. Chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se quisesse enfiar o corpo dela dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim. A sensação que eu tive foi como se ela tivesse regredido no tempo. Não era uma mocinha de doze anos que chorava e sim uma menininha desesperada, pedindo socorro. Encarei o homem, que ainda era meu marido. Ele olhava de modo estranho para filha. Temi por ela e por mim. Gritei, com raiva, para que ele sáisse da sala e me deixasse com Seni, que era filha dele — não era tanto assim, já que ele não tinha por ela o amor de pai. Abracei minha menina de doze anos. A que eu não

tinha parido, mas que eu tinha certeza ser ela também minha filha. Por ela e pelas outras eu morreria ou mataria se preciso fosse. E necessário foi o gesto extremo meu de quase matá-lo. Foi com uma precisão quase mortal que golpeei a cabeça do infame. Ao relembrar o acontecido, sinto o mesmo ódio. Repito que não me arrependi. Se há um arrependimento, foi de ter confiado naquele homem, que contaminou de dores a vida de minhas meninas. Às vezes, penso que tudo estava desenhado para fazer parte de meu caminho. Foi preciso que o ordinário chegasse a minha casa, com as três filhas, para que elas fossem salvas da crueldade do pai.

E tamanha foi a crueldade dele. Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos. Naquela noite, o animal estava tão furioso — afirma Shirley, chorando — que Seni, para a sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos. As irmãs acordaram apavoradas engrossando a gritaria e o pedido de socorro. A princípio, não reconheceram o pai — só podia ser um estranho — e começaram a chamar por ele e por mim. Nem assim o desgraçado

recuou. E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio menina, violentado diversas vezes por ele, desde quando a mãe dela falecera. Nesse momento, eu já estava alcançando o quarto das meninas, no andar superior. E não conseguia atinar como alguém, que não tivesse a chave, pudesse ter entrado em nossa casa. Só podia ser ele, mas não imaginava a brutalidade da cena. Por um momento, pensei que ele, na ignorância dele, tivesse subido ao quarto para brigar mais uma vez com Seni. Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vezes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. Naquele instante, a vida para mim perdeu o sentido, ou ganhou mais, nem sei. Eu precisava salvar minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstro! Seria matar ou morrer. Morrer eu não poderia, senão ele seria vitorioso e levaria seu intento até ao fim. E a salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão. Na metade do segundo movimento, alguém me segurou — uma vizinha. Outras

e outras pessoas chegaram, despertadas pelos gritos. A menorzinha delas, sem que eu percebesse, saiu do quarto, gritando a vizinha e abrindo a porta. Depois vieram mais e mais sofrimentos: a imagem de minha menina nua, desamparada, envergonhada diante de mim, das irmãs e dos vizinhos, eu jamais esquecerei. Só quando vi o maldito estendido no chão, foi que corri para proteger Seni, e a sensação que experimentei foi a de que pegava um bebê estrangulado no meu colo. Naquele momento de total incompreensão diante da vida, eu não sabia o que dizer para Seni. Somente a embulhei no lençol e fiquei com ela no colo, chorávamos. Ela, as irmãs e eu. Esquecemos o corpo caído no chão. Não sei quanto tempo passou. Não sei dizer direito quem decidiu o que fazer. Só me lembro de ter cumprido ordens, como: — Não banhar a menina. — Entregá-la para a minha amiga Luzia, para levá-la ao exame de corpo de delito. — Fui aconselhada a fugir do flagrante, eu deveria ir para a casa de uma de minhas irmãs. Tudo indicava que o homem estava morto. Nada importava, porém. Eu só queria ficar com Seni, que já não chorava, não falava; apática, parecia estar fora do mundo, enquanto as outras meninas desesperadamente se agarravam a mim.

O homem não estava morto. Recuperou a vida na cadeia. Eu vivi ainda tempos de minha meia-morte, atrás das grades, longe das minhas filhas e de toda a

minha gente, por ter quase matado aquele animal. Sei que não se pode e nem se deve fazer justiça com as próprias mãos, mas o meu ato foi o de livrar a minha filha. Não tinha outro jeito. Era um homem alto e forte. Só um golpe bem dado poderia conter a força bruta dele. Fiquei três anos presa, depois ganhei a condicional. Hoje, quase trinta anos depois desses dolorosos fatos, continuamos a vida. Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, profunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria.

ANEXO E - COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

Encontro I da comunidade: 10 de outubro 2023.
Tópico de discussão: Construção da nossa comunidade de aprendizagem.
<p>Objetivo(s): Olhar para nós e nossos corpos, por meio da escrita autobiográfica; Compreender o conceito de comunidade de aprendizagem; Entender o significado da produção dos cadernos de artista. Os objetivos foram construídos a partir da reflexão da escrita de hooks (2019, p. 29)</p> <p style="text-align: center;">Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como todas as posições políticas, uma pessoa adere as políticas feministas por escolha e ação. Quando mulheres organizadas pela primeira vez em grupos para juntas, conversar sobre questões relacionadas ao sexismo e a dominação masculina, elas foram claras quanto ao fato de que mulheres eram tão socializadas para acreditar em pensamentos e valores sexistas quanto aos homens. A diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do sexismo do que as mulheres e, como consequência era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado. Antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas; precisamos criar consciência.</p>
Caminhos da comunidade.
Apresentação das estudantes: equipe de pesquisa e participantes da pesquisa. (tempo estimado 10min.)
<p>Integração:</p> <p>Foi disponibilizado pelo colégio a sala de projetos e reuniões, nessa sala acontecerão os encontros da comunidade de aprendizagem. Nesse ambiente as poltronas são organizadas em círculo, iniciaremos, nossa comunidade, em um primeiro momento, com o desenvolvimento de um diálogo de apresentação como nome, idade, interesse profissional e perspectivas sobre nossos encontros. Para que as meninas além de se conhecerem, sintam sua voz privilegiada e pertencentes ao grupo.</p> <p>Após as apresentações, foi explicado que nesses encontros tentariamos construir uma comunidade de aprendizagem, e o conceito de comunidade de aprendizagem, desenvolvido por bell hooks (2020) em que as comunidades pedagógicas ou de aprendizagem têm o objetivo de desenvolver um trabalho coletivo, que crie um ambiente de partilha, em que a participação é mútua, o movimento de ideias trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos.</p> <p>A comunidade de aprendizagem é um movimento de denúncia, atravessar fronteiras é meio pelo qual se constrói comunidade (hooks, 2020). hooks (2021) pensa na conexão e distinção entre raça, classe e gênero e como essas categorias impactam as comunidades de ensino-aprendizado ou mesmo as tentativas de criar laços de verdadeiro amor entre as pessoas. As comunidades promovem a capacidade de</p>

qualquer grupo criar uma comunidade aberta de aprendizado.

A biografia de bell hooks foi resumidamente apresentada as participantes, utilizando seus livros e a seguinte, segundo (hooks, 2021) ela foi registrada como Gloria Jean Watkins, pseudônimo bell hooks inspirada pela bisavó materna, Bell Blair Hooks, é uma homenagem as mulheres fortes, já que sua bisavó gostava assim como ela de expressar suas opiniões e ideias. Criada em uma família de domínio patriarcal, de classe trabalhadora, sua mãe era dona de casa e seu pai era zelador, conviveu com cinco irmãs e um irmão. Nasceu em 1952 em Hopkinsville, Kentucky, sul dos EUA. A segregação racial permanecia e isso era um desafio para ela e tantos outros negros do país. Isso ficava bem evidente no tratamento que recebeu durante a sua infância. Desde jovem Bell se mostrou astuciosa, pois traduzia nas escritas as palavras de opressão que vivia nos mais diversos ambientes de sua vida.

Para construir a minha voz eu tinha que falar – e falar foi o que fiz – lançando-me para dentro e para fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando. Nem preciso dizer que as punições para esses atos discursivos eram infinitas. Elas tinham o propósito de silenciar – a criança, mais particularmente a menina. Se eu fosse um menino, eles teriam me encorajado a falar, acreditando que assim, algum dia, eu poderia ser chamado para pregar. (hooks,2019, p. 32).

Na obra de hooks (2019) Mariléia Almeida cita como intelecto da autora era visto como desafiador por seus pais, pois era alvo de punições, na década de 1950, em um contexto de segregação racial as oportunidades para mulheres negras estavam limitadas ao trabalho doméstico, casamento e filhos, ou profissionalmente as garotas que gostavam de estudar, poderiam ser professoras. Em *Wounds of Pasion: a witting life* (Feridas da Paixão: uma vida de escrita,1997), livro de memórias que narra sua relação amorosa com a escrita, Hooks conta que ser professora naquele contexto era optar por uma vida celibatária. “O magistério era visto como algo quase sacerdotal. A carreira de professora, era renunciar à vida amorosa e à vida sexual. De um modo geral, as meninas não eram estimuladas a desenvolver o intelecto, já que, conforme afirmava o pai de bell hooks, “os homens não gostam de mulheres que falam o que pensam” (Hooks,2017, p.10).

Formou-se em literatura inglesa em Stanford em 1973, no auge do movimento feminista. Entre 1970 e 1980, hooks assim como outras escritoras e ativistas negras sofre críticas de mulheres e homens dos movimentos negros, pois ela relata o machismo existente dentro do movimento, que era dominado pelos homens. E no movimento Feminista dominado por mulheres brancas a negação do racismo, e a de que existia diferença de gêneros entre a comunidade negras. A escritora e teórica Bell Hooks faleceu em uma quarta-feira (15) de 2021 aos 69 anos,a causa da morte foi insuficiência renal em estágio terminal.(EBC,2021)

Em um segundo momento, após relatar a história de vida de bell hooks as participantes, propomos a escrita de **caderno de artista: Narrativas autobiográficas**, pois para bell hooks (2019) escrever foi uma maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la perto, ela descreve:

E então eu escrevia os pedacinhos de conversas, fazendo confissões a diários baratos que logo caíam aos pedaços de tanto serem manuseados, expressando intensidade da minha tristeza, a angústia da fala – por estar sempre dizendo coisa erradas. Eu não conseguia restringir meu discurso aos limites e as preocupações necessárias da vida escondia esses escritos embaixo da cama, em enchimentos de travesseiros, entre roupas íntimas

gastas. Quando minhas irmãs os encontravam e liam, elas me ridicularizavam e zombavam de mim, debochando. Eu me sentia violentada, envergonhada, como se partes secretas do meu eu tivesse sido exposta, trazidas para fora e penduradas como roupa recém-lavada a céu aberto para todo mundo ver. O medo da exposição, o medo de que os sentimentos mais profundos e os pensamentos mais íntimos fossem desprezados como meros devaneios, sentido por tantas garotas jovens que guardam diários, que recebem e escondem a fala, parece-me agora uma das barreiras que as mulheres sempre precisaram e ainda precisam destruir para que não sejamos mais empurradas para o segredo e o silêncio. (hooks, 2019, p. 33).

A pesquisadora mostrou seu caderno de artista e propôs que as estudantes escrevessem em seus cadernos, as impressões dos encontros e acontecimentos do seu dia a dia. Este caderno pode, além das descrições, apresentar desenhos, colagens, letras de músicas entre outros meios de expressão de ideias e sentimentos. Será exibido o vídeo um hábito que mudou minha vida: escrever (https://www.youtube.com/watch?v=X6J_JiSvgbU), a youtuber Fernanda Domingues estudante de designer, e especialista em conteúdos criativos relata que escrever, se expressar por meio da escrita foi terapêutico no seu processo de aprender a trabalhar com a comunicação. E como nossos hábitos influenciam em nossas vidas e a maneira que trabalhamos nossas emoções. Ela finaliza dando dicas de como criar um caderno autobiográfico.

As estudantes receberam cadernos para escreverem suas confissões durante a pesquisa e também customizarem com tecido, botões, figuras, ou seja, criem suas identidades em seus diários, como desejarem. Após esse momento será entregue a charge do personagem Snoopy que fala sobre se autobiografar.



Fonte: Disponível em: <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/image/148616970977>

Para que estudantes colassem em seus cadernos e juntas refletimos sobre a autobiografia, a pesquisadora mostrou e lêu seu parágrafo autobiográfico, sobre o que é ser mulher para ela, como ela se vê, se sente em relação a si mesma, e se observa na sociedade e solicita que as participantes escrevam um parágrafo autobiográfico e o que elas entendem por ser mulher e por feminismo, para que possamos compartilhar na comunidade suas autobiografias.

No livro Ensinado a Transgredir: A educação como prática de liberdade, hooks relata como o parágrafo autobiográfico ajuda construir uma consciência comunitária, (2017, pag.115).

(...)No curso introdutório sobre escritoras negras, peço aos alunos que escrevam um parágrafo autobiográfico sobre uma lembrança racial do início de sua vida. Cada pessoa lê seu parágrafo em voz alta para classe. O

ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e unicidade de cada voz. Esse exercício ressalta a experiência sem privilegiar as vozes dos alunos de um grupo qualquer. Ajuda a criar uma consciência comunitária da diversidade das nossas experiências e proporciona uma certa noção daquelas experiências que podem informar o modo como pensamos e dizemos. Visto que esse exercício transforma a sala de aula num espaço onde a experiência é valorizada, não negada nem considerada sem significado, os alunos parecem menos tendentes a fazer do relato da experiência um lugar onde competem pela voz, se é que o fato essa competição está acontecendo. Na nossa de aula, os alunos em geral não sentem a necessidade de competir, pois o conceito da voz privilegiada da autoridade é desconstruído pela nossa prática coletiva.

(tempo estimado 60min.)

Geração do tópico para próximo encontro:

Sugerimos o vídeo: 4 vezes que o feminismo defendeu crianças e adolescentes.

<https://www.youtube.com/watch?v=Gz94oldQJs8>)

Para auxiliar na escrita do caderno deixaremos um pequeno texto:

Foi entregue o texto de apresentação do livro *Intelectual diferente* em verso e prosa da autora Bárbara Carine às participantes, onde Bárbara explica como escrever mudou a sua vida.

E essa reflexão:

Pense na escrita do caderno, olhem para vocês, as coisas que trazem alegria, angústia, prazer, raiva. O que vocês gostam de fazer, com quem gostam de estar. Como vocês se relacionam com seus corpos, vocês gostam dele? O que mais admiram em vocês? Contem das séries, músicas, escola, casa, amigos/as, enfim do que tiverem vontade de contar e compartilhar

(tempo estimado 10min.)

Referências:

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

Hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

Hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

Hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 3ª ed. **Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019**.

LONGONI, Fernanda. **Um hábito que mudou minha vida: escrever**. YouTube, 2021.

Pinheiro, Bárbara Carine Soares. **Intelectual diferente em verso e prosa**. 1. Ed. São Paulo: Livraria da Física, 2022. V. 1. 98p.

PINHO, Gabriel. **Como o Diário Melhorou Minha Saúde Mental**. YouTube, 2020.

BERNSTEIN, Sharon. **Morre escritora e ativista Bell Hooks ao 69 anos**. **EBC Agência Brasil internacional**. 2021. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-12/escritora-e-ativista-norte-americana-Bell-Hooks-morre-aos-69-anos>> acesso em 10 de junho de 2023.

SCHULZ, Charles. **Depósito de tirinhas**. 08 de abril 2021. Disponível em <<https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/148616970977/por-charles>> acesso em 31 de julho de 2023.

Encontro II da comunidade: 17 de outubro de 2023.

Tópico de discussão: Feminismos: significados e conceitos.

Objetivo(s): Compreender que o Feminismo é para todo mundo;

Refletir a estrutura da sociedade patriarcal;

Discutir os feminismos que circulam entre essas estudantes participantes da nossa comunidade.

Caminhos da comunidade.

Integração: Iniciamos o segundo encontro da comunidade de aprendizagem retomando algumas questões do primeiro encontro questionado se alguma se sente à vontade para nos relatar suas reflexões ou escritas nos cadernos. Nesse momento, eu e a Bruna compartilhamos nossos relatos. A conversação, o compartilhamento de ideias, histórias e experiências é uma ferramenta fundamental para a aprendizagem (hooks, 2017, p.25). Após, foi organizado grupos de três estudantes, que realizaram a leitura dos estudos de caso e reflexão do grupo sobre cada caso. O texto foi dividido em duplas, para que cada dupla explique seu caso. Entendemos que as ideias se renovam quando circulam pela conversa, pela troca, pela colaboração, nos levando a romper fronteiras (hooks, 2017). A docência não deve ser vista apenas como um trabalho a ser desenvolvido de forma técnica, necessita de uma amorosidade¹⁷ “um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas” (hooks, 2017, p. 24).

Especial Mulheres na política: A desigualdade em Ponta Grossa.

02/06/2021

Desde 1885, somente 13 vereadoras foram eleitas para a Câmara Municipal de Ponta Grossa

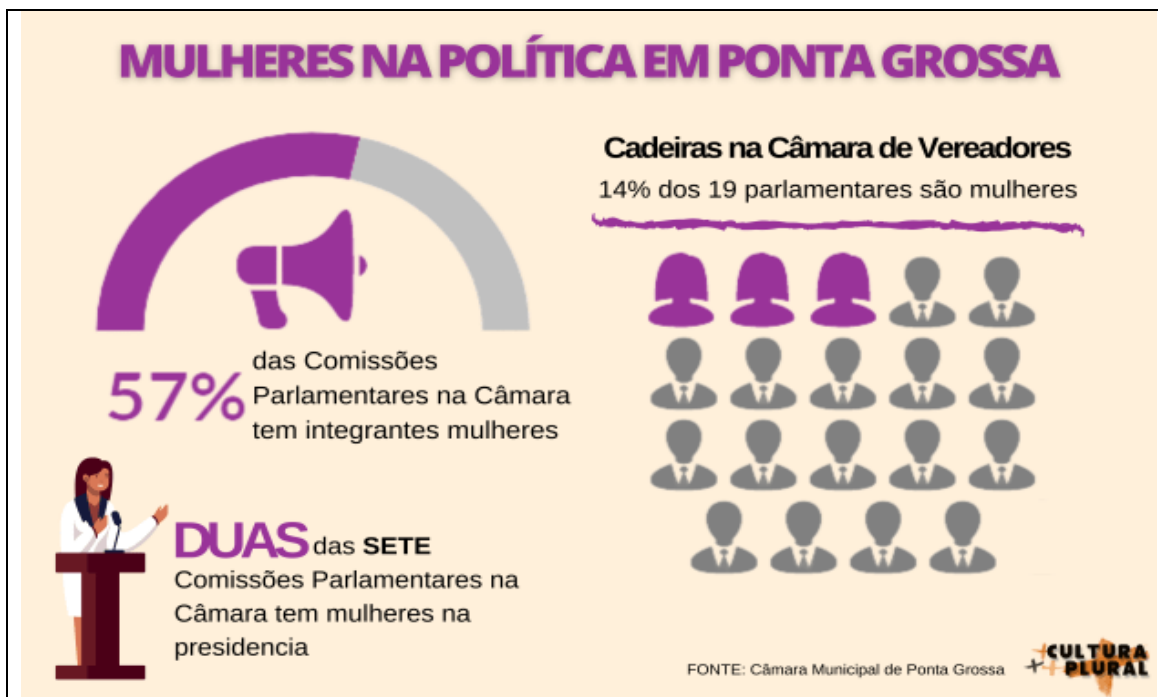
Historicamente, assim como no Brasil, Ponta Grossa apresenta desigualdade de gênero dentro da política. Desde 1885, somente 13 vereadoras foram eleitas para a Câmara Municipal de Ponta Grossa e três assumiram o cargo de outros vereadores.

Uma história: vereadoras ponta-grossenses.

A primeira vereadora foi eleita na cidade em 1951. Cândida Braz foi vereadora pelo PTB. Em entrevista para o site [Maria Pauteira](#), que produziu uma série de reportagens sobre as mulheres na política em Ponta Grossa, a família conta que, na Tribuna da Câmara Municipal, Cândida disse: “Tem muita gente aqui me metendo o pau por trás, quero ver ter a coragem de me meter o pau pela frente”.

Atualmente, a Câmara Municipal possui três vereadoras: Josieane Kieras do Mandato Coletivo do Psol (composto por mais três co-vereadores: Ana Paula Melo, Guilherme Mazer e José Luiz Stefaniak), Joce Canto (PSC) e Missionária Adriana Jamier (SD).

¹⁷ A obra *Bell Hooks tudo sobre o amor novas perspectivas* traz a reflexão que o amor é mais que um sentimento- é uma ação capaz de transformar o niilismo, a ganância, e a obsessão pelo poder que domina nossa cultura. É através da construção de uma ética amorosa que seremos capazes de edificar uma sociedade verdadeiramente igualitária, fundamentada na justiça e no compromisso com o bem estar coletivo.



Na opinião da dupla, por que temos poucas mulheres na câmara de vereadores de Ponta Grossa? Será que isso se repete em outros lugares, como por exemplo na câmara de deputados federais e estaduais? Há outros lugares em que as mulheres são minorias? E em quais trabalhos as mulheres são maioria? Na sua opinião por que isso ocorre?

Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/posts/especial-mulheres-na-politica-mulher-e-politica-a-desigualdade-em-ponta-grossa/> acesso em 16 de outubro de 2023.

Brasil segue como o país com maior número de pessoas LGBTQ+ assassinadas

Publicado em 31/01/2023 – 13:35 Por Ana Mary Cavalcante – Repórter da Rádio Universitária FM – Fortaleza

O número de pessoas LGBTQ+ assassinadas no Brasil em 2022 mantém o país no topo mundial entre aqueles que realizam pesquisas sobre esse tipo de violência. Foram 242 homicídios – ou uma morte a cada 34 horas -, além de 14 suicídios. O levantamento é do Grupo Gay da Bahia, realizado a partir de notícias publicadas nos meios de comunicação. A pesquisa é feita há 43 anos e revela a cultura do ódio contra a população LGBTQ+ na sociedade brasileira. O Nordeste continua sendo a região mais insegura para a população LGBTQ+, concentrando 43,3% das mortes violentas. E Fortaleza está entre as dez cidades brasileiras com mais casos de mortes violentas de LGBTQ+, em números absolutos.

A população trans, proporcionalmente, corre 19% mais riscos de crimes letais que os homossexuais. A maioria das vítimas têm idades entre 18 e 29 anos.

O que você pensa em relação as pessoas LGBTI+?

Se você estivesse lendo essa reportagem com uma amiga e ela te perguntasse por que pessoas LGBTQIA+ são mortas como você explicaria?

E se ela perguntasse o porquê elas cometem suicídio qual seria sua explicação?

Disponível <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-01/brasil-segue-como-pais-com-maior-numero-de-pessoas-lgbt-assassinadas> em 16 de outubro de 2023.

Alunos de medicina ficam pelados simulam masturbação durante jogo de vôlei feminino em campeonato universitário em SP.

Estudantes do curso de medicina da Universidade Santo Amaro (Unisa) ficaram pelados e simularam uma masturbação durante um jogo de vôlei feminino de um campeonato universitário. Nas redes sociais, os vídeos foram compartilhados afirmando que os estudantes simularam uma masturbação coletiva no campeonato Intermed, que ocorreu no último final de semana. Nas imagens, eles aparecem encostando nas próprias partes íntimas.

No final de semana, o influenciador Felipe Neto repostou o vídeo com as imagens cobrando resposta da Unisa. “Olá @UnisaOficial – o Brasil está esperando o posicionamento de vocês quanto aos alunos de medicina q se masturbaram publicamente nos jogos universitários, cometendo crimes. A faculdade não vai se pronunciar? Não vai fazer nada?”, questionou. Outros internautas também usaram as redes para cobrar posicionamento da universidade.

Se você fosse uma das jogadoras como se sentiria?

Qual a opinião a respeito das meninas jogadoras não denunciarem tais colegas?

Por que você acha que isso acontece?

Disponível <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/18/alunos-de-faculdade-de-medicina-de-sp-ficam-pelados-durante-jogo-de-volei-feminino-em-campeonato-universitario-e-video-viraliza.ghtml> acesso em 16 de outubro de 2023.

Pedimos para elas relatarem os relatos e depois discutirem as questões com o grupo maior, instigue as demais a também manifestarem suas opiniões.

Será proposta que a leitura e explicação da cartilha Feminismos para Todes produzida por Alícia Santana, Ana Clara Lebrão, Grazielle Reis, Jucimara Santana e Jussana Vilas

Boas (2020), que trata de diferentes feminismos, como: Empoderamento feminismo, interseccionalidade, Feminismo lésbico, Feminismo negro, Transfeminismo, Feminismo comunitário

Geração do tópico para próximo encontro:

Ao final foi explicado que no próximo encontro iríamos trabalhar com a obra “Olhos d’água” e “Insubmissas lágrimas de mulheres” da autora Conceição Evaristo (2016). Essas obras são compostas por contos que abordam a história de personagens mulheres silenciadas pelo racismo, pelas imposições econômicas, por condições degradantes de trabalho e pelas questões de gênero. São narrativas curtas sobre crianças, homens e, sobretudo, mulheres. Personagens femininas – mães, idosas, crianças, ex-prostitutas, domésticas – estão sempre no centro do processo de escrita da autora.

Para casa é escrever no caderno... coisas que lembrem sobre o discutido no encontro.

FEMINISMO E LUTA DE CLASSES



Imagem da internet

No que diz respeito ao feminismo e a luta de classes, o feminismo marxista, dentro desse contexto, é que aborda acerca de gênero/classe com maior objetividade. Nesse sentido, o feminismo marxista, da segunda metade do século XX, faz críticas ao sistema capitalista, de modo que a luta de classes deve levar em consideração os papéis exercidos pelos gêneros dentro dessa dinâmica. Pois, caso não houvesse essa luta, consequentemente haveria a institucionalização dos benefícios do homem em detrimento da naturalização e exploração das mulheres. É importante ressaltar que o feminismo

Tornou-se mais influente entre 1970-1980, e é caracterizado pela contestação e revisão sobre a heterossexualidade como instituição. Os textos feministas lésbicos trabalham em prol de desnaturalizar a heterossexualidade e seu enraizamento no patriarcado, ou seja, tentam romper com o conceito de heterossexualidade compulsória.

O Feminismo lésbico, prega a liberdade de direitos das mulheres, sobretudo, sobre seus corpos no âmbito afetivo, proporcionando uma análise mais crítica sobre a origem e o enraizamento do domínio masculino, e sua naturalização dentro da sociedade.

O movimento busca como um ato de resistência, desmistificar a heterossexualidade imposta, sobretudo às mulheres como forma de dominação.

HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA:

"É a exigência para que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, a heterossexualidade se apresenta como única forma considerada normal de vivência da sexualidade". Fonte: Bahia Blogs

FEMINISMO LÉSBICO NEGRO



Nessa vertente, o conceito de Interseccionalidade também faz-se presente. A autora Audre Lorde, busca elucidá-lo a partir das identidades: mulher; lésbica; negra, a fim de mostrar como essa pluralidade mexe com a organização padrão da sociedade.

O feminismo lésbico negro, através do ntercruzamento de gênero, sexualidade e raça possibilita a reflexão de que essas mulheres enfrentam maiores riscos de vulnerabilidade, por subverterem a ordem vigente da sociedade em mais de uma posição.

TRANSFEMINISMO



Imagem da internet

EmiKoyama (2001) define o transfeminismo como, "primordialmente, um movimento feito por e para mulheres trans que entendem que a sua liberação está intrinsecamente ligada à liberação de todas as mulheres, e além". Segundo a autora, os princípios do feminismo transgênero são simples, apesar das barreiras impostas para a sua aplicabilidade na nossa sociedade binária e patriarcal.

marxista, além da questão do gênero e da classe, privilegia e trata também acerca da violência e exploração doméstica, se contrapondo à ideia de que a divisão do trabalho seria a raiz da discriminação de gênero, de modo que deixar essas questões a segundo plano, não só legitima a exploração, como também desconsidera os privilégios de classes existentes dentro do próprio grupo de mulheres.

FEMINISMO NEGRO

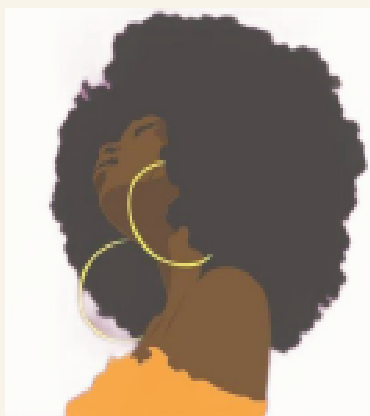


Imagem da internet

No Brasil, o feminismo negro começa a ganhar força nos anos 1980. Segundo Núbia Moreira, "a relação das mulheres negras com o movimento feminista se estabelece a partir do III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertoga em 1985, de onde emerge a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista. A partir daí, surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras". Essa vertente é pautada na luta de mulheres negras por equanimidade, através da Interseccionalidade de gênero, raça e classe, visibilizando seus corpos e subjetividades, que foram silenciados historicamente na sociedade, sobretudo,

dentro do próprio movimento feminista, anteriormente constituído por mulheres majoritariamente brancas.

"Interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável". (RIBEIRO, 2016, p.101)

Neste sentido, a autora bell hooks chama a atenção para "as contradições que o feminismo representou, especialmente quando encabeçado por mulheres privilegiadas que se autodeclararam proprietárias do movimento, constituindo o que chama de "feminismo de poder" (2018). Segundo hooks, é de suma importância o feminismo negro para o debate político. Pensar como as opressões se combinam e entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se pensar outras possibilidades de existência.

FEMINISMO LÉSBICO



"Cada individuo tem o direito de definir suas próprias identidades e esperar que a sociedade as respeite. Isso também inclui o direito de expressar nosso gênero sem medo de discriminação ou violência. Em segundo lugar, temos que ter o direito exclusivo de tomar decisões sobre nossos próprios corpos, e que nenhuma autoridade política, médica ou religiosa violará a integridade de nossos corpos contra nossa vontade ou impedir nossas decisões acerca do que fazemos com eles". (KOYAMA, 2001)

As mulheres transexuais são invisibilizadas em nossa sociedade, não só pelo machismo, mas também pelo sexismo, que lhes nega o direito a feminilidade. A inviabilização ocorre até mesmo dentro do próprio movimento feminista, tendo em vista que algumas feministas, sobretudo da vertente Radical, vão contra o feminismo trans, por acreditarem que as mesmas possuem, ou, em algum momento da vida já usufruíram dos privilégios masculinos, e assim estariam apagando a luta de mulheres cisgênero.

Cisgênero: pessoas que se identificam com o sexo biológico.

As mulheres trans não recebem o mesmo tratamento dado às mulheres cis, muito menos as mesmas oportunidades, sendo expostas a violências de todos os tipos, inclusive institucional, quando lutam por direitos básicos, como adequar legalmente o seu registro civil ao nome e ao gênero com o

qual se identificam e muitas vezes são rechaçadas pelo judiciário, tendo de se submeterem a arriscadas cirurgias de redesignação genital, ainda que não sintam nenhum tipo de disforia, para que somente após tenham a concessão do direito fundamental à identidade.

Disforia de gênero: identificação forte e persistente com o gênero oposto associada a ansiedade, depressão, irritabilidade e muitas vezes a um desejo de viver como um gênero diferente do sexo biológico.

O transfeminismo visa desmistificar esses paradigmas e visibilizar essas mulheres, dando-lhes voz na luta por uma vida mais digna e igualitária.

FEMINISMO COMUNITÁRIO: RESISTÊNCIA LATINO-AMERICANA



Imagem da internet

[...] O feminismo comunitário é um movimento autônomo e genuinamente latino-americano, ou seja, não é uma vertente do feminismo tradicional que surgiu após a Revolução Francesa em 1789, por isso se propõe a pensar as questões referentes às mulheres latino-americanas e se distancia do feminismo ocidental, buscando dar visibilidade às lutas das mulheres que nunca foram oficialmente incluídas nesse movimento feminista. Além disso, muito antes de o movimento feminista ocidental surgir as mulheres dos povos originários já se rebelavam contra as opressões em todo o território de AbyaYala (América Latina). Pois, segundo as feministas comunitárias mesmo antes da colonização o patriarcado já existia e atuava nas nossas comunidades, ou seja, existem duas dimensões do patriarcado: um patriarcado pré-colonial e outro pós-colonial (ocidental).

Para o feminismo comunitário o patriarcado é o sistema responsável por todas as opressões e violências que afetam a humanidade e a natureza, mas historicamente esse sistema é construído especificamente sobre os corpos das mulheres. Para Julieta Paredes, ativista boliviana e uma das fundadoras do movimento, "o feminismo comunitário é a luta de qualquer mulher, em qualquer parte do mundo, em qualquer tempo da história, que luta e se rebela contra um patriarcado que a oprime ou pretende oprimir". (PAREDES, p.76,2010).

Assim, o que se pretende é a destruição do patriarcado - em suas diferentes dimensões - e de seu grande aliado que é o neoliberalismo. Pois, sabe-se que a partir da década de 80 a onda neoliberal avançou sobre a América Latina deixando seu rastro

de opressão social, exploração dos recursos naturais e apropriação das causas sociais objetivando a manutenção da sua lógica política/econômica, e, com isso, legitimando o sistema de opressões patriarcais. Dito isso, o feminismo comunitário se apresenta enquanto um movimento despatriarcal, decolonial e antineoliberalismo.

[...]

Contribuição de Raiele Coutinho

(tempo estimado 60min.)

Referências:

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Pallas Editora, 2016.

SANTANA, Alícia; LEBRÃO, Ana Clara; REIS, Grazielle; SANTANA, Jucimara; BOAS, Jussana Vilas. Feminismos: delas para todes. Vitória da Conquista, 2020, p.11. Disponível em: @CA.CiSo.UESB

SILVA, Fernanda de Paula. Machado Rita de Cassia. **10 razões para estudar os feminismos.**07 de fevereiro 2023. Disponível em <comunicacaoaspensadoras@pb03.wixemails.com> acesso em 20 de março de 2023.

Encontro III da comunidade: 24 outubro de 2023.
Caminhos da comunidade.
Tópico de discussão: Esperançar.
Objetivo(s): Evidenciar diferentes opressões narradas pelas estudantes; Compreender o conceito de esperançar como posicionamento crítico.
<p>Integração: Iniciamos o encontro com a leitura: Da voz outra, faço a minha, as histórias também. [...] E, depois, confesso, a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Por tanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. (EVARISTO, 2016, p. 7).</p> <p>As estudantes foram divididas em duplas e cada dupla recebera um conto que pode ser ou do livro da autora Evaristo Conceição olhos d'agua ou da obra Insubmissa lagrimas de mulheres. Após o tempo de leitura de cada dupla, foi solicitado que o grupo na grande roda da comunidade compartilhe e narrem a personagem e o enredo do seu conto e as anotações em seus cadernos que queiram compartilhar, a partir do seguinte questionamento: Qual reflexão do esperançar podemos sentir em meio a tais opressões que tantas mulheres sofrem em nossa sociedade? Para que pensemos como bell hooks “Minha esperança emerge daqueles lugares de luta nas quais testemunho indivíduos transformado positivamente sua vida e o mundo ao seu redor. Educar é sempre uma vocação arraigada na esperança. Como professoras e professores, acreditamos que aprender é possível, que nada pode impedir uma mente aberta de buscar conhecimento e de encontrar um modo de saber” (2021, pág. 28). (tempo estimado 60min.)</p>
<p>Geração do tópico para próximo encontro:</p> <p>Para o próximo encontro foi entregue a letra da música: Triste, louca ou má da banda Franciso el Hombre, e será solicitado que elas tragam também em seus cadernos relatos de músicas ou filmes, que ouviram ou assistiram e narrem porque essas músicas as sensibilizaram ou chamaram atenção enquanto mulheres, para que possamos discutir no próximo encontro.</p> <p>Letra da musica Triste, louca ou má da banda Franciso el Hombre (2021) que foi entregue para as meninas colarem em seus diários.</p> <p>Ao entregar a letra para as estudantes da pesquisa a pesquisadora confessou que escolheu essa música pela potência da letra, pela reflexão do papel da mulher na sociedade, quando não se enquadra é triste, louca ou má. E quando foi buscar a estória da música Triste louca ou má se encantou. Essa é uma composição de Ju Strassacapa, cantora da banda Francisco el Hombre. Nesse sentido, a música expressa sua inquietação diante dos enquadramentos sociais aos quais as mulheres são submetidas e classificadas quando fogem do padrão estabelecido pela sociedade.</p>

TRISTE, LOUCA OU MÁ

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Sô mesmo, rejeita

Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
(você é seu próprio lar)

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E o homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou,
desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou,
desatou nós
Vai viver só...

Foto e letra da Ju Strassacapa disponível em: <https://sapatista.com.br/a-historia-da-musica-triste-louca-ou-ma>

E o trecho que a pesquisadora mais gosta é esse:

“Prefiro queimar o mapa

traçar de novo a estrada

Ver cores nas cinzas

E a vida reinventar.”

por trazer sentimentos do esperar, esperar que a aproxima de dois importantes

autores educadores bell hooks e Paulo Freire. Edinéia Gonçalves no prefácio do livro *Ensinado comunidade: uma pedagogia da esperança* (hooks, 2017) relata que ambos trazem conceitos do esperar como verbo ação, que tem efeito coletivo, ou seja, é a possibilidade, a condição de se estabelecer uma comunidade que reaja à violência e à humilhação de um sistema opressor baseado nas demandas de um grupo que sempre foi favorecido. Esse trecho faz meu coração como mulher, que pesquisa as mulheres, acreditar que podemos buscar por novas existências. Essa música me parece um mantra uma poesia. A compositora constrói uma narrativa, mostrando que certos padrões não podem ser construídos dessa forma, e que podemos nos reinventar, recriar e recomeçar.

(tempo estimado 20min.)

Referência:

Fernandes, Camila. **Análise da música Triste, louca ou má**. 08 de abril 2021. Disponível em < <https://www.letras.mus.br/blog/analise-triste-louca-ou-ma/>> acesso em 04 de maio de 2023.

Quarta de comunidade: 31 de outubro de 2023.

Caminhos da comunidade.

Objetivos da comunidade: Refletir a solidariedade feminina.

Iniciamos o último encontro da nossa comunidade de aprendizagem ouvindo a música “Triste, louca ou má” da banda Franciso el Hombre (2021) selecionada no encontro passado, a pesquisadora questionou qual lembranças, reflexões, incômodos traz a letra da música. Após as estudantes apresentam as músicas que encontraram, filmes que gostariam de compartilhar na comunidade e as questões voltadas para os feminismos.

Porque escolheram essas músicas.

Questões discutidas na comunidade anterior, serão retomadas:

- No último encontro, foi mencionado como o apoio da mãe para aceitar a namorada de umas das adolescentes foi importante para o fortalecimento existencial e auto estima da estudante.
- Duas participantes das comunidades relataram que não tiveram o apoio da família quando assumiram sua sexualidade e encontram no acolimento e compreensão dos amigos forças para enfrentar os preconceitos da diversidade na sociedade.
- Como as mídias ajudam ou atrapalham pelas lutas das mulheres e comunidade LGBTQI+.

Após esse momento realizamos uma prática para pensar na empatia feminina, foi entregue um barbante para uma delas e solicitado que use para dar um nozinho em volta do dedo, e passe o barbante para outra estudante aleatoriamente do círculo. Ao final, uma grande teia terá se formado, para pensarmos e explorarmos o ensinamento oito da obra *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança de bell hooks*, a imaginação. É importante poder imaginar e criar uma realidade diferente, e antes de termos a solidariedade feminina precisamos também ser solidárias conosco. Então será solicitado que elas imaginem, se fossem alguém que estivesse fora do nosso planeta, uma deusa com poderes olhando para nós. Olhando para a comunidade que criamos para que que essas pessoas o que vocês fariam, para outras mulheres? Para você mesma?

“De algum modo, devemos nosso feminismo a nossas mães e avós mesmo quando elas não se diziam feministas. Com elas, estamos inscritas como mulheres-ou como pessoas em geral que se afirmam como feministas- em uma história que não começa nem termina em nossa mera vida” (TIBURI, 2021, p.33).

O intuito é mostrar para as mulheres o quanto os relacionamentos e os laços com quem está à nossa volta são importantes, e como nós mulheres podemos desenvolver empatia por outras mulheres as vendo como companheira de lutas e não como concorrentes como alguns ambientes insistem em nos fazer acreditar.

(...)Nossas antepassadas, diretas ou não, nos tornamos feministas porque houve mulheres que foram duramente oprimidas, mas também porque no passado existiram lutadoras incomuns pessoas que se tornaram exemplos, mulheres a quem devemos o nosso lugar. Estamos unidas às feministas do passado e, desse modo, às do futuro. (TIBURI, 2021, p.33).

Além disso, é imprescindível observar como agentes externos podem nos influenciar, será feita uma breve discussão sobre a importância das pessoas que nos cercam e dos relacionamentos que construímos com elas, como esses estruturam nossa vida. E que assim como a teia que se formou nossas relações, dependem estão ligadas com o outro, sendo assim como mulheres podemos nos salvar e apoiarmos umas às outras pelas causas que buscamos em comum.

A pesquisadora narrou suas reflexões, em um processo de avaliação da pesquisa, de como esses encontros impactaram a vida dela, quais aprendizados ela leva dessa comunidade. Assim solicitará que as estudantes também avaliem esses momentos que dividimos juntas, para pensarmos em questões: Como as estudantes se localizam e posicionam sobre os estudos que realizamos juntas. Será que conseguimos construir um novo pensar? Quais possibilidades de esperar sobre o tema criamos juntas? Nesse momento, temos o objetivo de refletir e retomar o que ficou, para que juntas possamos ver a comunidade de aprendizagem que construímos, com esses encontros, e alguns impactos relacionado ao tema na vida dessas estudantes que participaram da pesquisa.

(tempo estimado 50min.)

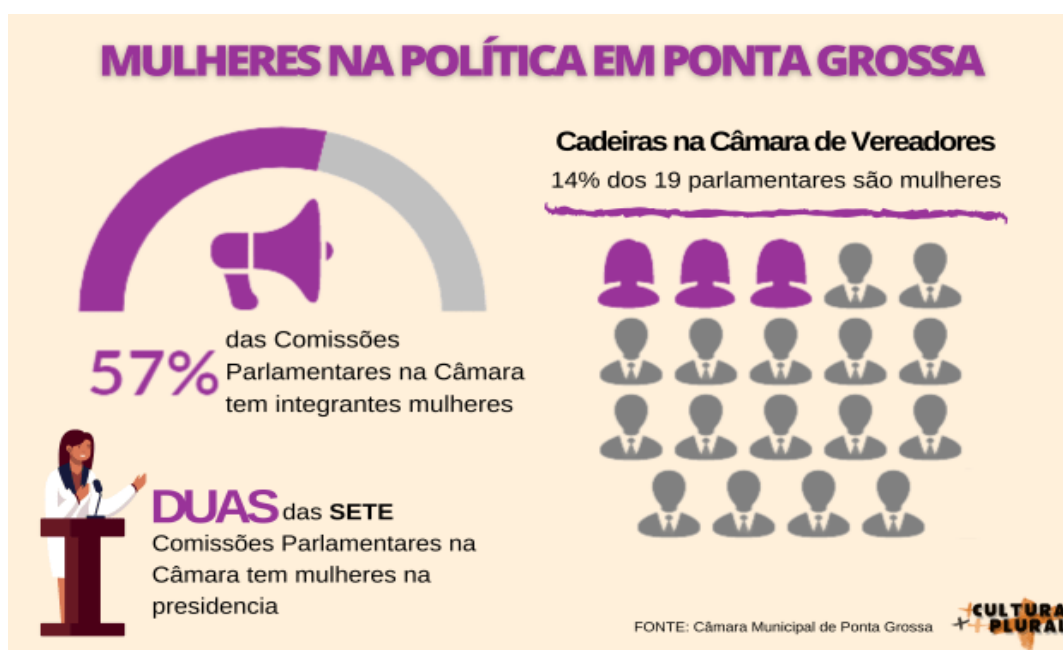
Finalização da pesquisa proposta: Momento de agradecimento as estudantes participantes da pesquisa, expondo que assim que concluída a pesquisa essas estudantes receberam uma cópia do trabalho, caso tenham interesse em ler todo conteúdo proposto, também serão convidadas a participar do momento da defesa da dissertação.

(tempo estimado 20min.)

ANEXO F -TEXTOS DOS ESTUDOS DE CASO

Especial Mulheres na Política | Mulher e política: a desigualdade em Ponta Grossa 02/06/2021

Desde 1885, somente 13 vereadoras foram eleitas para a Câmara Municipal de Ponta Grossa. Historicamente, assim como no Brasil, Ponta Grossa apresenta desigualdade de gênero dentro da política. Desde 1885, somente 13 vereadoras foram eleitas para a Câmara Municipal de Ponta Grossa e três assumiram o cargo de outros vereadores.



Uma história: vereadoras ponta-grossenses

A primeira vereadora foi eleita na cidade em 1951. Cândida Braz foi vereadora pelo PTB. Em entrevista para o site [Maria Pauteira](#), que produziu uma série de reportagens sobre as mulheres na política em Ponta Grossa, a família conta que, na Tribuna da Câmara Municipal, Cândida disse: “Tem muita gente aqui me metendo o pau por trás, quero ver ter a coragem de me meter o pau pela frente”. Atualmente, a Câmara Municipal possui três vereadoras: Josiane Kieras do Mandato Coletivo do Psol (composto por mais três co-vereadores: Ana Paula Melo, Guilherme Mazer e José Luiz Stefaniak), Joce Canto (PSC) e Missionária Adriana Jamier (SD).

Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/posts/especial-mulheres-na-politica-mulher-e-politica-a-desigualdade-em-ponta-grossa/> acesso em 16 de outubro de 2023.

Brasil segue como país com maior número de pessoas LGBTQ+ assassinadas

Publicado em 31/01/2023 - 13:35 Por Ana Mary Cavalcante - Repórter da Rádio Universitária FM - Fortaleza

O número de pessoas LGBTQ+ assassinadas no Brasil em 2022 mantém o país no topo mundial entre aqueles que realizam pesquisas sobre esse tipo de violência. Foram 242 homicídios - ou uma morte a cada 34 horas -, além de 14 suicídios. O levantamento é do Grupo Gay da Bahia, realizado a partir de notícias publicadas nos meios de comunicação. A pesquisa é feita há 43 anos e revela a cultura do ódio contra a população LGBTQ+ na sociedade brasileira. O Nordeste continua sendo a região mais insegura para a população LGBTQ+, concentrando 43,3% das mortes violentas. E Fortaleza está entre as dez cidades brasileiras com mais casos de mortes violentas de LGBTQ+, em números absolutos. A população trans, proporcionalmente, corre 19% mais riscos de crimes letais que os homossexuais. A maioria das vítimas têm idades entre 18 e 29 anos.

Disponível <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-01/brasil-segue-como-pais-com-maior-numero-de-pessoas-lgbt-assassinadas> em 16 de outubro de 2023.

Alunos de medicina ficam pelados e simulam masturbação durante jogo de vôlei feminino em campeonato universitário em SP.

Estudantes do curso de medicina da Universidade Santo Amaro (Unisa) ficaram pelados e simularam uma masturbação durante um jogo de vôlei feminino de um campeonato universitário. Nas redes sociais, os vídeos foram compartilhados afirmando que os estudantes simularam uma masturbação coletiva no campeonato Intermed, que ocorreu no último final de semana. Nas imagens, eles aparecem encostando nas próprias partes íntimas. No final de semana, o influenciador Felipe Neto repostou o vídeo com as imagens cobrando resposta da Unisa. "Olá @UnisaOficial - o Brasil está esperando o posicionamento de vocês quanto aos alunos de medicina q se masturbaram publicamente nos jogos universitários, cometendo crimes. A faculdade não vai se pronunciar? Não vai fazer nada?", questionou. Outros internautas também usaram as redes para cobrar posicionamento da universidade.

Disponível <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/18/alunos-de-faculdade-de-medicina-de-sp-ficam-pelados-durante-jogo-de-volei-feminino-em-campeonato-universitario-e-video-viraliza.ghtml> acesso em 16 de outubro de 2023.